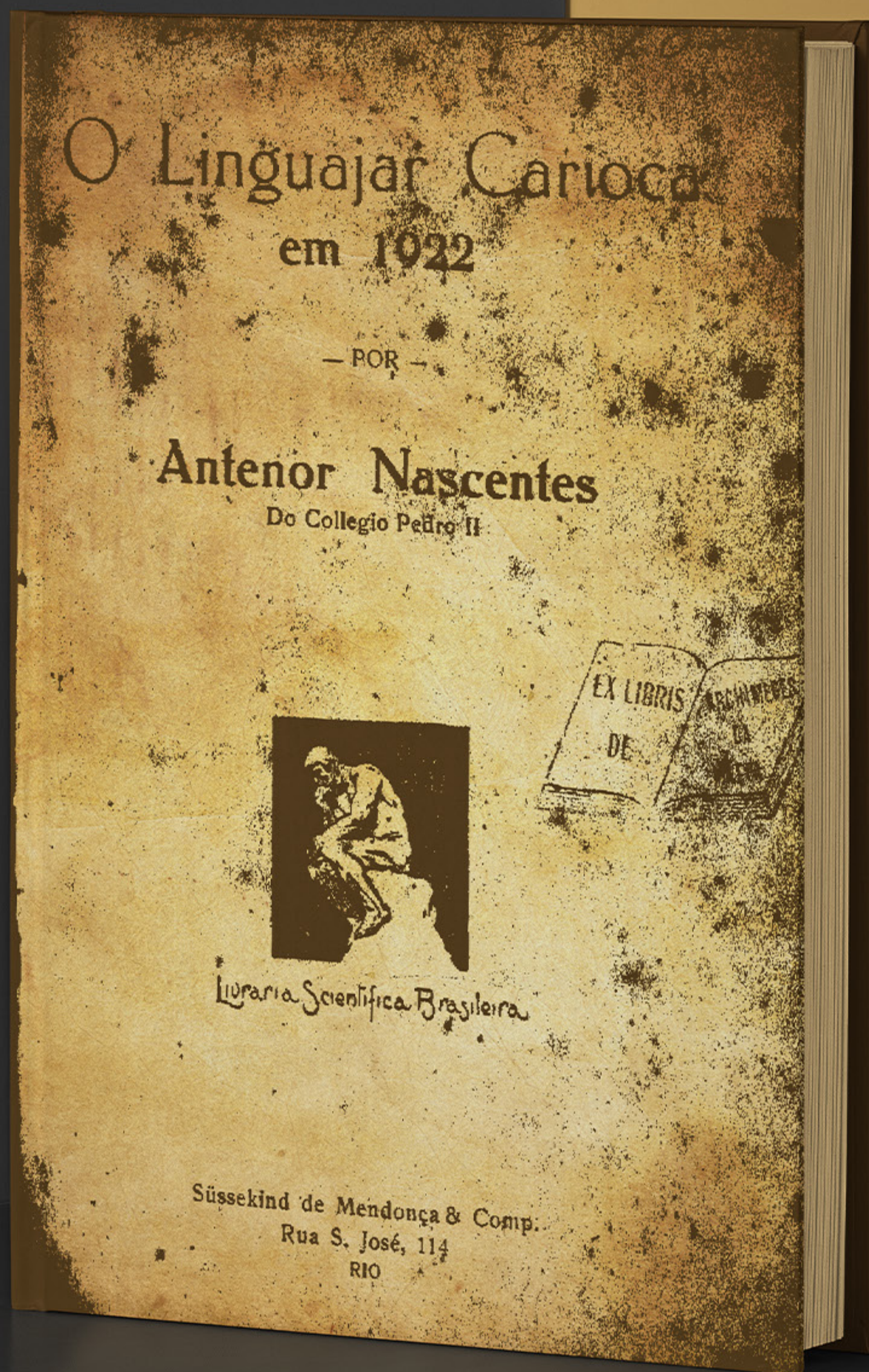


# O Linguajar Carioca em 1922

**Antenor Nascentes**

Marcelo Rocha Barros Gonçalves  
Roberto Leiser Baronas  
**Organizadores**



Marcelo Rocha Barros Gonçalves  
Roberto Leiser Baronas  
(org.)

# O Linguajar Carioca em 1922

**Antenor Nascentes**

Apresentação de Vanderci de Andrade Aguilera  
Posfácio de Raquel Meister Ko. Freitag

Araraquara  
Letraria  
2023

# Ficha catalográfica

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Nascentes, Antenor, 1886-1972

O Linguajar Carioca em 1922 [livro eletrônico] / Antenor Nascentes ; organização Marcelo Rocha Barros Gonçalves, Roberto Leiser Baronas. - Araraquara, SP: Letraria, 2023.

PDF.

Bibliografia.

ISBN 978-65-5434-047-2

1. Língua portuguesa - Regionalismos 2. Linguagem e línguas  
3. Linguística 4. Rio de Janeiro (Brasil) - História - Século 20  
5. Sociolinguística I. Gonçalves, Marcelo Rocha Barros.  
II. Baronas, Roberto Leiser. III. Título.

23-168616

CDD-469.798153

## **Índices para catálogo sistemático:**

1. Língua portuguesa : Regionalismo : Rio de Janeiro: Estado:

História 469.798153

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

# Conselho editorial

Fabiane Cristina Altino (UEL)

Valter Romano (UFSC)

# Sumário

APRESENTAÇÃO	6
<b>Vanderci de Andrade Aguilera</b>	
NOTA PRÉVIA DOS ORGANIZADORES	8
BIBLIOGRAFIA	11
PREFÁCIO DO AUTOR	12
O DIALETO BRASILEIRO	12
<b>Fonologia</b>	<b>20</b>
<b>Morfologia</b>	<b>34</b>
<b>Sintaxe</b>	<b>42</b>
<b>Vocabulário</b>	<b>57</b>
POSFÁCIO	88
Antenor Nascentes é pop	
<b>Raquel Meister Ko. Freitag</b>	
Referências	110

# Apresentação

Os alicerces do edifício da dialectologia brasileira estão nas variedades. Estudadas estas, pode fazer-se um estudo sintético dos subdialectos; caracterizados êstes, só então, por nova síntese, poderemos chegar a conclusões seguras a respeito do dialecto brasileiro. (NASCENTES, s/d, p. 21).

Esta edição comemorativa do centenário de *O Linguajar Carioca em 1922*, organizada pelos colegas Marcelo Rocha Barros Gonçalves e Roberto Leiser Baronas, é uma publicação triplamente muito bem-vinda no meio acadêmico. Em primeiro lugar por se tratar de um clássico da literatura dialetológica; em segundo, pela homenagem justa e oportuna que se presta ao mestre de todos nós, Antenor Nascentes, e em terceiro, mas não menos importante, por nos livrar de cópias das cópias do texto original.

Contextualizando o cenário histórico: se, em 1922, o Brasil comemorava os cem anos de independência de Portugal e se preparava para a Semana da Arte Moderna, o início do século XX também ficaria marcado pelo despertar dos estudos dialetológicos no Brasil: no final da segunda década (1920), Amadeu Amaral trouxe à luz *O Dialecto Caipira*, descrevendo a fala do interior de São Paulo em seus vários aspectos. Dois anos depois, Antenor Nascentes, profundo estudioso da Língua Portuguesa falada no Brasil, assume o protagonismo da descrição da fala carioca, seguindo a mesma metodologia de seu antecessor paulista, a quem dedica sua obra, com as seguintes palavras: “A Amadeu Amaral, que no Dialecto Caipira mostrou a verdadeira directriz dos estudos dialectológicos no Brasil. A. N”.

Qual dialetólogo não recorreu a *O Linguajar Carioca em 1922* para planejar sua pesquisa, selecionar o objeto de estudo, definir a metodologia, cotejar dados antigos com os atuais, enfim, para conhecer um retrato da língua em uso, no Rio de Janeiro, no primeiro quartel do século passado?

Creio que uma das citações mais recorrentes em trabalhos científicos relativos aos dialetos do PB seja a proposta de divisão dialetal de Nascentes. Na edição de *O Linguajar Carioca em 1922*, publicado em 1923 (?), o autor expõe:

Com os poucos dados de que dispomos mal podemos esboçar uma divisão do dialecto brasileiro. Talvez possamos admitir quatro sub dialectos: o nortista (Amazonas, Pará, litoral dos Estados desde o Maranhão até a Bahia), o fluminense (Espírito Santo, Rio de Janeiro, sul de Minas e zona da mata, Distrito Federal), o sertanejo (Mato Grosso, Goiás, norte de Minas, sertão dos Estados litorâneos desde o Maranhão à Bahia) e o sulista (São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e triângulo mineiro). (NASCENTES, Antenor, Rio: Livraria Scientifica Brasileira, s/d, p. 20-21).

Três décadas depois, a Organizações Simões traz à luz a 2ª edição desta obra com atualizações e reformulações feitas pelo autor, sobretudo, no que tange à proposta de divisão dialetal.

Percorrendo *O Linguajar Carioca em 1922*, deparamo-nos, frequentemente, com a preocupação do autor com o impacto que sua obra provocaria no meio acadêmico. Já no Prefácio, Nascentes alerta: *Conhecemos bem o nosso meio; não ignoramos os remoques que nos hão de trazer os estudos de patologia linguística que empreendemos*. Mais adiante, assevera: *No estudo dialectológico que traçar teremos em vista fazer da língua do povo uma fixação que de futuro seja aproveitável* (p. 16).

Depois da descrição minuciosa de aspectos da Fonética e da Morfologia do Português falado no Rio de Janeiro, Nascentes trata da Sintaxe, afirmando que *o gênio de uma língua se encontra na Sintaxe*, mas advertindo que *por enquanto as divergências sintáticas são grosseiros solecismos que não merecem guarida, mas lembremo-nos de que é assim que se constituem as línguas* (p. 61). Na sequência, esclarece que, *por conseguinte, é uma mera questão de relativismo: o que hoje é considerado errôneo, daqui a séculos será uma linguagem castiça onde por sua vez novos solecismos hão de surgir [...]* (p. 60-61).

Esses poucos excertos permitem ao leitor antever o profundo conhecimento de Nascentes sobre a diversidade linguística da fala brasileira, bem como sua dedicação em retratar os inúmeros casos em que o PB popular diverge não só da fala culta, mas também do Português Europeu, porque é preciso *reconhecer que quem faz a língua é o povo e que as palavras teem o direito de mudar de significação* (p. 79).

Bem-vinda, pois, esta edição comemorativa e nossos cumprimentos à equipe que se sensibilizou em colocar ao alcance de todos uma obra que só conhecíamos por meio de cópias xerocopiadas há muito desgastadas.

**Vanderci de Andrade Aguilera**  
Londrina, 29 de janeiro de 2023.

# Nota Prévia dos Organizadores

Este livro que trazemos a público com livre e irrestrito acesso não tem nenhuma pretensão revisionista, tão em voga atualmente no Brasil, cujo objetivo primeiro seria o de reinterpretar os dados perquiridos por Antenor Nascentes, com base em uma teoria supostamente mais *fashion* ou com um arsenal de diques semânticos no formato de notas de rodapé. Dessa forma, retiraríamos essa obra da prateleira da biblioteca para limpar-lhe o mofo e as traças acadêmicas e muito menos se propõe a ampliar o que magistralmente esse autor propôs na versão primeira de seu *O Linguajar Carioca em 1922*. Nossos objetivos com esta reedição são bem mais franciscanos: torná-lo livremente acessível para que as novas gerações de estudiosos da linguagem o apreendam.

Essa publicação também busca modestamente fazer convergir uma série de reflexões sobre linguagem e linguística, iniciadas mais precisamente em março de 2020, quando da realização do I Seminário Internacional de Estudos em Linguística Popular – SIELiPop: homenagem a Amadeu Amaral<sup>1</sup>, por conta do centenário de publicação de seu principal livro *O Dialeto Caipira*, realizado na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Depois da fase mais aguda da pandemia de covid-19, em março de 2023, essas reflexões tiveram continuidade com a realização do II Seminário Internacional de Estudos em Linguística Popular – SIELiPop: homenagem a Mário de Andrade e a Antenor Nascentes<sup>2</sup>. O primeiro por conta da publicação de *A gramatiquinha da fala brasileira*<sup>3</sup> e o segundo, justamente por conta do centenário da publicação de *O Linguajar Carioca em 1922*. É também o resultado dos investimentos em pesquisa nos campos da Linguística Popular e da Historiografia Linguística no Brasil, suportados pelo Projeto “Laboratório de Estudos Epistemológicos e Discursividades Multimodais (LEEDIM)”, aprovado na chamada CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021 – Faixa B – Grupos Consolidados<sup>4</sup>; e pelo projeto “Abecedário Popular da Linguística Brasileira (1881-1922)”, aprovado no EDITAL UFMS/PROPP Nº 6/2022 – PROJETOS DE PESQUISA.

O livro é também a reunião de esforços de diversos pesquisadores e pesquisadoras nos mais variados níveis de desenvolvimento e formação. Este livro não seria possível sem os jovens talentos que tiveram suas ações financiadas por bolsas de iniciação científica entre os anos de 2021 até a presente data. Nossos sinceros agradecimentos aos alunos da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) Jair de Brito Vargas, Thaline Santos de Oliveira Antunes e

---

1 Toda a programação realizada durante o evento, que contou com apoio financeiro da CAPES e da FAPESP, está disponível em <https://sielipopufscar.wixsite.com/sielipop/inscricoes>

2 Toda a programação realizada durante o evento que contou com apoio financeiro da CAPES, está disponível em <https://www.even3.com.br/2sielipop/>

3 O livro está disponível para *download* gratuitamente em <https://funag.gov.br/biblioteca-nova/produto/1-1187>.

4 Agradecemos vivamente ao CNPq pela concessão de recursos financeiros para o desenvolvimento desse projeto.



João Vitor Gonçalves de Souza que, esmeradamente, realizaram a dura tarefa de verter para o Português moderno os escritos deste autor carioca que publicou sua primeira edição em 1922 *d'O Linguajar Carioca em 1922*.

Agradecemos vivamente também às pesquisadoras Vanderci de Andrade Aguilera e Raquel Meister Ko Freitag que toparam, sem exitação, apresentar e posfaciar, respectivamente, este texto que tornamos de livre acesso e consulta para os mais variados investigadores e investigadoras dos domínios da linguagem e muitos outros curiosos sobre questões de língua e linguagem. Cumpre registrar um agradecimento especial aos pareceristas, que com muito esmero avaliaram a versão primeira do manuscrito, e à Editora Letraria que prontamente acreditou nesta proposta de publicação.

Por fim, destacamos algumas decisões editoriais que prevaleceram neste texto final. Tentamos manter ao máximo a fidelidade com o texto original, que passou pelo processo de digitalização e atualização da ortografia, mantendo a estrutura do livro intacta em suas partes – prefácio do autor, a bibliografia (referências), os capítulos e o vocabulário apresentado ao final do livro. Quanto às poucas citações em língua estrangeira, especificamente em francês, optamos por traduzi-las com o intuito de proporcionar a leitura por jovens e não iniciados leitores do idioma. Retiramos desta edição a remissão às obras até aquela data publicadas por Nascentes, mas mantivemos sua dedicatória a Amadeu Amaral e seu prefácio, aqui anotado como *Prefácio do Autor*.

Amadeu Amaral,

que no Dialeto Caipira mostrou  
a verdadeira diretriz dos estudos  
dialetológicos no Brasil.

A. N.

# Bibliografia

Amaral (Amadeu) – O dialeto Caipira.

Barbosa (Ruy) – Réplica.

Britto (Paulino de) – Brasileirismos de colocação de pronomes.

Gomes (Alfredo) – Gramática portuguesa, páginas 472-492

Lameira de Andrade – Gramática de língua portuguesa (em colaboração com Pacheco Junior), páginas 44 e 63.

Leite (Solidonio) – A Língua portuguesa no Brasil

Leite de Vasconcelos (José) – Esquisse d'une dialectologie portugaise.

Lemos (Virgílio de) – A língua portuguesa no Brasil, memória apresentada ao 5º Congresso Brasileiro de Geografia.

Maciel (Maximino) – Gramática Descritiva, páginas 392, 399-401.

Mauro (Antonio) – Estudos de português.

Nogueira (Julio) – O exame de Português, páginas 54-55, 223-247.

Paranhos da Silva (José Jorge) – O Idioma do Hodierno Portugal comparado com o do Brasil.

Pacheco Junior – Gramática da língua portuguesa (V. Lameira de Andrade). O dialeto brasileiro (Revista Brasileira tomo V, páginas 487-495).

Pereira (Eduardo Carlos) – Gramática descritiva (curso superior). *passim*.

Gramática Histórica, páginas 185-190

Ribeiro (João) – Dicionário Gramatical.

Romero (Sylvio) – A poesia popular no Brasil – Capítulo VIII – Transformações da língua portuguesa na América.

Sousa da Silveira (Alvaro Ferdinando) – Trechos Seletos, páginas 35-45.

A língua nacional e o seu estudo.

## Prefácio do autor

Sempre nos interessaram as questões de dialetologia portuguesa no Brasil. Anotávamos o que de mais importante encontrávamos quer na fonética, quer na morfologia, quer na sintaxe, quer no léxico.

Só depois, entretanto, que o grande mestre da filologia românica, em escrito que se dignou dirigir-nos, pediu-nos informações a respeito das alterações sofridas no Brasil pela língua portuguesa, tivemos ideia de concatenar nossas notas.

Receberam elas grato agasalho na conceituada *Revista do Brasil* e agora, com ligeiras modificações, aparecem em volume.

Conhecemos bem o nosso meio; não ignoramos os remos que nos hão de trazer os estudos de patologia linguística que empreendemos.

Paciência. Nosso trabalho não é para a geração atual; daqui a cem anos, os estudiosos encontrarão nele uma fotografia do estado da língua e neste ponto serão mais felizes do que nós que nada encontramos do falar de 1822.

*Carpent tua poma nepotes.*<sup>5</sup>

## O dialeto brasileiro

É fato por demais sabido que mesmo dentro do próprio território, por diversas causas entre as quais sobressaem a lei do menor esforço e a necessidade de clareza de expressão, as línguas tendem a alterar-se.

Maiores alterações sofrem, ainda, quando são transplantadas de uma região para outra. Assim, o latim se transformou nas atuais línguas românicas e estas, por sua vez, nas colônias muito vieram a diferir do falar das metrópoles: haja-se em vista o francês do Canadá e o espanhol da América. Outro tanto aconteceu ao português implantado em nosso país.

As principais causas destas alterações são de ordem etnológica e de ordem mesológica; só um apurado estudo pode fixá-las de modo preciso.

Apesar de descoberto em 1500, o Brasil só começou propriamente a ser colonizado em 1534 com o regime das capitanias hereditárias; pode dizer-se que daí data a introdução da língua portuguesa.

---

<sup>5</sup> Tradução nossa: "Seus netos colherão suas maçãs."

Nem que fosse falada apenas por portugueses e seus descendentes puros, nem por isso deixaria ela de alterar-se graças às causas que apontamos acima, mas a língua portuguesa no Brasil sofreu grandes alterações porque teve de ser aprendida por homens de duas raças que falavam línguas de estrutura inteiramente diversa do tipo flexional.

O índio foi o primeiro a aprender português; é natural, pois foi o povo autóctone.

Só mais tarde aparece um outro fator etnográfico, o negro. “No Brasil, o escravo negro foi introduzido ao tempo dos primeiros estabelecimentos. A escravidão vermelha precedeu de certo a negra, e daquela já se fala em 1531, quando Martim Affonso concedeu a Pedro de Góes permissão de levar para a Europa dezessete escravos índios, mas desde cedo na Capitania de São Vicente são escravos negros que trabalham na agricultura da cana. Deve datar pelo menos do ano de 1532”. (João Ribeiro – história do Brasil).

Como se vê, é praticamente simultânea a aprendizagem do português pelo índio e pelo negro.

Desde meados, pois, do século XVI, colonos portugueses, índios, africanos, seus descendentes puros ou mestiçados, começaram, cada qual a seu jeito, a modificar a língua portuguesa e mais tarde as modificações por eles introduzidas vieram a constituir a variante Brasileira.

O afastamento da metrópole, a Independência política e outras causas tornaram autônomo o português do Brasil final. “A língua nacional, diz João Ribeiro, é essencialmente a língua portuguesa, mas enriquecida na América, emancipada e livre nos seus próprios movimentos”. Submeter o nosso falar diferente às formas portuguesas é um absurdo desprezível e servilmente colonial, como diz o sr. Rupert Hughes relativamente ao falar norte-americano. Certas leis da gramática portuguesa perderam aplicação entre nós; falamos diferentemente sem que por isso falemos errado, pois nos exprimimos de acordo com os novos rumos porque marchou no Brasil a língua portuguesa.

O que se deu pode perfeitamente ser comparado com o processo de multiplicação vegetal conhecido pelo nome de mergulhia: até se criarem raízes, o ramo vergado e mergulhado no solo é sustentado pela seiva do vegetal que sofre a operação, uma vez brotadas raízes que possam haurir seiva para a nova planta, um corte no ramo a separa e ela vai separadamente prosseguir sua evolução.

Prosseguimos hoje evolução à parte, como a península ibérica prosseguiu a sua depois do desmembramento do império romano. Apesar da constante imigração portuguesa, apesar do constante intercâmbio literário entre Portugal e Brasil, nada pode deter a nossa marcha.

Estamos assistindo aos pródromos de uma transformação linguística que pouco percebemos: contemplamos o ponteiro das horas e como não o vemos mexer-se, cremo-lo fixo.

Na América espanhola dá se o mesmo. Referindo-se à enxurrada de neologismos de construção que inunda e turva grande parte do que lá se escreve, diz Andrés Bello que «alterando la estructura del idioma, tiende a convertirlo en una multitud de dialectos irregulares, licenciosos, bárbaros; embriones de idiomas futuros, que durante una larga elaboración reproducirían en América lo que fué la Europa en el tenebroso período de la corrupción del latín.»

Essa variante independente constitui, porém, um dialeto?

A resposta depende do conceito que se fizer de dialeto.

Querem uns que as variedades só constituam dialetos quando houver dificuldade de compreensão mútua entre os que a falam e os que os falam a língua mãe; dão outros, como o insigne Leite de Vasconcelos, a maior autoridade em dialetologia portuguesa, o nome de dialeto às diferenciações locais de uma língua, admitindo dentro dos dialetos os subdialetos e dentro destes as variedades.

Haja ou não haja dialeto brasileiro, questão que se discute desde a célebre polêmica entre Alencar de Castilho, o que não se pode contestar é a existência de variação entre a língua do Brasil e a de sua antiga metrópole e é isso principalmente o que nos interessa e o que nos cumpre estudar.

Leite de Vasconcelos, no «*Esquisse d'une dialectologie portugaise*» mostra nosso dever de estudar o português do Brasil.

O grande Meyer Lübke, na «Introdução ao estudo da filologia românica», só se refere ao chileno porque o castelhano do Chile é a única variante românica que até hoje recebeu um estudo científico e lamenta a escassez do material no tocante à evolução do românico nas colônias.

São do mais alto valor científico os casos de patologia linguística apresentados pelos dialetos; tem mais importância do que as questiúnculas fúteis sobre colocações de pronomes e outros assuntos.

*Les anciens grammairiens, diz Leite de Vasconcelos, et encore aujourd'hui la plupart des personnes, considèrent le parler du peuple un jargon dépendant du caprice individuel, quoiqu'il n'y ait rien de plus faux que cette idée. Sans doute, je ne demande pas que les personnes instruites parlent et écrivent le langage du vulgaire. Chaque chose a sa place. Quand je soutiens que la langue populaire ne mérite aucun discrédit, je veux dire par là que tous les phénomènes qu'on y observe sont du même ordre que ceux de toutes les autres langues; et il ne peut pas en être autrement, car l'esprit humain est un.*

*Quel que soit le point de vue auquel nous considérons la dialectologie, elle a une grande*

*importance. En premier lieu, elle sert à la glottologie générale, parce que, comme les dialectes ont un développement plus libre et plus spontané que la langue des lettrés, qui est en partie très soumise à la tradition littéraire, et dans le lexique, dans le style, et même dans la syntaxe aux goûts et aux caprices des écrivains en renom, on y peut plus facilement surprendre l'action des forces vives du langage.*

*Si de la glottologie générale nous passons à la glottologie romane, personne ne révoquera en doute combien intéressant est d'observer quel degré de différenciation a éprouvé le latin à l'extrémité occidentale de la Romania, dans la bouche d'un petit peuple, qui, non contente de le parler en Europe, l'a porté et propagé depuis les rocs du <Promontorium Sacrum> jusqu'aux rivages des Amazones, et jusqu'à Timor, dans l'archipel asiatique.*

*En descendant à examen des détails ; nous trouvons que les dialectes portugais enrichissent la glottologie romane.*

*Dans le domaine spécial de la langue portugaise, l'étude des dialectes facilite celle de la langue Générale.*

*L'importance de la dialectologie portugaise peut encore être appréciée sous d'autres aspects. De même que la flore, la faune, le climat caractérisent physiquement une région, de même les dialectes, aussi bien que les coutumes, le type anatomique, les aptitudes esthétiques, intellectuelles et morales, les tendances morbides, caractérisent dans une certaine manière à l'anthropologie et à l'ethnologie.*

Os antigos gramáticos, diz Leite de Vasconcelos, e ainda hoje a maioria das pessoas, consideram a fala do povo um jargão dependente do capricho individual, embora nada haja de mais falso do que esta ideia. Claro, não peço que as pessoas educadas falem e escrevam a linguagem do vulgo. Tudo tem seu lugar. Quando afirmo que a linguagem popular não merece descrédito, quero dizer que todos os fenômenos nela observados são da mesma ordem que os de todas as outras línguas; e não pode ser de outra forma, pois a mente humana é uma.

De qualquer ponto de vista que consideramos a dialetologia, ela é de grande importância. Em primeiro lugar, é usado para glotologia geral, porque, como os dialetos têm um desenvolvimento mais livre e espontâneo do que a língua dos eruditos, que é em parte muito sujeita à tradição literária, e no léxico, no estilo, e mesmo na sintaxe aos gostos e caprichos de escritores renomados, pode-se mais facilmente vislumbrar a ação das forças vivas da linguagem.

Se da glotologia geral passarmos à glotologia românica, ninguém duvidará do quão interessante é observar o grau de diferenciação que experimentou o latim no extremo ocidental da Romênia, na boca de um povo pequeno, que, não contente em falá-lo na Europa, carregou-a e propagou-a desde as rochas do *Promontorium Sacrum* até às margens do Amazonas, e até Timor, no arquipélago asiático.

Descendo para revisar os detalhes; descobrimos que os dialetos portugueses enriquecem a glotologia românica.

No domínio especial da língua portuguesa, o estudo dos dialetos facilita o da língua geral.

A importância da dialetologia portuguesa ainda pode ser apreciada em outros aspectos. Assim como a flora, a fauna, o clima caracterizam fisicamente uma região, assim também os dialetos, assim como os costumes, o tipo anatômico, as aptidões estéticas, intelectuais e morais, as tendências mórbidas, caracterizam de certa forma a região e a antropologia e a etnologia<sup>6</sup>.

Melhor do que fez o mestre nestes trechos, não poderíamos mostrar o valor dos estudos dialetológicos.

No estudo dialetológico que traçar, teremos em vista fazer da língua do povo uma fixação que de futuro seja aproveitável. Pouco nos interessa a língua das classes cultas, primeiro porque é correta, segundo porque lhe falta a naturalidade, a espontaneidade da língua popular. Iremos ver os erros, tentar explicar a razão de ser deles, do mesmo modo que o médico estuda a etiologia das moléstias. Não os apadrinharemos embora reconheçamos que, por maior que seja a campanha contra o analfabetismo, muitos deles não de implantar-se na linguagem culta futura, como nos ensina a história da filologia.

Em que consistem as diferenças entre o português do Brasil e o de Portugal?

«A diferença mais notável (da língua das colônias e ex-colônias) relativamente aos românicos europeus dá-se naturalmente no vocabulário, por isso que a peculiar cultura destes países quase os obriga a receber muitas palavras estranhas.

A evolução fonética e a constituição das formas revelam, pelo contrário, tendências que não se diferenciam essencialmente das que se observam nos dialetos da língua-mãe; e, às vezes, apresentam também um grande senso conservador.» (Meyer Lübke)

Podemos acrescentar que o acento nacional (sotaque) difere muito e que a sintaxe apresenta variações importantes.

Mesmo assim, o português do Brasil não é o que em filologia românica se chama um dialeto crioulo.

Dialeto crioulo é uma linguagem formada por palavras europeias com gramática de povo selvagem ou bárbaro.

---

<sup>6</sup> Tradução nossa.



Dialetos crioulos do português são o índio-português, o cingalês, o macaísta, o timorense, o caboverdiano, o guineense, o falar do golfo da guiné e do das costas da África.

Nestes dialetos, «a estrutura morfológica, sobretudo, tem um aspecto muito distinto da do românico, como tosca adaptação desta a um pensar linguístico de índole muito diferente» (Meyer Lübke).

Um espécimen de tais dialetos tínhamos na linguagem dos pretos minas, hoje quase totalmente desaparecida. (1)

As causas etnológicas de alteração do português do Brasil cumprem adicionar as que começaram a atuar no século XIX: a imigração italiana em S. Paulo, a polaca no Paraná e a alemã em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul.

Não podemos prescindir também do castelhano das fronteiras.

Ao lado das tendências destrutivas, modificadoras, cumpre assinalar as reacionárias, conservadoras, representadas pela manutenção de arcaísmos (o que Bello também notou no espanhol sul-americano), pela avultada e constante imigração portuguesa, pelo combate ao analfabetismo, pelo estudo dos velhos clássicos portugueses, cada vez mais cuidado.

Aceitemos o ponto de vista de Leite de Vasconcelos e com ele chamemos dialeto ao falar do Brasil; vejamos se o dialeto brasileiro apresenta subdialetos.

*«Si en país de cierta extensión, diz Rodolfo Lenz no prólogo do seu Dicionário etimológico das palavras chilenas derivadas de línguas indígenas americanas, es poblado por jentes que traen de su patria anterior un lenguaje mas o ménos uniforme, en estado natural de las cosas (es decir prescindiendo de la influencia de la cultura) dentro de un tiempo mas o ménos corto se notará que el lenguaje comienza a variar. Estas variaciones no serán en todas las comarcas unas mismas, sino las unas se producirán aquí, las otras allá, í, en jeneral, la diferencia de lenguaje entre dos lugares será tanto mas grande quanto mayor la distancia jeográfica; quanto menores las relaciones mutuas entre los dos puntos. Entonces deberemos decir que en el país se habla un grupo de dialetos, es decir, idiomas que se distinguen cada uno del vecino sin que lleguen a ser reciprocamente incomprensibles.»*

Tal foi o que se deu em nosso país, a enorme extensão territorial sem fáceis comunicações interiores quebrou a unidade do dialeto, fragmentando-o em subdialetos.

Para isso contribuiu muito também o modo diferente de povoamento das diversas regiões.

Raja Gabaglia, em brilhante conferência feita no Curso Jacobina, sintetizou admiravelmente as grandes linhas de penetração da civilização no Brasil.

Deste modo se explica a maneira por que foi feito o povoamento do nosso país.

Vinda da Europa, a civilização implantou-se no litoral, formando nele focos donde irradiava. Desde os primeiros anos, o interior começou a ser procurado. Há dois focos de irradiação mais importantes: São Paulo e Pernambuco. Segue-se lhes a Bahia. Veem depois São Luiz do Maranhão, o Amazonas e o Rio de Janeiro.

Os paulistas foram os grandes desbravadores do país. Minas, Goiás, Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul a eles muito devem.

Pernambuco difundiu a civilização pela Paraíba, pelo Rio Grande do Norte e pelo Ceará, que por sua vez a levou ao Acre.

A São Luiz do Maranhão se acha vinculada a colonização da Amazônia.

A influência baiana se estende a Sergipe, Alagoas e à parte norte do Espírito Santo.

Ao Rio de Janeiro, capital da colônia desde 1763, se vincula a colonização do Estado do Rio de Janeiro.

As vias de comunicação, as relações comerciais e intelectuais, certas vicissitudes históricas ligaram diversas partes do vasto território, constituindo regiões perfeitamente caracterizadas.

De um modo geral se pode reconhecer uma grande divisão: norte e sul, até a Bahia e sul, daí para baixo.

É palpável a diferença entre o falar *cantado* do nortista e o falar *descansado* do sulista. No léxico são grandes as diferenças que se notam entre os diversos estados do Brasil; basta comparar um livro de Alfredo Rangel e um de Monteiro Lobato.

Com os poucos dados que dispomos, mal podemos esboçar uma divisão do dialeto brasileiro. Talvez possamos admitir quatro subdialeto: o nortista (Amazonas, Pará, litoral dos Estados desde o Maranhão até a Bahia), o fluminense (Espírito Santo, Rio de Janeiro, sul de Minas e zona da mata, Distrito Federal), o sertanejo (Mato Grosso, Goiás, norte de Minas, sertão dos estados litorâneos desde o Maranhão à Bahia) e o sulista (São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e triângulo mineiro).

Cada um destes subdialeto apresenta pequenas variedades que aliás não são de grande importância.

Os alicerces do edifício da dialetologia brasileira estão nas variedades. Estudadas estas, pode fazer-se um estudo sintético dos subdialeto; caracterizados estes, só então, por nova síntese, poderemos chegar a conclusões seguras a respeito do dialeto brasileiro.

Que requisitos deve preencher quem se proponha a estudar uma variedade?

Em nossa opinião, deve ser ou uma pessoa inteiramente alheia à variedade que vai ser estudada, ou uma pessoa inteiramente alheia às demais variedades do subdialeto.

Filhos de pais cariocas, nascido e criado do Distrito Federal, de onde nunca nos retiramos por prazo excedente a um mês, achamo-nos, por conseguinte na segunda hipótese e nos cremos legítimos representantes da fala genuinamente carioca.

# Fonologia

O traço que caracteriza de um modo geral a pronúncia carioca é o mesmo que distingue a de todo o Brasil: há mais frouxidão, demora, sonoridade (Alfredo Gomes), suavidade (Julio Nogueira) do que na pronúncia de Portugal. “A pronúncia brasileira, comparada com a nossa, diz Leite de Vasconcellos, tem algo de arrastado”.<sup>7</sup>

Os fonemas são por assim dizer os mesmos de Portugal; não houve criação de fonema novo algum. Pelo contrário, alguns fonemas dialetais portugueses não se encontram no Brasil.

VOGAIS – Em relação à quantidade vocálica, observemos que, como em todo o Brasil, no Rio de Janeiro não há o e brevíssimo que existe em Portugal com valor parecido ao do e mudo francês: *querer* = *quêrê* (R.J.), *qu’rer* (P); *dente* = *denti* (R.J.), *dent’* (P).

O o protônico também difere; assim, é breve em Portugal e longo no Rio de Janeiro: *moral* = *mural* (P.), *môral* (R.J.), *automóvel* = *autumóvel* (P.), *autômóvel* (R.J.).

Quanto ao timbre, observem os que não exigem as vogais protônicas abertas que em Portugal representam a sobrevivência de antigos hiatos: *padeiro* = *pàdeiro* (P.) (antigo *paadeiro*, c/r. esp *panadero*), *pâdero* (R. J.), *esquecer* = *esquècer* (P.) (antigo *scaecer* no Cancioneiro de D. Dinis), *esquêcê* (R.J.). Também não existem outras protônicas abertas, como as que precedem os grupos *ct*, *cç*, *pt*, *pç*: *direcção*, *director*, *adoptar*, *excepcção* soam *dirècção*, *dirèctor*, *adôptar*, *excêção* no Rio de Janeiro. O mesmo se dá em Goa.

As protônicas são geralmente fechadas: *moral* = *mural* (P.), *môral* (R.J.), *automóvel* = *automóvel* (P.), *autômóvel* (R.J.), *lenheiro* = *lênhero* (R.J.), *linheiro* (P.). Com o e encontramos em alguns casos e surdo = i no Rio de Janeiro e surdo brevíssimo em Portugal: *pequeno* = *piqueno* (R.J.), *p’queno* (P.), em outros a concordância é perfeita: *real*, *leal*, *teatro*, *leão* (surdo).

VOGAIS TÔNICAS – Como na passagem do latim para o português, é quase inatacável a resistência dessas vogais.

Não existe a tônico fechado senão diante de nasais: *cada* = *cáda* e não *câda*, *para* = *pára* e não *pâra* (exceto em linguagem afetada), *mas* = *más* e não *mâs* (exceto em linguagem afetada).

Na primeira pessoa do plural do pretérito perfeito simples dos verbos da primeira conjugação, dizemos *amâmos*, igual ao presente (como também fazem os espanhóis), embora na escrita usemos acento agudo. Aliás o *a* aberto provém da analogia com *amastes*, *amaram*; o *a* fechado é a forma que teria dado a aplicação das leis fonéticas (Meyer Lübke).

<sup>7</sup> No original em francês: “La prononciation brésilienne, comparée à la nôtre, diz Leite de Vasconcellos, a quelque chose de traînant” (tradução nossa).

Seguido de *lh*, e soa como na maior parte de Trás-os-Montes, Alto Minho (Arcos), Baixo Douro (Baião), Beira Alta e quase todo o sul de Portugal: *espelho* = *espelho* e não *espâlho*.

Seguido de *nh*, *ch*, *x*, *j* o e soa como no norte de Trás-os-Montes (Rio Frio) e quase todo o sul de Portugal: *tenho*, *fecho*, *mexo*, *vejo* = *tênho*, *fêcho*, *mêxo*, *vêjo* e não *tânho*, *fâcho*, *mâxo*, *vâjo*.

Diante de nasais é fechado; não há diferença entre *dêmos* (presente) e *demos* (pretérito), entre *lêmos* e *lemos*.

Diante de nasal, o é fechado: tanto se diz *cômo* no verbo, quanto na conjunção: *Antônio*, *cônego*, *tônico*, e não *Antônio*, *cónego*, *tónico*.

VOGAIS ÁTONAS – Sofrem as mais arbitrárias transformações que variam do enfraquecimento à supressão.

O *a* sofre redução para *e* surdo ou fechado: *Januário* = *Jenuário*, fato análogo ao que já se dera em latim; numa inscrição do século IV, a de n. 1.708 do VI vol. do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, e em outras, aparece a forma *Jenuarius*;

Janela = jenela;

Inveja = inveje;

*Razão*, *manhã* = *rezão*, *menhã* (por dissimilação); aliás *rezão* se acha em Portugal desde o século XVI.

*Salada*, *badalada*, *embalsamar*, *lanterna* = *selada*, *badelada*, *embalsemar* (cfr. *balsimo*), *lenterna* (cfr. esp. *linterna*).

Passa o *a* para o por influência de labiais: *também* = *tombêm* ou *tomêm* (cfr. *fames* = *fome*).

O *a* nasal ora se desnasaliza, ora muda para *i*; *órfã* = *órfã*; *ambição* = *imbição*. A segunda tendência já se verificou em *enteado*, *enguia*, *empola* na passagem do latim para o português; existe desde o século XVI pelo menos, na Beira, no Minho e no Sul do país.

O *e* protónico ou se conserva, ou passa para *i*: nasalizando-se ou não: *erguer*, *herdeiro* = *erguer*, *hêrdeiro* e não *erguer*, *hirdeiro* (sílabas fechadas); *fechadura*, *lenheiro*, *invejoso*, *velhaco* = *fêchadura*, *lênheiro*, *invejoso*, *vêlhaco* e não *f'chadura*, *linheiro*, *inv'joso*, *v'lhaco* (diante de palatal); *pedir*, *pequeno* = *pidir*, *piqueno* e não *p'dir*, *p'queno*; *errado*, *educar*, *elogio*, *eleição* = *enrado*, *inducar*, *inlogio*, *inleição* (classe baixa) e não *irrado*, *educar*, *ilugio*, *ileiçãõ* (sílabas abertas). Esta repugnância pelo *e* inicial isolado já é antiga (cfr. *enxemplo*, *enxaguar*, *inverno*, *inliçom*; em fr. *englise*, *englatier*) (J.J. Nunes).

Final, passa a ser surdo como no sul de Portugal e no Entre Douro e Minho, em Goa, em Ceilão e em Macau: *fonte = fonti e não font'*.

A preposição *de* se pronuncia *dê* em expressões consagradas: *dê manhã, dê noite, cor dê rosa, conto dê réis, pon-dê-ló*.

O *e* nasal protônico passa por *i*, como no Norte e no Centro de Portugal e na estremadura Cistagana: *embaço, enganar, entender, = imbarço, enganar, intender*. Postônico e final, perde a nasalização, como no Entre Douro e Minho: *virgem, vagem = virge, bage*. Fato idêntico se dá no galego (*image*, por ex.) e se deu em *crime, gume, pente*, etc. na passagem do latim para o português. Em *ontem*, a pronúncia popular *onte* é a verdadeira pois o *m* final é uma nasal de contaminação (Cornu, Romania XI, pg, 91, *apud* Nunes).

Já vimos que o *e* brevíssimo não existe no Brasil: *levar = levar e não l'var*.

O *i* protônico ou se conserva, ou passa para *e* ou se nasaliza.

*Ministro, vizinho = ministro, vizinho* como na pronúncia portuguesa afetada (Leite de Vasconcelos) e não *m'nistro, v'zinho*, conforme tendência já antiga em Portugal (Nunes). *Direito = dereito* (cfr. esp. *derecho*), *diferença, difamar, virtude, Virgínia, Virgílio, Firmino, ordinário = diferença, defamar, vertude, Vergínia, Vergílio, Fermino, ordenário*.

O caso *Vergílio* não se explica pelas formas com *e* que aparecem nas inscrições e sim por corruptela igual às outras; ao lado de *vergere* se aponta *virga* para étimo do nome, mas não é este o lugar próprio para discutirmos o caso.

*Igual, ignorante = inguá, inguinorante* (classe baixa), nasalizado pela repugnância ao isolamento como no *e* (cfr. o fr. antigo *ingal*).

Postônico, passa para *e*: *princípio, ingrato, inveja = prencípio, engrato, enveje*, como no Alentejo e no Algarve; aliás as formas com *en* são as regulares (cfr. *vindicare* = esp. *vengar*, fr. *venger*, it. *Vendicare*).

O *o* protônico é fechado e não surdo: *sofrer = sofrer e não sufrer* e às vezes muda-se em *u*: *cozinha – cuzinha*. No sul de Portugal, o *o* átono diante de *l* soa como no Brasil: *soldado = sôldado*.

O *o* nasal ou precedido de nasal passa às vezes para *u*: *comer = cumer, compadre = cumpadre*, como no Alto e Baixo Minho, em grande parte de Trás-os-Montes e de Beira Alta e de quase toda a Estremadura.

Nos monossílabos dá *ão*: *bom = bão* (cfr. *razon = razão*).

Por dissimilação, o *o* às vezes se permuta com *a*: *saluço*.

Poucas alterações apresenta o *u*; em *urina* muda-se em *ou*, como em Portugal, fenômeno que Nunes atribui à semelhança de cor entre líquido e o metal; alterações esporádicas do *u* nasal apresentam as palavras *unguento* e *umbigo* = *inguento*, *imbigo*; *imbigo* se acha em Gil Vicente 1, 172, 329, 389 e em Probo encontra-se *imbilicus*.

Como na passagem do latim, o horror ao proparoxítono acarreta a síncope das átonas postônicas: *príncipe*, *máscara*, *cócega*, *música*, *pêssego*, *córrego*, *xícara*, *árvore*, *mármore*, *pólvora*, *Álvaro*, *abóbora* = *prinspe*, *mascra*, *cosca*, *musga*, *pesco*, *corgo*, *xícra*, *arve*, *marme*, *porva*, *Arvo*, *aborba* ou *abobra*.

A forma *chacra* é mais etimológica do que *chácara*, segundo as abalisadas opiniões de Tschudi e Middendorf, citadas no Dicionário de R. Lenz.

SEMIVOGAIS – O *i* palataliza o *l*, o *n*, o *t*, e o *d* precedentes: *família* = *familha*, como no Alentejo (cfr. lat. *filia* = *filha*); *demónio* = *demonho*, como também se diz em Portugal (cfr. lat. *seniore* = *senhor*), *pentiar*, *codia* (dissílabos), como em Alandroal.

Entre duas vogais pronuncia-se com a segunda, como no sul de Portugal, e não com a primeira: *ceia* = *ce-ia*.

Postônico, precedendo imediatamente a vogal final, é absorvido: *história*, *dúzia*, *colégio*, *polícia*, *glória* = *hitora* ou *hestora*, *duza*, *culejo*, *poliça*, (rimando com preguiça numa quadra popular), *glora* (cfr. esp. *limpio*, *turbio*, *agravio*, *nervio*, *vidrio* com *limpo*, *turvo*, etc.).

O *u* é atraído ou absolvido: *tábua*, *régua*, *estátua*, *nódoa* (o = u) = *tauba* ou *taba*, *reuga*, *estauta* ou *estátula* (por afetação), *noda* ou *nodia*. Fenômenos análogos se passam em andaluz com as três primeiras palavras.

Depois de *q* antes de *c*, cai absorvido pelo *a*, especialmente se este é tônico: *quase* = *caje*; se não é, o *a* assimila-se ao *u* e depois ambos se reduzem a uma só vogal: *quantia*, *quaresma*, *quarenta* = *contia*, *coresma*, *corenta*. em *quatorze* ora soa o *u*, ora não soa.

DITONGOS – O ditongo *ai* passa a *ei* em *treição*, *Raimundo* (cfr. *ama* (v) *i* = *amei*), o que se pode explicar também com a conservação de uma forma arcaica *Reimundo*. Sofre redução para *a* em *saiba*, *caiba*, *Adelaide* – *saba*, *caba*, *Delade* (ou *Delaida*), diante de *x*: *caixa* = *caxa*, como no sul de Portugal e em Goa (cfr. esp. *caja*), absorvido o *i* pela palatal.

Resiste nos monossílabos: *pai*, *vai*, *cai*.

A classe culta pronuncia levemente o *i*.

O ditongo *au* átono passa a *o* (cfr. lat. *auru* = *ouro*, esp. it. *Oro*, fr. *or*): *Augusto*, *autoridade*, *aumento* = *Ogusto*, *oturidade*, ou *otoridade*, *omento*.

Final, e átono, o ditongo *ao* perde o primeiro elemento: *órfão, órgão, sótão, Estevão, Cristóvão* = *orfo, orgo, etc.* (cfr. *Sarampo, frango, de sarâmpo, frangão*). Na palavra *bênção* se reduz a *a*, por causa da flexão genérica feminina: *bença*.

Nos verbos *am* provenientes de *unt* latino dá *um* ou *o*, como no Entre Douro e Minho, Sinfões e Rezende: *foram* = *fórum* ou *foro* (*fuerunt*).

O ditongo *ei* se reduz a *e*, como acontece diante de consoante no oriente de Trás-os-Montes (Moncorvo), em parte de Beira Baixa e em todo o sul de Portugal, exceção feita de alguns lugares vizinhos da Beira Baixa (Alvaiázere) e de Lisboa: *beijo, peixe* = *bêjo, pêxe* e não *baijo, paixe*.

Fenômeno análogo se passa nos Açores, em Damão, na costa noroeste da Índia, em Goa, em Ceilão, em Macau, em Java, em Malaca, no Cabo Verde, na Guiné, em São Tomé, na ilha do Príncipe, na de Ano Bom, em Angola, no espanhol (cfr. *Beso, dejar*) e no dialeto piemontês (*fait, feit, fet*).

Resiste nos monossílabos: *dei, sei, lei, rei*.

A classe culta pronuncia levemente o *i*.

Sá de Miranda, no soneto *O sol é grande*, etc. rima *naves* com *mudaves*.

Nas palavras *quêmar, mantêga, têma*, a ausência do ditongo está mais de acordo com a etimologia.

O ditongo nasal grafado *em* soa com *e* nasal e *i*, como no Baixo Alentejo e no Algarve: *tambêm* = *tombei* e não *tambãe*, o que representa a conservação brasileira de um arcaísmo prosódico (Bourciez).

O ditongo *eu*, átono e inicial, passa a *o*: *Europa, Eugênia, Eufrásia, Euridice* = *Oropa, Ogêna, Olalha, Ofrásia, Oridis*.

No ditongo *ie* dá-se redução para *e*: *quieto* – *queto*. O mesmo se deu no latim vulgar, como atesta a forma QUETA, que está no CIL, VIII, 8128. Aliás, *quieto* é uma forma artificial, erudita; a normal é *quedo*, hoje antiquada (*ie* = *e*, como em *pariete* = *parede* e *t* = *d*). O italiano apresenta *quieto* e *cheto* com a redução.

O ditongo *ou* em sua marcha evolutiva se reduz a *ô*, como se dá em uma parte oriental de Trás-os-Montes e de Beira, no Algarve e nas regiões estremas e alentejanas que desconhecem *ô*; assim, *outro* = *ôtro* e não *outro*. Fenômeno idêntico se passa em Damão, na costa noroeste da Índia, em Macau, em Java, no Cabo Verde, na Guiné, na ilha do Príncipe, na de Ano Bom, em Angola, e no espanhol: *outro* = *ôtro*.



Por aparecer em todos os dialetos extracontinentais, Leite de Vasconcelos conclui que já se reduzira na época dos descobrimentos (século XVI).

A alternância para *oi* que começou a aparecer desde o século XVI e que Bourciez atribui aos judeus, é relativamente rara nas classes cultas. A classe baixa usa só umas das formas, sendo que diz *coisa, dois, doido, foice, toicinho, biscoito, oito, moita, afoito, acoita*.

O ditongo *ui* nasal se reduz a *u* em *muito* = *munto* (classe baixa), o que também se dá em Portugal.

HIATOS – O hiato *ie* se transforma em *ia*: *sociedade, piedade* = *suciedade, piadade* (nome de uma estação suburbana) (cfr. *apiado-me*, esp. *piadoso*).

Em *oa* nota-se a tendência para acabar com o hiato ditongando a primeira vogal: *boa* = *boua*, como em certas partes da Beira.

Em Joaquim dá-se a redução de *oa* em *a*: *jaquim*.

CONSOANTES SIMPLES – Ao passo que o destino das vogais é regulado pela acentuação, o das consoantes é dependente da posição.

As iniciais geralmente se mantêm, as mediais se transformam e as finais caem.

Vejamo-las uma a uma, na ordem alfabética, que é mais prática.

B – Quer inicial, quer medial, permanece inalterado, como acontece no Sul de Portugal, não havendo absolutamente a tendência para mudá-lo em *v*, como na Beira, no Entre Douro e Minho e na parte sul de Trás-os-Montes.

C – Inicial, muda-se para *g* esporadicamente. Como em *Gosme, gosmético* (influência de *gosma?*), fenômeno análogo ao passado com *cattus, colaphus, colphos* – *gato, golpe, golfo*.

D – Como no Alentejo, palataliza-se quando precede um *i*: *lendia*. A Dra. Nella Aita o compara, nestas condições, com o *g* pré-palatal explosivo italiano (Escorço de fonética comparada luso-italiana, p. 29).

G – Inicial, diante de *e* ou de *i*, passa a *z* esporadicamente: *genebra* = *zinebra*. Interno também: *registro* = *rezisto*(1), *indigestão* = *indizestão* (cfr. trazer de *\*tragere, franzir, esparzir*).

J – Sofre idêntica transformação: *Joaquim* às vezes soa na classe baixa como *Jaquim*; igual fato se dá em São Tomé e na ilha do Príncipe.

L – O *l* final cai, como em andaluz; *sol* = *só*. Pensa Leite de Vasconcelos que antes de cair este *l* se mudou em *r*: *sol* = *\*sor* = *só* e alega que no Amazonas se diz *animal* = *animar, malvado* = *marvado*. Não nos parece que assim tenha sido; primeiro, porque não há vestígio de forma em

*r*, segundo porque as consoantes finais podem cair independentemente de transformações; se o *r* pode cair, o *l* também pode. Em *marvado*, o caso é diferente; o *l* está agrupado.

A classe culta pronuncia levemente o *l* final.

M – Para o *m* final, que é uma verdadeira notação léxica, veja-se e e o.

N – Final e proferido, cai: *íman=ima*.

R – Final, cai: *mar=má*, como acontece em próclise diante de consoante no Centro e no Norte de Portugal.

Fenômeno idêntico se passa em Damão, na Costa noroeste da Índia, em Ceilão, em Macau, em Malaca, no Cabo Verde, em S. Tomé, Príncipe e Ano Bom. Também no francês (*aimer = aimé*), no andaluz e no alto aragonês.

A classe culta pronuncia levemente o *r* final.

S – Inicial, passa às vezes a *x*, o que também se dá no sul de Portugal: *seringa = xeringa*, *Sancho = Xancho*, *sacho = xacho*. O segundo caso e o terceiro se podem explicar por assimilação; o primeiro é explicado por Meyer Lübke por meio da influência palatalizante de um *i* (cfr. *enxalmos*, *desenxabido*, *enxerga*, *de salma*, *sapidus e serica*) e por Pidal pela pronúncia mourisca.

Interior, há também palatalizações: *sanguessuga = sanguexuga* (influência de *chupar*?)

Final, cai como em andaluz: *ourives = orive*. Isto tem repercussão na morfologia como veremos adiante. As classes cultas pronunciam o *s* final, mudando entretanto numa *chiante*, como no sul de Portugal. Há quem atribua esta pronúncia ao influxo português, sem explicação maior. Ora, influxo português há em todo o Brasil; além disso, em Portugal tanto se diz *s* final como *x* quanto como *ç* (centro e norte). O *s* reverso é pouco da índole das línguas românicas.

José Oiticica dá a este vício o nome de *chichismo*.

T = Diante de *e* surdo ou *i* é palatalizado, como na Estremadura: *pentear = pentiar*. Como em relação ao *d*, o fenômeno foi notado pela Dra. Nella Aita que compara ao *c* palatal italiano o *t* carioca antes de *i*.

V – Inicial, o *v* muda-se em *b*. Esses dois sons são de muito fácil confusão; é a menos enérgica a oclusão dos lábios, basta uma pequena abertura para o *b* explosivo passar a *v* fricativo. Estabelecida a confusão, dão-se mudanças inteiramente arbitrárias.

Exemplo: *varrer = barrer* (esp. *barrer*), *vagem = bage*, *verruga = berruga*. Em Portugal, o *v* com o *b* (mais do que o *b* com o *v*) se confunde na Beira, no Entre Douro e Minho, e na parte Sul de Trás-os-Montes a regra é nunca pronunciar *v* e substituí-lo sempre por *b*. O fenômeno é

estranho à maior parte do sul do país; em Barrancos (Alentejo) e Vila Real (Algarve), a confusão é devida ao espanhol onde, como é sabido, não há *v* senão na pronúncia afetada e na dialetal.

Já na passagem do latim para o português se observa a permuta do *v* em *b*: *vagina* = *bainha*, *vesica* = *bexiga*.

X – O som duplo na fala popular é facilitado: *fixo* = *fiche*. Poucas palavras, aliás, conhece o povo nas quais o *x* tenha aquele som.

Z – Final, soa *x*, como no sul de Portugal: *luz* = *lux*. Compare-se com o *s* reverso.

O fonema *zê* de quase passa a *j* na fala popular: *caje*.

CONSOANTES AGRUPADAS – Os grupos consonânticos recebem três tratamentos: ora alteram uma das consoantes, ora intercalam uma letra que lhes facilite a pronúncia, ora suprimem uma das consoantes.

Intercalam vogal os seguintes: *bc, bd, bj, bn, bs, bt, bv, cç, cm, cn, ct, dj, dm, dn, dq, dv, gm, gn, mn, pç, pn, ps, pt, x (cs), tm*. Assim *obcecado, obdurar, objeto, abnegado, absoluto, obter, óbvio, infecção, acne, infecto, adjacente, admirar, adnato, adquirir, advogado, pragmática, ignorante, mnemônica, recepção, pneumático, psicologia, exceto, fixo, atmosfera*, se ouvem *obicecado, obidurar*, etc. este é comum às duas classes sociais, sendo que a classe inculta ignora muitas palavras que apresentam desses grupos.

Alteram uma das consoantes os grupos: *bl, cl, gl, lb, lc, ld, lf, lg, lm, lp, ls, lt, lv, lch, lz, pl, sl*. Em todos eles, menos no último, o *l* se muda em *r*, porque, como diz Meyer Lübke, o *r* é a consoante mais vizinha do *l*.

Vejam os exemplos:

*bl- bloco=broco* (termo carnavalesco), (cfr. *blandu, blank, blaese, blitu- brando, branco, braço, bredo*);

*cl- clister=cristel, classe= crasse* (cfr. *clavícula=cravelha*). Em recrutar, por uma tendência antagônica ou de afetação se ouve *l*: *reculutar*; aliás, em espanhol e italiano a palavra é com *l*, assim como no francês antigo (Gaston Paris).

*fl- flor=frô* (ou *fulô*), *aflito=afrito*, forma que já parece no português arcaico (cfr. *flor = frol* arc. *flacu=fraco, flut=frota*);

*gl- inglês = ingrês* (ou *inguilês*), como no português antigo;

*lb- Albino=Arbino*;

*lc- Calcar = carcá, sulco= surco* (como em espanhol e como se encontra na cantata Dido de Garção); o mesmo se passa em siciliano.

ld- *maldito*=*mardito*, como em andaluz;

lf- *alfaiate*=*arfaiate*; em Alfredo, por dissimilação, cai o *l=r*, por afetação às vezes ouve-se *lf* onde há *rf*: *galfo*=*garfo*;

lg- *algum*=*argum*; às vezes, por afetação, ouve-se *lg* onde há *rg*: *velgonha*=*vergonha*;

lm- *alma*=*arma*, como em andaluz e no francês popular de Paris *artesse*, *armanach*, (C. Nizard). A palavra *armazém*, de origem árabe, devia ter *l*, como em espanhol (*almacén*).

lp- *golpe*=*gorpe*, como em siciliano;

ls- *bolsa*=*borsa*, aliás etimologicamente devia ter *r* como em francês (*escorte*).

lv- *alvo*=*arvo*;

lch- *colcha*=*corcha*;

lz- *colza*=*corza*;

pl- *plantar*=*prantar*, como aparece no português antigo (cfr. *placere*, *plumbu*, *platea*, *planctu*, *platu-prazer*, *prumo*, *praça*, *pranto*, *prato*); o mesmo se passa no abrucês; há um grupo *pl* na palavra *plumonia*, de *pneumonia*, talvez por influência de *pulmão*;

sl- é raríssimo este grupo; há uma mudança esporádica para *n* em *deslocador* (termo de circo de cavalinhos).

Estas alterações quase que só aparecem na classe inculta.

Nos grupos constituídos por *s* e outra consoante (*s* impuro), se a consoante for surda, o *s* torna-se reverso como quando é final: *escama*, *esfera*, *esperança*, *estado*= *excama*, *exfera*, *experança*, *extado*. Igual fenómeno se nota no sul de Portugal, no romeno e no abrucês. Se a consoante for sonora, o *s* soa como *j*, o que também se dá no sul de Portugal: *esbelto*, *rasgo*, *desde*, *mesmo*- *ejbelto*, *rajgo*, *dejde*, *mejmo*.

Estas pronúncias são comuns às duas classes.

Vejamos agora os grupos que sofrem o terceiro tratamento:

dr- *compadre*=*compade* (cfr. *frater*=*frade*);

gn- *repugnar*=*repunar*, *significar*=*sinificar*, como em andaluz (cfr. *malignus*=*malino*);

gr- *alegre*=*alegue*. *Negro*=*nego* (é do carnaval de 1921 uma canção que documenta a última palavra);

lh- A dificuldade da pronúncia do *l* molhado é evitada com a supressão da vibrante, ficando em seu lugar o *i* que originariamente produziu o molhamento: *filha*=*fia*, *folha*=*fo-ia*. Igual fenómeno

se nota em Ceilão, Cabo Verde, S. Tomé, Príncipe; e também no francês (*bataille*), no provençal, no veneziano, no lombardo e no romano, no andaluz, no leonês, no asturiano e no espanhol americano. Em Portugal, em Olivença, dá-se o mesmo, por influência do andaluz. Inicial, o *lh* é contrário à índole da nossa língua, em espanhol e catalão é normal o *ll* inicial. A única palavra genuinamente portuguesa com *lh* inicial é *lhe* que, perdendo o molhamento, se reduz a *le*, o que também acontece em Portugal. Por afetação, produz-se às vezes a tendência oposta, de modo que palavras que devem ter *i*, têm *lh*: *arfalhate*, em vez de *alfaiate*, *telha de aranha* (aqui por influência da palavra *telha*).

lr- *bilro*=*birro*;

mb- *também*=*tamêm*, *tomêm* (e igualmente *tombêm*); a nasal labial assimila e absorve a bilabial. Igual fenômeno se observa em Portugal e em Bogotá;

nh- *companhia*=*cumpania*, para evitar a dupla palatalização, como também acontece na Toscana;

pr- *próprio*=*própio*; o *r* cai no segundo grupo, por dissimilação, como em espanhol;

sc- *nascer*, *descer*, *crescer*=*nacer*, *decer*, *crecer*, como no norte de Portugal e em espanhol (*nacer*, *crecer*); igual simplificação se deu no sufixo incoativo: *padecer*, *conhecer*, *amanhecer*;

s + consoante- *artemisia*=*artemija*, como em Portugal; o *i* que desaparece, palataliza o *s* (cfr. *cerevisia*=*cerveja*);

rt- Às vezes cai o *Fortunato*=*Futunato*; o mesmo se deu em grego, ex. KOATA no *Corpus Inscriptionum Graecarum*, e em latim ex.: *Fortunate*, C.I.L. VI, 2236;

tr- *registro*=*rezisto*, *quatro*=*quato*.

Grupos de três consoantes só há dois que mereçam atenção: *nst* e *xt*.

O primeiro perde o *n*: *instrumento*=*instrumento*, *Constantino*=*Custantino* (cfr. *monstrare*=*mostrar*). É verdade que há formas arcaicas *estromento*, *Costantino*, mas cremos que não se trata de arcaísmos conservados e sim de igualdade espontânea de tratamento de um grupo de pronúncia difícil.

No segundo (*xt*=*cst*), o *c* assimilou-se ao *s* e este envolveu mais tarde em *x* sob a influência de *i* precedente (Nunes). Em *\*extribuere*, o *i* resultante do *c* perdeu-se (*astrever*, galego *estrever*); provavelmente na linguagem vulgar tinha-se substituído o *x* por *s*, à semelhança de *esclsum*, *destera*, *sestu*, encontrados em inscrições.

DIVERSOS FENÔMENOS FONÉTICOS – Até agora tratamos dos fonemas considerando-os isoladamente as mais das vezes; vamos ver agora a influência recíproca de uns nos outros e diversos fenômenos importantes.

Assimilação: *seduzir=suduzir, sancho=xancho, sacho=xacho, também=tamêm, Carlso=Carro, Jesus=Zesus, exigir=egigir, José=Zozé.*

Dissimilação: *manhã=menhã, borboleta=barbuleta, soluço=saluço; Alfredo=Afredo, cérebro=célebro, (em latim já *celebrum*, *celebro* no espanhol antigo), próprio=própio, armário=almário (afetação; a forma existe no espanhol), crister=cristel (com uma forma intermediária \**crister*, segundo Nunes), Frederico=Federico (cfr. esp., ital.).*

Prótese: em verbos é o prefixo vernáculo *a*, com valor expletivo: *alembrear* (em Camões), *amostrar* (idem), *apreparar*, *arreceber* (num canto de pastorinhas do Natal), *arrepeter* (no jogo dos bichos), *avoar*, *arrecear*, *arresponder* (cfr. *alevantar, alumiar, afear, acontecer, arrepender, atravessar, adormecer, assoviar, arrebeitar*, etc.); nos substantivos é aglutinação do artigo definido feminino: *adália, anoz, arrã* (cfr. *abrunho, avenca, arruda, aduela, ameaça, aleijão, abantesma*).

Suarabácti: *Silvério=Silivério, Silvestre=Silivestre, Plínio=Pilínio, recruta=reculuta* (cfr. *caranguejo, fevereiro*, etc.).

Epêntese: *estralar, bonecra* (Madureira Feijó registra *monecra*); *selectra, lagostra* (cfr. *lastro, mastro, estrela, registro, listra*, etc.). quando de uma síncope resulta o grupo *mr*, contrário à índole da língua, intercala-se uma consoante da natureza do *m*, o *b*: *câmara=cam'ra=cambra, número=num'ro=numbro* (classe inculta); o mesmo se passou em *umeru=ombro, memorare=lembrar*, etc., no grego, por ex., *gambrós, gamrós*, no espanhol (*hombro, cohombro*) e no francês (*chambre, nombre*). Dá-se também em Portugal o fenômeno.

Paragoge: Apesar de rara, encontra-se quando uma palavra termina por consoante que de acordo com a índole da língua não deve ser final: *sob=sobi, Isaac=Isaque, thalweg=talvegue*, etc.; encontra-se às vezes, na classe inculta, a de um *s* nos advérbios em *mente*: *somente=somentes* (cfr. *antes, alhures, nenhures*).

Aférese: É comuníssima a do *a*: *contecer, quentar, repender, panhar, rancar, garrar; imaginar dá maginar*, como em Portugal e em galego. É a tendência oposta à prótese. *Adelaide* dá *Delaida* ou *Delaide* porque o *a* é considerado artigo e se deglutina. *Sebastião* tem o hipocorístico *Bastião* que aparece também em italiano (Benvenuto Cellini). O verbo *apagar* se confunde com *pagar*, ouvimos um trocadilho com estes dois verbos; um indivíduo dizia para o outro: “*paga* o bonde, senão eu *pago* a luz”. Estes fatos se dão na classe inculta.

Síncope: As tendências contra o proparoxítono, que tanto influíram na passagem do latim para o português, continuam a acentuar-se: *relâmpago=relampo, pássaro=passo, árvore=arve, mármore=marme, pólvora=porva*.

Quando em virtude da síncope certas consoantes ficam em contato, dão-se importantes alterações: *pêssego*, *cócega*=*pexco*, *coxca*, *música*=*musga*.

O caso do *c=g* se parece como o de *amicu*=*amigo*, mas aqui se deu outro fenômeno: o *c* em contato imediato com o *s=z* (assim como acima o *g* com o *ss=ç* ou *c* brando) teve de acomodar-se e transformou-se na sonora.

Há um caso de haplologia em *paralelepípedo*=*paralepípedo* (cfr. *idolatria*, *bondoso*, *perda*, etc.). estes fenômenos se notam na classe inculta.

Apócope: Já vimos a apócope das consoantes finais; o horror ao proparoxítono acarreta às vezes a apócope da sílaba final: *legítimo*=*legite*. Na preposição *de* é rara a sinalefa, aparece em expressões fixadas: *copo d'água*: *estrela d'Alva*, *vinha d'alhos*, *fios d'ovos*, *Obra d'arte*, Outros casos: *viv'alma*, *minh'alma*, *d'alma*, *n'água*, *Don'Ana*, *Sant'Ana*, *galinha D'Angola*, *costa d'Africa*, *d'agora*.

Metátese e hipértese – *tormentar*=*trumentar*, *lagarto*=*largato*, *lagartixa*=*largatixa* (influência de *largar*?), *caderneta*=*cardeneta*, *procissão*=*purcissão*, *teatro*=*triato* (como no italiano popular); esses fenômenos se passam na classe inculta.

NASALIZAÇÃO – Há alguns casos: *major*, *cemitério*, *condessa*, *maçã*, *maribondo*=*manjor*, *cementério* (como em espanhol), *condessa* (analogia com *condensa*?), *mançã* (há um arcaísmo *mançãa*) (cfr. *mãe*, *mensagem*, *mim*, *muito empingem*, etc. que apresentam fenômeno idêntico).

Palatalização: Já vimos casos quando tratamos das semivogais, do *d* e do *t*.

Outras alterações apresentam as palavras por diversas causas, das quais já demos exemplos: analogia, cruzamento de palavras, etimologia popular (*vagalume*=*cagalume*), (*sacristão*=*sancristão*), mudança de sufixos (v. morfologia).

A persistência do acento tônico ligeiras exceções apresenta: *Oscar*, *Aída*, *míope* são formas correntes no Rio de Janeiro. Em *ruim* que o povo faz monossílabo e acentuado no *u*, verificasse a lei fisiológica segundo a qual de duas vogais recebe o acento a que tem mais sonoridade (Meyer Lübke).

As palavras muito usadas sofrem, como é sabido, as mais arbitrárias transformações, *Você*, que já sofreu tantas mutilações, ainda continua a experimentá-las: chega a reduzir-se à última sílaba: *cê é besta!* Senhor, quando proclítico, perde a palatal, desloca o acento e dá simplesmente *seò*, *seu*, que se confunde com o possessivo. As formas *está*, *espera* reduzem-se a *tá* (como em Ceilão e em andaluz), *péra*, o que se dá também na Estremadura.

Resta-nos tratar dos casos de fonética sintática. O *s* ou *r* finais nos artigos e adjetivos determinativos alteram-se conforme a consoante inicial; *os jarros*=*uj jarros*, *as chaves*=*axh chavex*, *dez réis*

*de réis; o v também; dois vinténs=doi gintêm, a vogal nasal i acarreta desenvolvimentos, vim aqui=vi nha-qui (como no Minho) o que se pode comparar com vinu=vi o-vinho, e nem um=nenhum; m+b=m+m; um bocadinho= um mucadinho (cfr. também=tamêm).*

A propósito de certas modificações fonéticas e de outra natureza, diz o Dr. Solidônio Leite em seu trabalho *A língua portuguesa no Brasil*.

“Muito antes de D. João VI assentar a corte na cidade do Rio, já os seus moradores e os da Bahia frequentavam Moçambique, de onde traziam, desde 1645, escravos e tartaruga, em retorno dos gêneros levados do Brasil.

Nas viagens àquela praça, então parte (durante muitos anos) do estado da Índia e centro do comércio com as terras da África oriental e da Ásia, iam os navios a Goa, onde se achava o Conselho de Fazenda.

Demais, todo o comércio de Moçambique foi longo tempo monopólio dos banianes, judeus asiáticos, que levavam constantemente riquezas para Damão e Dio, onde se formara a companhia comercial que eles representavam; e, além deles, que, desde 1687, permaneciam temporariamente em Moçambique, encontravam-se ali os gentios de Damão e Dio, e uma população branca de indivíduos casados com filhas dos naturais dessas cidades de Goa.

Não podendo os navios “largar” dos portos da Índia antes da monção de janeiro a princípios de fevereiro, as suas tripulações eram obrigadas a estancar durante muitos meses.

“Depois do tratado de 1810, informa Xavier Botelho, só a praça do Rio de Janeiro continuou a frequentar a de Moçambique, aonde chegam todos os anos de quatorze a dezesseis navios e às vezes mais desde Maio até o Cabo de Agosto, e recolhem-se desde fins de outubro até fins de janeiro, para encontrarem mar, bonança e ventos de servir”.

Era, portanto, natural que os tripulantes dos navios brasileiros, que andavam à escravatura, fossem transportando para o Brasil, em cada viagem, expressões a que os habituara o falar daqueles com os quais viviam ali em demorado contato, renovado todos os anos.

Por isso, entre os dialetos indo-portugueses e a linguagem do nosso povo notam-se os mesmos traços comuns que eles apresentam, na sua maior parte, comparados entre si; como, por exemplo, simplificação de «ei» em «e» e de «ou» em «ô»; apocope de «r» no infinitivo dos verbos; redução dos esdrúxulos; preposição de quietação com os verbos de movimento; uso de termos portugueses antiquados e principalmente de formas arcaicas.

Parece haver exagero na explicação do ilustre beletista. A influência asiática, se real, foi muito restrita, não se estendeu a todo o Brasil e aquelas alterações se encontram por todo o território do nosso país.



Deu-se mera coincidência. O português alterou-se paralelamente na Ásia e na América e de modo independente. Fatos destes são muito comuns na dialetologia. O espanhol e seu dialeto andaluz apresentam também aquelas reduções e apócopies e, no entanto, elas se explicam sem interferência estranha. O mesmo se deu em Goa e no Brasil.

# Morfologia

SUBSTANTIVO – A flexão numérica por meio de S desaparece de todo nas classes incultas: *livro* (singular e plural) (Cfr. francês *livre, livres*).

O plural é indicado pelos adjetivos determinativos que precedem o substantivo, como acontece na costa noroeste da Índia, em Cochim, em Ceilão, no Cabo Verde na Guiné, em São Thomé: *os livros—os livro, dois livros—dois livro, meus livros—meus livro—estes livros—estes livro, poucos livros—poucos livro*.

Por afectação (estudo\*), às vezes aparecem com plural cumulativo certos monossílabos: *leis—lezes, pés—peses, pós—poses*.

Os nomes em ão, na classe culta, tendem a fixar a forma ões, que é a mais geral: *capitões* ao invés de *capitães, cidadãos* por *cidadãos* nos *meetings*.

Certos nomes terminados em S no singular tendem a criar uma forma sem S que não dê a impressão de plural: *Um pire, dois pires, um alicate, dois alicates* (cfr. *ceroula, calça, tesoura*, que já têm singular hoje).

Rei tem um singular *res*, cujo S talvez venha da necessidade de alongar a palavra ou de expressões como *dia de reis, reis magos*.

Há vacilações na metafonia do plural dos nomes que têm o fechado na penúltima sílaba; a analogia com o singular faz *ovos* como plural de *ovo*, o desejo desenfreado pela vontade de acertar faz *bolsos* para plural de *bolso*.

Certas palavras muito empregadas no plural e começadas por vogal tendem a fixar o S=Z do artigo: *anos, olhos = zano, zóio* (meu *zóio* = meu *olho*, dia de *zano* = dia de *anos*, na linguagem infantil).

As palavras femininas devem terminar por A e as que terminam por A devem ser femininas. Assim, *Irene, Adelaide, Matilde, miosotis* dão *Irena, Delaida* (Cfr. esp. *Adelaida*). *Matilda, Irena, miosota* nas classes incultas; *cometa, sistema, fantasma* (literariamente ambíguo) são femininos.

*Ladrão* só apresenta na classe inculta o feminino *ladrona*; alemão, *alemoa*; conde, *condessa*; morador, *moradora\**; *tigre* é feminino como em italiano; camarada torna-se *camarado* por ser masculino, *saca-rolha, lança perfume* são femininos porquê o primeiro elemento termina em A.

O sufixo *ito* é raramente usado nos diminutivos. A forma *pintainho* é inteiramente desconhecida do povo, o qual só diz *pintinho*.

Conforme observou Souza da Silveira (conferência no Curso Jacobina, 1920), o diminutivo apresenta metáfora na vogal do radical, conforme a significação. Assim, *rodinha, folhinha, modinha, corpinho* soam *rodinha, folhinha, modinha, corpinho* quando querem dizer uma roda pequena, etc. E *rudinha, fulhinha, mudinha, curpinho*, quando significam o fogo artificial, o calendário, a cantiga, a peça do vestuário.

Fora disso, a vogal é fechada normalmente (pedra, pedrinha) e não aberta, como no Norte e Centro de Portugal (pedrinha), nem brevíssima como no Sul (p'drinha).

ADJETIVO — O plural do adjetivo proclítico se mantém por meio de S por uma necessidade psicológica; do contrário, não tendo S o substantivo, nada ficaria para indicar a pluralidade.

Esta é geralmente a posição dos determinativos: os qualificativos, que quase sempre são enclíticos, não têm plural, senão na próclise: *boas festas*.

As formas gradativas analíticas dominam sobre as sintéticas. O povo evita *mais grande, mais bão*, porque sabe que é errado e entretanto cumulativamente, diz *mais mió, mais maió*, porque está muito atenuada nestes adjetivos a força gradativa.

Diz também *mais pió, mais menó*. Usa muito o superlativo com *bem*; conhece algumas formas sintéticas *Santíssimo* (termo eclesiástico), *grandíssima, coisíssima*, etc.

O demonstrativo *esse* está em decadência; aparece entretanto, principalmente em expressões estereotipadas: *Ora essa! Home essa!*

O demonstrativo *mesmo* é *memo*, como na Extremadura e Andaluz.

O povo quase não usa o possessivo *vosso*, salvo em expressões fixas: *Vossa Senhoria, venha a nós o vosso reino, seja feita a vossa vontade, bendito é o fruto do vosso ventre*.

Usa muito das expressões do Sr. da Sr<sup>a</sup>. ao invés de *seu, sua*.

Nos numerais diz *oito, dizasseis, dizoito* ou *duzoito*, como no Sul de Portugal, *dizassete, dizanove, corenta*.

Como nota Leite de Vasconcelos, o povo geralmente faz moderado uso dos ordinais, com exceção dos primeiros da série e dos que entram em expressões petrificadas: *premero, sigundo, tercero, quarto, quinto, sexto* (fixado no dias da semana), *sétimo* (missa de sétimo dia), *décima* (imposto) e *vigésimo* (por causa do bilhete de loteria).

Nos indefinidos notamos *nós tudo*, em vez de *nós todos*, como em Macau, e menos, no feminino plural, por falsa analogia: *menos livro, menos caneta*.

PRONOME — *Tu* tem emprego enfático, *vós* só aparece em expressões fixadas: *bendita sois vós*.

Desconhecem as variações, *o, a, os, as* (V. Sintaxe, exceto em expressões fixadas: *Deus o favoreça*).

Como vemos *lhe* se transforma em *le*, como em espanhol; emprega-se como forma objetiva de *você* e não de *ele* e não tem plural: quem *le disse isto*?

*Quem deu isso a vocês?*

Por influência da forma *mim, me* objeto indireto às vezes é *mim*: *ele vai mim dá um chapéu*. Com a preposição *com* aparece *nós* e não *nosco*; *cumigo* nas classes baixas, *commigo* na classe culta, como no Sul de Portugal. Usa-se pouco a variação *nos* (Aparece no *Pai Nosso*). O indefinido *a gente* equivale a *nós*.

Tudo isto é observado quase só nas classes incultas.

VERBO – O povo apenas emprega o verbo nas 1<sup>as</sup> e 3<sup>as</sup> pessoas. Mesmo quando usa a 2<sup>a</sup> do singular por ênfase, o verbo não vem nessa pessoa, vem na 3<sup>a</sup> do mesmo número.

Como em francês, a 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> pessoas do singular e a terceira do plural quase sempre: *tu ama, ele ama, eles ama*. A primeira do plural, quando paroxítona, perde o S final; Quando proparoxítona, perde a desinência toda: *Temo* (temos). *Tinha* (tínhamos). A classe baixa às vezes tira a sílaba toda, mesmo nas formas paroxítonas: *Nós canta*.

Certos tempos faltam completamente ou são raramente empregados: o mais que perfeito e o futuro simples do subjuntivo, o presente pessoal do infinitivo.

Muitos desses tempos aparecem em franceses petrificados: *Tomara! Pudera! Quem me dera! Quem HAVERÁ de dizê!*

A linguagem do futuro é dada por enálage pelo presente do indicativo ou com o verbo *ir* e o infinito do verbo que conjuga: *Vou lá hoje; vou me encontrar logo com você na cidade*.

O povo evita muitas vezes o presente e o imperfeito do subjuntivo, usando os tempos correspondentes do indicativo.

Verbo *Amar*— *amo, ama, ama, amamo, ama, amava; amei, amasses, amou, amemo<sup>8</sup> amaro; ama você, amo vocês, ame-, amemo--*, (rara), *ame; amasse--*, --, --, --;

Verbo *dever*— *Devo, deve, deve, devemo, deve, devia, --, --, --, --, devi, devesses, deveu, devemo<sup>9</sup>, devero; deve você, deva vocês; deva--*, --, --, --, *devesse-*, --, --, --; *deve, --, --, --, --; devê*.

<sup>8</sup> A classe culta diz *amamos*, conforme *vimos*. Há uma frase infantil que fixou o E: *nós quando nos juntemo, pintemo*. Segundo Meyer Lubke, a forma *amos*, como em espanhol, daria a aplicação das leis fonéticas; o mesmo autor as crê influenciadas por *amastes, amaram*. A forma *emos*, que também aparece no Norte e no centro de Portugal, torna-se assim um diacrítico da forma *amos* do presente.

<sup>9</sup> A classe culta diz *devêmos* e não *devémos*, conforme *vimos* na fonologia.

Verbo *partir* – *Parto, parte, parte, partimo, parte; partia, --, --, --, --, parti, partisses, partiu, partimo, partiro; parte você, parta vocês; parta-, -, -, -, parti.*

Vejamos agora as diferenças de metafonía.

Os verbos da primeira conjugação com e fechado na penúltima sílaba abrem-no nas formas rizotônicas: *daí: fecho, fechas, fecha, fecham; avexo, avexas, avexa, avexam;* em compensação, *enxergar, enxergar faz enxergo, enxergas, enxerga, enxergam.*

Os com a precedendo a nasal tem a vogal fechada e não aberta nas ditas formas: *apanho, chamo, sano, etc. E não àpanho, chámo, sáno.*

Os verbos **ei** na penúltima sílaba têm o tratamento dos com e porque *ei==ê*: *peneirar faz penéro, etc.. Aleijar faz aléjo, etc..*

Os com **ou** na penúltima sílaba tem o tratamento dos com **o**, porquê *ou==o*: *agourar, pousar, estourar, roubar, poupar, fazem agóro, dóro, etc. Endeusar costuma fazer endeóso, etc. Não endeuso, etc.*

Nos verbos com hiato na penúltima sílaba, dá-se a substituição por ditongo nas ditas formas: *saudo, embanho, (embainho), arruino.*

Os verbos com o precedendo nasal tem a vogal fechada e não aberta: *Tomo, tomas, toma, tomam, tome, tomes, tome, tomem. Suar costuma fazer soo, etc. Voar faz vuo.*

Na segunda conjugação, os verbos com **E** fechado na penúltima sílaba abrem-no quando tônico, exceto antes de **O**: *daí parecer e dever fazerem parêces. Parêce, parêcem, dêves, dêve, dêvem.* Esquecer tem o **E** átono sempre fechado ou surdo e não aberto como em Portugal: *Esqueci= isquici= esquêcesse=esquêcesse.*

Quando o **E** precede nasal é sempre fechado: *gêmes, gêmem, e não gémes, etc.*

O **i** de *viver*, por dissimilação, segundo Nunes, ou por analogia, talvez sofrem metafonía: *Véve, vévem.*

Os verbos com **O** na penúltima sílaba, precedendo nasal, tem a vogal fechada quando há e a última: *Cômes, côme, cômem e não cómes e etc.*

Na terceira conjugação, alguns verbos com **i** na penúltima sílaba por analogia com os da segunda conjugação que têm e, mudam o **i** em e aberto: *desistir-deseste; arresistir(resistir)- aresseste* (Leite de Vasconcelos registrou *resestez* no alentejo).

Os verbos *despir, medir, pedir, servir, ferir, mentir, sentir, vestir*, por analogia com a primeira pessoa por arcaísmo, fazem *dispe, mide, etc.*

Os verbos *cobrir, tossir, acudir, sacudir, fazem cubre, tusse* (por arcaísmo conservado?), etc.

O verbo entupir faz *entopes*, etc. E não *entupes*, etc., como é o certo.

Estes erros são da classe inculta.

**VERBOS IRREGULARES** – Os verbos em *iar* confundem-se muito na linguagem popular com os em *ear*: *contrareio, copeiro, vareio* (formas registradas por Nunes e L de Vasconcellos em Portugal), *gloreio; fantaseio etc. Avaliar* aparece como *avaluar*, como em espanhol: *vadiar dá vadeia*, registrado pelo folclore carnavalesco em 1921; *alumiar dá alumeia*, forma mais correta (Nunes), que ainda se encontra num provérbio ao lado de candeia e na expressão *por esa luz que me alameia!*

Verbo *dar*—*Dou, dá, dá, damo, dá ou dão* (mantida por ser um monossílabo tônico); *dava-- --,-- --, dá, desses, deu, demo, dero; dá você de vocês; dê-- --,-- --, desse-- --,-- --, dé-- --,-- --, dá.*

**Estar** – Na fala popular, perde a sílaba inicial (v fonologia), fenômeno também notado no andaluz e atribuindo a influência de *ter* influência que no perfeito do indicativo é bem manifesta (Meyer Lubke)

Tou(stou), tá (stás), tá (stá), tamo, tão (monossílabo tônico): *Tava-- --,-- --, tive, tivesses, teve, tivemo, tiveru; esteje* (nas intimações policiais: *Esteje preso!*)

(Você, **esteje** vocês: *teje -- --,-- --, tivesse-- --,-- --, tivé-- --,-- --, tá (star)*)

**Caber** – *Cabo* (Pres. do indicativo) *caba*, etc. no do subjuntivo; *cube* ou *cabi* no pretérito perfeito, e *cabesse* no imperfeito, *ubé* e *cabê* no futuro do subjuntivo

**Dizer** – *digo, diz, dizemo, diz: Dizia-- --,-- --, disse, dissessem, disse, dissemo, dissero: Diz voce, diga vocês; diga-- --,-- --, dissesse-- --,-- --, dissé ou dizê-- --,-- --, dizê*

**Fazer** – *Faço, faz, faz, fazemo, faz; fazia-- --,-- --, fiz, fizesses, fez, fizemo, faz, fazia, -- --,-- --, fiz, fizesses, fez, fizemo, fizeram, faz você, faça vocês; faça -- --,-- --, fizesse-- --,-- --, fizé ou fazê, -- --,-- --, fazê.*

**Haver** – *hê, há, há, havemo, há; havia, -- --,-- --,-- --*: Este verbo só é usado pelo povo nas linguagens do futuro. O impessoal é *ter*.

(V. sintaxe).

**Poder** – *Posso, pode, pode, podemo, pode; podia-- --,-- --, pode* (afectação para acertar), *pudesses, pode, pudemo, pudero; possa-- --,-- --, pudesse-- --,-- --, pudé ou podê-- --,-- --, podê.*

**Querer** – Quero, quês, qué, queremos, qué: queria, –, --, --; quis, quisesses, quis, quisermos, quisero: quêra, --, --, --, --; quize ou querê, --, --, --, --; querê

**Saber** – Sei (por vezes sê) sabe, sabe, sabemos, quisero: quêra, –, --, --, --. sube,, subesses, soube, subemo, subero; sabe você, saba vocês; saba, -, -, -, --; subesse, , , -; subé ou sabe, - --, -; -; sabe.

**Ser** – Sou, é, é, como ou sermos<sup>10</sup> (há uma anedota fixando esta forma), são; era, -, --, -, fui, fosses, foi, fomo ou fumo (influência de fui, como no galego), fôro; seja você, seja vocês, seja, --, --, --, --<sup>11</sup>; fosse, --, --, --, --;

(há uma forma regular sêsse: fixada numa \*phrase pilhérica\* : Antes sêsse) fô ou sê, -, - - sê.

**Ter** – Tenho, tem, tem, temo, tem; tinha, --, --, --, --, tive, tivesses, teve, tivemos, tivero: Tem você, tenha vocês; tenha; ---, --, --, --<sup>12</sup>; tivesse, -, -, -; tivé ou tê (como nas classes médias aparece nos compostos *manter, conter, etc.*).

**Abster, deter, reter** às vezes apresentam pretéritos regulares, *absti, este, eu, etc.* Por atenuação do sentimento da composição.

**Entreter** (aliás **entertê**) apresenta tempos regulares: *enterte* ou *entrete, enterteu*.

**Trazer** – Trago, traz, traz, trazemo, traz; trazia, -, -, -, trouxe, truxesses, trouxe, truxemo, truxero; traz você, traga vocês; traga, --, --, --, --; truxesse, --, --, --, --, truxé ou trazê.

**Valer** – Valo, vale, vale, valemo, vale (**val.** só aparece no provérbio ouro é o que ouro **val**): vala; - ;

**Ver** – Vejo, vê vê, vemo, vê; via, -, -, vi, vassis, viu, vimo, viro ve você, veja vocês; veja ou veja, visse, -, -, --; vê<sup>13</sup>, --- -(ver na classe culta, porque a forma verdadeira lembra o verbo vir); vê.

O composto **rever** faz *reveu* na 3ª pessoa do singular do pretérito.

O verbo **precaver**, por influência de ver e de vir, tem para presente do indicativo e do subjuntivo as formas *precavejo, precaveja, precavenho, precavenha* (classe média).

**Despedir e impedir** – Na classe média, apresenta formas **despeço, impeço, despeça, impeça**, muito correntes, como se fossem compostos de pedir.

**Ir** – Vou, vais, vai, vamo ou vamo, influência de vou, cfr. **sou e somos**) vão; ia, --, --, --, --: fui, fosses, foi, fômo ou fumo, fôro; vai você, vá vocês; vá, --, --, --, --; fosse, --, --, --, --, \*; fô ou i, --, --, --, --; (a classe média diz **ir**); i.

10 Também em Portugal; em Andaluz.

11 Nas classes médias *tênhamos* por influência das formas rizotônicas como quer João Ribeiro e não do imperfeito *tínhamos*, como quer Meyer Lübke.

12 Nas classes médias *sejamos* por influência das formas rizotônicas.

13 Como em Goa.

**Vir** – Venho, vem, evem (a conjugação ?). Viemo (a forma verdadeira lembra o verbo ver) vem; vinha,--,--,--,--; vim, viesses, veiu, viemo, viero; vem você, venha vocês; venha, --,--,--,--: viesse. --,--,--,--; vié ou vim,--, --,--,--; vim (com a nasal que aparece em toda a conjugação. quase).

**Intervir** na classe média faz no pretérito **interviu**.

**Pôr** – Ponho, põe, põe, pomo, põe; punha, pus, pusesses, pôs, pusemo, pusero: põe você ponha vocês: ponha,--,--,--,--;pusesse--,--,--,--; pusé ou pô (na classe média **pôr**).--,--,--,--: pô.

A força niveladora da analogia dá aos verbos **abrir e cobrir** os participios arcaicos e regulares **abrido, cobrido**; os verbos **pagar, gastar. Ganhar** apresentam em todo vigor os participios regulares em detrimento dos outros; **escrever** apresenta **escrevido**.

Os verbos pronominais têm **me** na primeira do singular e **se** nas demais pessoas (compare se a junção de *autós*, da 3ª pessoa, a todos os reflexivos gregos); há verbos pronominais que na linguagem popular deixam de sê-lo: Zangar-se (eu zanguiei co ele).

O imperativo negativo muitas vezes se forma com o indicativo: **Não faz isso, Fulano**.

A força niveladora da analogia criou ao lado das formas irregulares do futuro simples do subjuntivo outras moldadas sobre o infinitivo, como nos verbos regulares, as quais tendem a prevalecer.

Quase todas estas anomalias relativas aos verbos se encontram só na classe inculta.

**PREPOSIÇÃO** – As preposições simples são: a, inté (geral em Portugal) e té, cum (antes de consoante) e co (antes de vogal ou de nasal), contra, de (v. fonologia), desde, im (às vezes ni), entre, pra (como em galego e como às vezes aparece em poesia), pru, sem.

A locução **por amor de** está tão desfigurada que quase fica irreconhecível: prumode.

**ADVÉRBIO** – Tempo: hoje, ontem, amanhã, anteonte, tresantonte; agora, ainda, logo, já sempre, nunca, em antes despois (arc.), cedo, tarde, antão, premero.

**Lugar**: aqui, ali, aí, cá, lá, dentro, fora, adiente, detrás, atrás, longe perto, junto, emcima, embaixo, adonde (que ainda existe em espanhol).

**Modo**: bem má, assim, tamém, tomêm ou tombêm, afiná, mió pió, dêpressa, divagá

**Quantidade**: mais, menos, munto<sup>14</sup>, pouco, meio, tão, tanto, quanto, bastante, caje.

**Afirmação**: sim; negação: não; dúvida: Tarvez, exclusão : só.

Na próclise, a negação não se transforma em **num**, como no Centro e Norte de Portugal.

---

14 Como em Damão, note-se a tendência simplificativa do ditongo (cfr. chuva, fruto, enxuto, cutelo, lutar).



Usa-se mais **aqui** do que **cá**:\* êle **stá aqui** e não êl cá **stá**; usa-se muito mais em vez de **já**: **Não vou mais**, em vez de **já não vou**.

Aparecem muitos advérbios com flexão gradativa: **agorinha** mesmo, até **loguinho**, **assinzinho**, bem **cedinho**, **pertinho**, **devagarinho**, falou **baixinho**, andou **direitinho**: Em vez de **primero**, o povo diz **mais premero**, para sentir bem a força comparativa latente no advérbio.

**CONJUNÇÃO** – Copulativa: e; disjuntivas: **ou**, **nem**; adversativas **\*mas, mas\***, **porém** ; conclusiva: **Logo**; concessiva: **\*Mesmo que** ; final: **Pra que**; condicional: **si** ; causal: **Pruquê**; comparativas: **Cumo, que**; integrantes: Que, **si**, correlativa:

**Que**; Modais: **Cumo, cunforme**: Temporais: **Quando, enquanto, em antes que, depois que, inté que, logo que, sempre que**.

**Mas porém**, que se acha nos Lusíadas, III, 99, por exemplo, é usado na \*énbase\*, a classe culta diz às vezes, mas com **A** fechado, por afetação.

**INTERJEIÇÃO** – Apenas cabe mencionar umas interjeições usadas quase que só pela classe inculta: ué ! vóte !, etc..

**COMPOSIÇÃO E DERIVAÇÃO** – Pouca coisa há que respigar neste domínio, mas para não deixar de apontar fatos característicos, citamos a troca de sufixo em **bebedor** em vez de **bebedouro**, a influência do sufixo **el** em **fácel** e **difícel**, o uso desnecessário do prefixo **des** em **destrocar**=trocar pela necessidade de frisar a ideia de mudança, o mesmo uso em **desinfeliz** **infeliz**, influenciado. talvez por formas como **desinquieta**, **desensofrido**

# Sintaxe

O gênio de uma língua se encontra principalmente na sintaxe; por isso tantas dificuldades apresenta esta parte da gramática.

Ainda é cedo para se fazer a sintaxe do dialeto, quanto mais a das variedades, entretanto é imprescindível que se acumulem os materiais que mais tarde permitam uma síntese.

Entre os que se têm ocupado mais com a sintaxe é de justiça destacar José Jorge Paranhos da Silva e Antônio Mauro.

Por enquanto, as divergências sintáticas são grosseiros solecismos que não merecem guarida, mas lembremo-nos de que é assim que se constituem as línguas. Os solecismos praticados nas diversas partes da România são hoje construções de línguas cultas. Outro tanto acontecerá com os nossos; num futuro que ninguém pode prever. A prova da vitalidade que eles já possuem está em que alguns são perpetrados com toda a consciência pela própria classe culta quando fala despreocupadamente. E o menor esforço, a preguiça do falar, a necessidade de acomodar a expressão à mentalidade da classe inculta e todos nós sabemos quanto é perniciosa a influência dos maus hábitos. Por conseguinte, é uma mera questão de relativismo o que hoje é considerado errôneo, daqui a séculos será uma linguagem castiça onde, por sua vez, novos solecismos hão de surgir porque, embora daqui até lá talvez não haja mais analfabetos, sempre haverá uma classe que fale bem e outra que se exprime menos bem.

A sintaxe do substantivo e a do adjetivo nada de característico por assim dizer nos revelam. Notamos os comparativos analítico-sintéticos: **mais mió, mais pió, mais maió, mais menó**, que têm paralelo nas formas nais **superior**, mais **inferior** e outras, que a classe culta deixa escapar.

Em Fernão Lopes, D. João I, cap. 26 da 1ª p, encontra-se: **Viu... como todos andavam alevantados, que se poderia seguir mais peor.**

O caso se explica pela obliteração da força gradativa nas formas sintéticas, de modo que, para sentir o grau, o povo se vê obrigado a lançar mão do advérbio, outro tanto se deu quando se empregaram as preposições porque os casos perderam suas desinências, quanto a **migo, tigo, etc.** Se acrescentou de novo a preposição. É a tendência analítica que procura cada vez mais dominar.

Na sintaxe do pronome encontramos farta messe.

A flexão casual, que tanto sofreu na passagem do latim para o português, foi acolher-se nos pronomes como último refúgio e lá mesmo não a deixou em paz a tendência destruidora popular.

E um dos brasileirismos mais característicos é o uso do pronome em caso reto na função de objeto: *vi* êle, *encontrei ela*.

A respeito do assunto, diz Ruy Barbosa na Réplica: “Entre as formas clássicas há muito envelhecidas e extintas uma houve que, não sei porque, passou despercebida até hoje aos estudiosos e aos cientes.

Costumam todos os Filólogos designar por brasileirismo (e eu em tal conta sempre o tive, até não há muito) o uso do pronome pessoal *elle, ella, elles, elles*, como objeto do verbos: Eu vi elle, Eu deixei elle. Dessa prática, entretanto, bastantes casos se me deparam nos clássicos mais antigos.

Deu os bens d’alguns áquelles que lhos pediam, os quases se houveram por mui aggravados, dizendo que culpava ELLES, porque se davam tão azinha, não se podendo mais defender, aos inimigos.” (FERN, LOPES, D. Fernando, c. 361)

El-rei mandou-o logo prender, e levaram ELLE e Matheus Fernandes a Sevilha..Ib., c. 46.)

Rogando-lhe» (el-rei), «por suas cartas ao cardeal, que *absolvesse* ELLE e seu reino d’algum caso d’excommunhão ou interdicto... » Ib, c. 84.)

E as horas que o infante veiu foi recebido por uma mulher de sua casa, e levado escusamente onde D. Maria estava, e *elle*, quando entrou, viu *ella* e seus corregimentos assim dispostos para o receber por hóspede (Ib., c. 100.)

Os cardeaes outrossim *privaram* ELLE d’algum direito, se o no papado tinha -> (Ib., c. 108.)

Trazia quatro Honrados senhores um panno d’ouro tendido em hastes, que cobria ELLE e o cavallo. (18, c. 167).

Que em tal caso houvessem ELLA por sua rainha e senhora. (Ib C: 158.)

«El-rei de Castella não vinha senão por passar seu caminho, e não por cercar ELLES riem ou tros». (FERN. LOPES: D. João , parte: Ia, c. 60.).

Martim Annes veiu alli olhar como ia a hoste, trazendo já consigo muitos mais do que d’antes trouvera, e *nomeamos* ELLE mais que nenhum dos outros, porque elle principalmente era o que fazia fazer estas esporadas. (Ib p. II; C. 05.)

: «Parecendo-me vai que esta nossa vinda aqui pera desastres foi, e não mais. Mas, assi de longe os *ordena* ELLES a ventura, que, logo ao começo, se não podem conhecer.» (BERNARDIM: Men e Moça; c. 25, p. 179.)

Sousa da Silveira, em seus *Trechos Selectos*, tratando das diferenças entre o português arcaico e o português moderno, cita o emprego, como complemento direto, das formas tônicas dos pronomes pessoais, *ele (s)*, *ela (s)* ; diz que esse emprego ainda perdura na linguagem falada brasileira e cita os três seguintes exemplos retirados dos textos arcaicos de Leite de Vasconcelos:

<Item mandamos que todolos porcariços que trexerem porcos no campo dem eles a seus senhores.

Rodapé-

E todolos mançebos que servirem a plazo in gaados, paguem *eles* a rrazum d'este preço de suso dito.

.....paguem eles de suas soldadas.

O mesmo autor, tratando de brasileirismos, diz o seguinte:

«Anda, também, rotulado de brasileirismo o emprego, que em nossa linguagem familiar se faz, dos pronomes ***ele (s)***, ***ela (s)*** como complemento direto. Entretanto, é a sintaxe do português arcaico...»

Aos exemplos acima aduzidos acrescenta: Mais os dois seguintes, tirados da ***Sintaxe Histórica***, de Epifânio.

«Perdi *ela* que foy arrê(= a rem) melhor.»

(D. Af Sanches, Vat, 21).

«desque vi *ela*».

(Vasco Rodrigues de Calvelo, Vat. 585).

J. J. Nunes, em sua ***Gramática Histórica***, cita um exemplo do *Livro de Esopo (que enforcariam ELE)* e outro de um documento do séc. XIII publicado por P. d'Azevedo na Rev. Lusit. VII, pag. 39.

Eduardo Carlos Pereira, em sua *Gramática Histórica*, apresenta onze exemplos, alguns dos quais já citamos acima.

. Com a nossa opinião concorda a de Amadeu Amaral que sustenta no ***Dialeto Caipira*** que o brasileirismo se produziu independentemente de qualquer relação histórica com o fenômeno que se verificou, sem continuidade, no período ante clássico do português.

Eduardo Carlos Pereira admite, uma opinião eclética. Entende ele que no Brasil este emprego do pronome reto não obedece somente a antiga tradição da língua, mas também à necessidade de clareza pelo menos em relação ao pronome átono *o, a, os, as*

Este acusativo, diz ele, sobre fraco, é ainda atenuado na pronúncia brasileira de sorte que se tornam obscuras ou ambíguas certas frases de uso frequente, tais como: ***Vi-o vi-a, eu o vi, ouvi-o, ouvia, eu o ouvi***. Na linguagem familiar, dificilmente articulamos sem confusão, tais grupos (***vi-o e viu, vi-a e via, eu o vi e eu ouvi, ouvi-o e ouviu, ouvia e ouvia, eu avi e eu ouvi***), Urgidos\* (URGENTE/IMINENTE) pela lei suprema da linguagem, que é a clareza renove o povo a dificuldade lançando mão, por instinto ou atavismo do uso arcaico do pronome reto: ***Vi elle, vi ella, ouvi elle, ouvi ella, eu ouvi elle:***\*

Outro emprego, que também pode ser considerado um brasileirismo, apesar dos precedentes clássicos é o do pronome ***lhe*** (pronunciado ***le*** pelo povo, como vimos na fonética) na função de objeto direto: ***Eu LE vi, eu vou LE visitar amanhã***.

Este emprego também é corrente em Goa.

No português clássico houve hesitação que acarretou dupla sintaxe para uns tantos verbos (***socorrer, igualar, atalhar, contrariar, obedecer, desagradar, assistir, resistir, contentar, chamar, etc.***). Fartos exemplos de Camões, Fr. Heitor Pinto, Vieira, Gabriel de Castro e outros nos aponta em seu livro Sousa da Silveira que pensa que «erri nossa Língua falada, vive a dupla sintaxe antiga, gozando, talvez de preferência à forma ***lhe***»

Parece não ser preciso recorrer à continuidade da sintaxe antiga para explicar o fenômeno e o próprio autor nos indica a solução natural, comprovada até pela gramática comparada

Assim como os pronomes ***me, te*** (e também nos e vos) exercem as funções de objeto direto e de objeto indireto, por analogia, ***lhe***, que exerce só a de indireto, por terminar do mesmo modo que os outros, passou também a exercer a de objeto direto.

Fato análogo se passou no espanhol; é a célebre questão do ***leísmo*** e do ***loísmo***, «Conforme à etimologia las formas ***la, la, las, los***, diez Cuervo, son acusativos netos, como que continúan los casos latinos ***illam, illum, illäs, illos; le, les*** son dativos de los dos géneros como sus originales ***illi, illis***. La conformidad del uso con la etimología ha perseverado en la mayoría de los pueblos que hablan nuestra lengua; pero en Castilla y León comenzaron desde temprano a con fundirse los casos, tomándose primero: le como acusativo en lugar de lo masculino, luego les por los, y finalmente la, las y lo, los por los dativos le, les»...

Esta última troca não se verificou em português.

—As reduzidas de infinitivo, nas quais aparece a preposição para, tem o pronome em caso oblíquo em vez de tê-lo no caso reto: *Isto é PARA MIM Levar*.

Explica-se: a preposição atrai o pronome para o caso oblíquo, ex: comprei um chapéu PARA MIM; de modo que, quando ela rege a reduzida toda de infinitivo, dá a impressão de que só rege o pronome; daí o engano.

A impressão é tão forte que o uso correto do pronome passa aos ouvidos do povo como um erro e ele o emenda do modo apontado:

Cumpre notar que o povo às vezes procura acertar, vimos casos de emendas infelizes na fonética (**arfalate**, **velgonha**, etc.) e na morfologia (**lezes**); se erra, não é por falta de vontade de acertar.

Nas locuções verbais formadas com os verbos **mandar**, **deixar**, **fazer**, **ver**, **ouvir**, etc., seguidos de outro no infinitivo, aparecem pronomes pessoais em caso reto quando deviam vir em caso oblíquo: **deixa ELE vir cá**, em vez de deixa-o vi cá.

Quer na função de sujeito quer na de objeto (principalmente nas terceiras pessoas), o povo só compreende o emprego da forma proveniente do nominativo latino e por isso, assim como diz **eu vi ele**, diz também **deixa ele vir**, embora neste caso especial o sujeito do infinitivo devesse vir em acusativo.

— Muitas vezes as formas retas aparecem regidas de preposição : **ela quer ir SEM EU, ENTRE EU E ELE**.

— O caso reto é mais enfático, daí o seu emprego. Além disso, atua a tendência a destruir as flexões.

—São correntes as construções: **estou zangado consigo** e outras do mesmo jaez.

Este uso, mais corrente em Portugal do que no Brasil, aparece nos melhores escritores.

São de Herculano os dois seguintes exemplos citados por Leite de Vasconcelos : “A carta que me dirige tem um sabor acre... queimei-a... Não é por mim, é por **si**. Há dois períodos na sua carta que me afligem, não por mim, mas por **si**”. (Cartas, t, 1, D. 10). Meyer Lübke lhe dá guarida em sua *Gramática das línguas românicas* (vol. III págs. 85-6).

Sendo da primeira pessoa o sujeito, entende Eduardo Carlos Pereira que não há nisso inconveniência, antes via vantagem prática.

Não deixa de ser incorreto este emprego de **si, consigo**, pois, na qualidade de reflexivos de terceira pessoa, não se devem referir à pessoa com quem falamos.

É um caso de analogia sintática. O pronome de tratamento familiar é **você** cujas concordâncias se fazem na terceira pessoa: **Você SE machucou, você perdeu SEU chapéu**, etc.; daí a generalização das mesmas concordâncias, com o intuito talvez de tomar mais leve a frase com o emprego de **si, consigo**. E é muito mais suave dizer: **estou muito zangado CONSIGO** do que **estou muito zangado com você**. O dissílabo paroxítono dá melhor harmonia à frase do que o dissílabo oxítono. E o povo, que não se preocupa com gramatiquices, não hesita.

O mesmo se pode dizer em relação ao tratamento cerimonioso de Sr.

— Em matéria de colocação de pronomes pessoais oblíquos é grande a divergência entre o falar de Portugal e o do Brasil.

— O melhor ponto de vista nos parece ser o de Said Ali, que explica o caso por uma questão de fonética

— Até agora, diz ele no capítulo Colocação de pronomes, das **Dificuldades da língua portuguesa**, estudamos a colocação dos pronomes complementares na linguagem de Portugal. Resta-nos ver se no Brasil pode existir exatamente a mesma colocação,

Fundando-se na pronúncia própria do falar lusitano, impossível será haver entre nós identidade de colocação, se não é idêntica a pronúncia. Lá os pronomes são «átonos o final em **me, te, se** é tão abafado que mal se ouve. Cá estamos habituados a empregar já certa acentuação quando o pronome vem anteposto ao verbo, dizendo aproximadamente **mi, ti, si** para nós, brasileiros, seria extremamente difícil pronunciar a portuguesa **me, te, se**. O pronome relativo pronunciamo-lo com tendência para **qui**, ao passo que o som lusitano aproxima-se de **que**.

Em Portugal, fala-se mais depressa, a ligação das palavras é um fato muito comum; no Brasil, pronuncia-se mais pausada e mais claramente.

Em suma, a fonética brasileira é em geral diversa da fonética lusitana.

.....  
Rodapé:

A nossa maneira fantasista (como alguns lhe chamam) de colocar os pronomes, forçosamente diversa da de Portugal, não é errônea, salvo se a gramática, depois de anunciar que observa e registra fatos, depois de reconhecer que os fenômenos linguísticos têm o seu histórico.

A sua evolução, ainda se julga com o direito de atirar **ciosa e receiosa** da mutabilidade, por cima do nosso idioma, a túnica de Nessus das regras arbitrárias e inflexíveis.

As línguas alteram-se com a mudança de meio; e o nosso modo de falar diverge e há de divergir, em muitos pontos, da Linguagem Lusitana. Muitas são já as diferenças atuais, que passam despercebidas por não haver um estudo feito neste sentido. Não é caso para eternamente.

Nos julgamos inferiores aos nossos maiores.

De raciocínio em raciocínio chegaríamos ao absurdo de considerar extraordinário conhecedor da nossa língua e mais profundo do que o mais culto brasileiro, o camponês analfabeto que, tendo tido a fortuna de nascer na Beira ou em Trás os Montes, pronuncia átonos, os pronomes, conseqüentemente, os coloca bem à portuguesa.

A verdadeira conclusão científica não pode ser senão esta: em Portugal, é certa a colocação dos pronomes por ser de uso geral; no Brasil, também é certo o nosso modo de empregar os pronomes por ser igualmente de uso geral:

Em que pese aos grammaticos, o único critério para julgar da correcção da linguagem é, como muito bem diz o filósofo Sayçe: :

«Custom alone can determine what is right and wrong, not the dictum of grammarians, however **eminent**».

- **E comunismo** (em todas as classes sociais) começar o período por pronome oblíquo: **me dá um copo d'água, me diga uma coisa. Sente-se que a ênclise soa de modo estranho: dá me, diga-me uma coisa.**

sente-se que a ênclise soa de modo estranho: **Dá..**

**me, diga-me.**

As outras línguas românicas não repugnam este uso, encontrámo-lo em espanhol, em italiano, em francês.

A má colocação em frases negativas ou começadas por pronome relativo é vulgar (como também se dá no português da Ásia e no da África): Não zangue-se comigo, o homem que suicidou-se ontem. Sem lusitanismo podemos dizer que tais frases ferem os ouvidos das pessoas cultas.

A variação pronominal antes da negação, apesar de estar corretíssimamente colocada, desagrada ao ouvido brasileiro. Poderemos escrever **ele se não zangou**, mas dizer, não o diremos sem afectação. Com toda a naturalidade e certo dizemos: Ele não se zangou.



Repugna ao ouvido das pessoas da classe culta a colocação do pronome oblíquo depois do particípio passado, fato de que há exemplos, conquanto raros, em bons autores: **Ela tinha saído- SE bem nos exames.**

De Felinto Elísio, nos Mártires, há dois exemplos, citados por Sousa da Silveira:

«Nas veias, esgotado **lhe** a nascente, 234).

<Julgado-**se** a si mesma ---- emudeceu» (I, 423).

E mais este, citado por Eduardo Carlos Pereira: «Tinha d'Olmacé trazido-**me** já o meu sustento nesse dia-tinha eu feito o retrato de meu amigo e metido-o numa bocetinha que nunca larguei de mim».

A linguagem usual não emprega as combinações dos pronomes **me, te, the, lhe** com os pronomes **o, a, os, as mo, ma, mos, mas**, etc; faz elipse do segundo quando não faz de ambos: **Ele te deu o chapéu? --Me deu** (ou **Deu**).

—Sem querer indagar se o povo considera se sujeito ou não, o que é absolutamente desnecessário, pois o povo não sabe dessas coisas de análise lógica, fala como bem entende, não podemos deixar de registrar as frases como: **aluga se cômodos, vende-se materiais** e outras que diariamente vemos em letreiros pela cidade. Nestas frases, contra a opinião da maioria dos gramáticos, o verbo fica no singular, deixando de concordar com **cômodos, materiais**, etc., os verdadeiros sujeitos, segundo os doutos. O povo, um pouco a Mr. Jourdain, sente em **materiais, cômodos** a função de objeto direto e dá às frases **vende-se materiais, aluga-se cômodos** a mesma sintaxe de **vendí os materiais, aluguei cômodos**.

--Não se usam absolutamente no Rio de Janeiro, exceto por affectação, formas verbais proparoxítonas, acompanhadas de dois pronomes enclíticos: **Dávamo-vo-lo** (G. Viana). Com um só raramente existe; dávamos-lhe.

—Nas expressões constituídas por verbo auxiliar e infinitivo, o pronome pode ser proclítico ao auxiliar (colocação muito ao sabor português) ou enclítico ao infinitivo (colocação portuguesa ou brasileira). Há, porém, uma colocação genuinamente brasileira: O pronome vem entre os dois verbos, Ex : **Não faça isso, Fulano; ele pode SE aborrecer.**

Na classe inculta, os verbos pronominais apresentam às vezes dois pronomes oblíquos: **Ela se casou-SE.**

A Ênclise tira um pouco da força pronominal do verbo, daí a necessidade de reforço por meio do pronome proclítico

—Nos mesmos verbos, o pronome desaparece no particípio passado: entretanto, na ênfase, usam-no desnecessariamente e ainda o colocam mal: **Uma menina chamada-se Maria.**

—Em matéria de tratamento, vigora a maior mistura possível, o que também se dá na América espanhola: Você **foi ontem o cinema? Não te vi lá**. É um vestígio da vitalidade do pronome da segunda pessoa do singular:

Na ênfase, o povo usa o relativo *cujo* em vez de *o qual* para dar mais força: **Comeu a banana cuja banana fez mal a ele**.

Este solecismo, muito comum na linguagem tabelioa, também existe na Espanha e na América espanhola.

--Nas orações relativas onde *que* representa função diferente da de sujeito ou objeto direto, em vez de empregá-lo regido da competente preposição, usam-no sem ela e a empregam no fim da oração com um pronome pessoal: A pessoa QUE eu falei COM ELA, em vez de **a pessoa COM QUEM eu falei**.

Isto lembra um pouco a sintaxe inglesa em frases como **the man WHOM I have spoken of**.

A razão deste fato nos parece ser a seguinte: As funções normais de *que* são as de sujeito e objeto direto, de modo que, pelo costume que vem iniciando a frase: **A pessoa que...**; de-

via-se continuar falou comigo, mas o interlocutor quer salientar que foi ele quem falou e são outrem e, por isso continua.... **que eu falei**, aí sente a necessidade da relação sintática e para remediar a situação emprega a preposição e o pronome pessoal com ela: Dá-se um cruzamento sintático que para o povo é uma construção mais fácil do que **a pessoa com quem eu falei**.

—O povo desconhece às vezes a força sintética de quem é, por isso frequentemente usa que depois de **quem, quem que disse isto?**

Talvez se possa explicar a frase por uma elipse: **Quem (foi que) disse isto ?**

Usa-se **qualquer um** e **não um qualquer**, como em Portugal.

—O interrogativo e exclamativo **o que**, tão condenado pelos gramáticos, é de uso corretíssimo: O QUE é isso? O QUE ?!

Uma vez ou outra aparece em bons autores o aposto a que **interrogativo**.

Vejamos os seguintes exemplos que colhemos em Ruy Barbosa e Eduardo Carlos Pereira

«O **que** farey a estes rostos que tão asinha se mudam ? (SÁ DE MIRANDA, Obras 2,98).

«E isso o **que** é ? (D. FRANCISCO MANOEL **Feira de Annexins**, p. 10)

«O **que** foi isto ? (CASTILHO. **Pausto**, p. 177).

«O que são os ventos ? (CAMILLO, **Cavar em ruínas**, p. 211), 3

«O **que** é a propriedade? (ALEXANDRE HERCULANO À propriedade literária, p. 177),

« Sei. O que? O que tu não tens ânimo para me dizer (GARRETT, a Viag 2. 167).

A pequena extensão da interrogativa e a sua atonicidade em posição proclítica reclamaram o reforço, segundo pensa E. C. Pereira.

Ruy Barbosa, que na Réplica trata exhaustivamente do assunto, explica deste modo o solecismo:

Como nas construções afirmativas, o artigo precede o adjetivo **que** determinando o objeto, ou indivíduo, por ele representado, dessas frases passou facilmente esta sintaxe, em corruptelas do uso vulgar, para as interrogativas. Daí provavelmente o contágio, que, por inadvertência, leva, uma ou outra vez, os seus efeitos até a prática dos bons escritores, porque de outro modo não seria possível explicar a enxertia do artigo desta espécie de sentenças,

nas que a própria natureza dele está em antagonismo com aquela função»

O interrogativo **o que**, a princípio estranho à língua mesmo nas interrogações indiretas, mais tarde, para evitar dubiedade de sentido, **pois** que sem **o** se confundia com a conjunção integrante, começou a aparecer.”

«Admitida a forma **o que** na interrogação indireta, diz Said Ali na *Lexeologia do português histórico*, estava dado o primeiro passo para a sua admissão nas perguntas diretas. Aqui de fato penetrou, menos pelo sentido dúbio da forma primitiva do que por uma questão de ordem fonética. **Que** tornara-se vocábulo átono ou quase átono; **O que** possuía acentuação forte, que conservou até hoje.

No princípio ou no meio da oração, o simples **que** não preposicionado pode ser substituído por **o que**, desde que o escritor queira pôr em relevo o interrogativo. A necessidade desse relevo no começo da pergunta não a sentiram os escritores senão modernamente. Ao senso comum parece tão legítimo **dizes o que?** como **o que dizes?** A gramática, reconhecendo interrogativo acentuado no primeiro caso, reconhece-o também no segundo.»

Dá em seguida exemplos de Garrett, Herculano e Castilho.

— O verbo **ter** vai substituindo haver no emprego impessoal, não tem água na bica.

E.C. Pereira cita um exemplo deste barbarismo na *Arte de furtar: A um Mestre de Lisboa: Ouvi dizer que bastava numa Câmara três vereadores e tinha SETE*. Há evidentemente um quiasma sintático: **Não há água na bica + a bica não tem água— não tem água na bica.**

Esta substituição de haver por ter nada tem de espantoso. A significação etimológica de **haver** (*do Latim habere*) é ter; nas linguagens compostas **haver** foi substituído por **ter**; quem sem afectação dirá HEI JANTADO  **muitas vezes em sua casa**, em vez de **TENHO JANTADO muitas vezes em sua casa?**

O mesmo barbarismo, segundo Júlio Moreira, se encontra no indo-português do Norte: **TEM um hom que tanto se ell corrê, su barrig nune ha carregá ou enchê. TEM um hom que por ell noite e di nu tem sucego. TEM um hom que por el tent set ovid.**

—O verbo haver, impessoalmente empregado vai indebitamente, para o plural: **HOUVERÄM. coisas interessantes naquele dia.**

Note-se que quase sempre isto se dá com outras formas que não o presente do Indicativo; parece que o singular **há** está de tal modo cristalizado que resiste à deturpação.

— Desta sintaxe, considerada aliás legítima pelo gramático Ribeiro de Vasconcellos e Ruy Barbosa cita exemplos clássicos:

**Hajam** festas de prazer,

**Hajam** cantos para ouvir».

(CAMÕES, *Auto de El-Rel Seleu* xco, ed. crít do Porto, v. VI, p. 204)

Taes **havam** que certificavam que o mestre era morto. (FERNÃO LOPES, D. João I, p1 c: 12).

O coração de quantos hi **havam** era dado «a grandes pensamentos». (10., C. 20). .....

**Houveram** algumas escaramuças. «(DUARTE NUNES, *Crónicas del Rey D. João, D. Duarte 1.D Aff; p. 557*).

Fazer resistência a quesquer movimentos que naquela comarca **houvessem**,» (16., p. 139).

«E ainda que **hajam** outras razões (VIEIRA Inedit, v. 11, p. 32) .

**Houveram** philosophos. (D. FRANCISCO MANCIL, Serões, p. 373)

«E se ainda **houverem** prolixos ociosos editores. (FELINTO ELÍSIO, *Obr. v, p.41*)

(Apenas leis Houveram (16, V Xill, p. 52876

Chegam a afirmar, haverem por lá, ainda no século passado, hospitaës 1 (CASTILHO, A primavera, p. 275)

Solecisió igual existe na América hespa nhola (Gram, da Real Academia, ed. 1917, pg 265, Bello, Gram Cast. ed. 1918; p. 206)

Cuervo explica mui racionalmente o fenômeno: nas locuções de que se trata, é visível como se foi obscurecendo o sujeito e predominando o acusativo até vir a ser o objecto principal do conceito, ou seja, o sujeito psicológico daí provem que, pela tendência natural a restabelecer a harmonia entre a fórmula psicológica e a expressão gramatical, se diga *hubieron fiestas, habian cuatro dias*

Pode dizer-se também que se deu unia mutação semântica no verbo haver. Queiram, ou não queiram os gramáticos, venha ou não venha ele de *habere*, ter, o povo sente nestas frases impessoais a significação de existir

É preciso reconhecer que quem faz a língua é o povo e que as palavras têm o direito de mudar de significação.

Caso análogo se dá com o verbo: fazer: FAZEM dois anos que eu estive aqui.: :

Em vez de que eu estive aqui-sujeito: faz isto é, completa-predicado gramatical; dois anos. -objecto directo, o povo. sente; fazem (isto é, passam-se) dois anos (desde) que eu estive aqui.

O mesmo solecismo se encontra no Chile.

-O verbo chamar, no sentido de dar nome é usado com a preposição de: **você me CHAMOU DE : feio** (folclore).

Explicação lógica do fato dá o professor Álvaro Guerra: por uma interferência semântica de frases equivalentes com sintaxe diferente (**classificar de, qualificar de, acolmar de, taxar de**) passou-se a dizer **chamar de**:

Desta sintaxe há um exemplo de Vieira: **chamando-lhe** de maus homens e gerações adúlteras. (**Sermões**, ed. 1907, Porto V. III. pg. 131)

Nas expressões verbais usa-se mais o gerúndio do que o infinitivo regido da preposição **a**: FIQUEI CONVERSANDO **com ela**, em vez de FIQUEI A CONVERSAR **com ela**.

—O emprego do indicativo nas formas imperativas negativas se explica pela dificuldade que traz ao povo o uso do subjuntivo: NÃO CHORA, **meu filho**.

—O horror que o povo sente pelas formas do subjuntivo é tal que frequentemente substitui o presente e o imperfeito deste modo pelos tempos correspondentes do indicativo: **não quero que ele VAI..**

—O subjuntivo é menos usado e é mais difícil do que o indicativo.

—Com os verbos pagar, gastar, ganhar, aceitar, estão ainda em inteiro uso os participios regulares, como em espanhol, em compensação, com o verbo **pasm** se usa o participio moldado no substantivo : **fiquei PASMO**. Numa ronda infantil ficou fixado o participio regular :  
... **depois do joelho em terra, faz a gente ficar PASMADA,**

—O verbo **matar** tem por afectação o participio irregular **morto** com o auxiliar **ter** : eu tinha **MORTO muito passarinho na fazenda**. Antigamente havia este emprego, mas não se trata de arcaísmo conservado: é vontade de acertar no participio irregular. Citamos alguns exemplos: Também nos **tinham mortos** muitos e bons soldados. (FR. LUIZ DE SOUZA, An.. de D. João III.)

«Também estavam em grande aperto, que lhe **tinham** os nossos **mortos muytos** remeiros». (CASTANH, 3,31).

«dous trabucos nossos que lhe **tinham morta** gente. (DE BARROS, Dec. 2,5,7).

—O coletivo **gente** leva o verbo às vezes à primeira pessoa do plural; **a gente vamos**.

Quando a pessoa que fala diz a gente tem em mente, a sua pessoa e a dos interlocutores; daí por silepse o verbo deixa a concordância formal que exige terceira pessoa do singular; **a gente vai**.

Igual solecismo há no Sul de Portugal: na língua antiga, o verbo ia para a terceira pessoa do plural: a gente vão (L. de Vasconcelos).

—O mesmo indefinido **a gente**, assim como o pronome **nós**, na fala da ínfima classe, em vez do adjetivo **todo**, recebe o pronome **tudo**: **a gente tudo, nós tudo**.

—Explica-se isto pelo predomínio do sentido coletivo.

--Os verbos de movimento são construídos com a preposição **em** e não com a: FUI NA casa de José

É certo que **em** indica lugar onde e a lugar; para onde, mas, como provaram Amadeu Amaral.

e Sousa da Silveira, tal sintaxe se encontra nos melhores clássicos :

«era vindo **nesta terra**» (JOÃO DE BARROS,. Ciar. II, 345).

«que de mal vai **em** pior» (SÁ DE MIRANDA (Obras, 229).

\***Nalgum** porto seguro, de verdade, Conduzir-nos...»

(CAMÕES, LUS II,32)

Esta sintaxe não repugna à índole das línguas novilatinas, tanto que, além do latim que usa *in* com acusativo, aparece em italiano, em francês: **arrivato in Roma** (MANZONI), **Malbrough s'en va-t en guerre**.

O caso se explica do seguinte modo: o verbo indica o ponto terminal deste movimento, ficando subentendida a direção.

O solecismo se encontra também em Goa e em Angola : .. \*.

—Com o verbo *estar* dá-se vacilação entre *a* e *em*, o que também se dá em francês, italiano e romeno (Meyer Lübke).

— Em certas frases em que os portugueses usam *a*, nós usamos **em**; estar à porta, estar à janela, estar à mesa; o **a** português é o **ad** latino junto de o **em** brasileiro traz ideia de lugar onde.

.---Nos objetos indiretos de verbos bitransitivos, nota-se a tendência sintética de fazer elipse, da preposição, quando o objeto representa a pessoa: **pergunta ele, vou contá papai, vou dizê mamã**.

—A razão parece ser esta: o verbo exige objecto directo de coisa e indirecto de pessoa ; não há, por conseguinte possibilidade de confusão, daí para simplificar a frase tirar-se a preposição.

—Este fato faz lembrar os verbos latinos com dois acusativos: **docere pueros grammaticam**.

Nota-se também a elipse da preposição em adjuntos adverbiais de lugar: **fui o teatro, vou o cinema**.

—A desnecessidade completa da preposição, já se dá com os adjuntos adverbiais de tempo.

—O caso lembra o emprego do acusativo latino com verbos de movimento: **eo rus, Italiam venit, etc**.

—Na locução não deixar de, que é uma verdadeira litote, o povo sente a atenuação da ideia negativa e a reforça por meio de um segundo **não** expletivo, que o faz dizer justamente o contrário daquilo que queria dizer.

. A classe culta diz; 'não deixou de fazer. (isto é, fez), não deixou de não fazer (isto é, não fez). O povo, que aliás só emprega a locução na primeira hipótese, diz contudo, não deixou de não fazer: - Negação expletiva em caso análogo se encontra em francês : *je crains qu'il ne vienne*.

--- Atenuação e reforço da negação também se notam em outros casos.

O povo diz: **ninguém NÃO vem**, porque sente pouco a ideia negativa contida em **ninguém**.

Em francês se dá o mesmo; **personne** exige o emprego da negativa **ne**:

«*Personne n'est sujet à plus de fautes que ceux qui n'agissent que par reflexion*» (VAUVERNAGUES).

—Este pleonasma existiu no português arcaico e tem sido usado por bons escritores em nossos dias.

—Eis um exemplo de Zurara Crónica de D. Pedro 237: **Posto que NADA NOM vissem**.

—Machado de Assis tem este exemplo no Braz Cubas, cap. 50:

Como pode ser assim, disse ele, se nunca jamais ninguém NÃO viu estarem os homens a contemplar o seu próprio nariz.

Já vimos na morfologia o caso de **desinfeliz**.

O prefixo **in** dá uma negação atenuada **des** é mais forte: daí seu emprego: que, na língua culta viria aliás destruir o efeito de **in**: **Desinfeliz** o contrário de **infeliz** logo **feliz**

O advérbio **meio**, por atracção, varia de gênero e número; **ela está MEIA doente, eles estão meios aborrecidos conosco**.

Desse fato há exemplos clássicos:

**Meios** mortos de medo, (LUCENA).

«Edifícios **meios** cobertos de areia. (JOÃO DE BARROS) .

«Uns caem meios mortos.. (CAMÕES, Lus., I, 50, v. 7).

A carne dos cavalos **meia** crua. (D. NUNES, Cron., V, II, p. 55).

«**Meios** fiéis e **meios** gentis». (VIEIRA, Serm.. y. II, p. 120).

«Os outros corpos estão **meios** podres». (BERNARDES, N. Floresta, v. II, p. 95).

.. «A influência **meia** eclipsada». (R. DA SILVA Fastos da igreja, v. 1, ed. 1870, p. 84).



# Vocabulário

**Abafar, abafá-** furtar um objeto, esconder.

**Abarindo, airapalhado** (uma barba grande é algo que atrapalha).

**Abarracar, abarracu-** conversar em um canto um homem com uma mulher.

**Abiscoitar, abiscoita-** conseguir, obter.

**Abonado-** cheio de dinheiro, rico, pessoa que possui muitos bens.

**Abotoar, abatua-** intimidar alguém, segurar um indivíduo pela gola da camisa.

**Abrideira, abridera-** tomar um aperitivo antes da comida.

**Adiantar-se, se adiantá-** antecipar, avançar, realizar uma tarefa adiantado.

**Agregado-** indivíduo que vive à custa de uma família.

**Aguia-** indivíduo esperto.

**juntar, Ajunta-** unir, aproximar, colocar junto.

**Alcaide, arcade-** coisa que não presta.

**Alavanca, lavanca-** ferro da parte superior do bonde elétrico.

**Alinhavar, alinhava-** fazer uma coisa às pressas e imperfeitamente.

**Almofadinha, armofadinha-** homem elegante e que se preocupa com sua aparência.

**Amarelão-** cor de açafrão

**Ambrosia-** certo doce de leite.

**Amolar, amolá-** aborrecer, chatear alguém.

**Andorinha-** mulher que traz de Paris vestidos, chapéus, e os vende particularmente pelos hotéis.

**Angu-** barulho, intriga, confusão.

**Aparelho, aparelho-** telefone, celular.

**Aragem, arage-** oportunidade.

**Arame-** dinheiro.

**Aranha-** certo carro; pessoa vagarosa.

**Arara-** indivíduo tolo, inútil.

**Area-** pátio de uma casa, varanda.

**Arranjo-** pessoa que possui um amante, romance proibido, traição.

**Arromba-de-,** isto é, de primeira ordem.

**Arrumadeira, arrumadera-** empregada que arruma a casa.

**Arvorá, Arvorar-** fazer um improviso.

**Atracar, atraca-** chegar perto.

**Atrasado-** esfaimado, faminto.

**Anto-** abreviatura de automóvel.

**Avacalhar, avacaiá-** indivíduo que se acovarda.

**Avança-** atirar-se com esganação para o lugar onde estão as comidas.

**Avançar, avançá-** atirar-se, avançar rapidamente.

**Azar-** cavalo que nas corridas perde sempre, ter azar nas apostas.

**Azeitar, azetá-** namorar.

**Azeite, azete-** namôro.

**Azeiteira, azetera-** namoradeira.

**Azogue-** indivíduo esperto.

**Azulão-** certo siri.

**Azular, azulá-** fugir.

**Bacamarte-** coisa velha.

**Baeta-** partidário da sociedade carnavalesca “Tenentes do Diabo”.

**Bagageiro, bagagero-** condutor de bagagens,

**Bagarote-** cédula ou moeda de mil-réis, dinheiro antigo.

**confusão-** bagunça, desordem.

**Bagunear, baguncia-** fazer bagunça.

**Baineu-** indivíduo gorducho, indivíduo acima do peso.

**Baita-** muito grande; imenso, enorme.

**Bala-** corresponde ao rebuçado português.

**Baleiro, balero-** vendedor de balas.

**Bambambam-** valentão.

**Banana-** indivíduo frouxo, sem atitudes.

**Bancar, bancá-** fingir uma coisa que não somos.

**Bandeira, bandera-** sinaleiro de encruzilhadas de bondes.

**Banzé-** barulho, gritaria.

**Baptizar-** colocar água no leite ou no vinho.

**Barata-** irmã de caridade,

**Barbadinho-** frade franciscano que usa barba grande.

**Barrar-** impedir a passagem de alguém.

**Barriga-** mulher que engravidou.

**Batata-** asneira.

**Batucar, batucá-** dança ao som do batuque, bater no piano com um dedo só.

**Batuque-** dança africana, folclore.

**Batuta-** indivíduo de valor.

**Beijola-** indivíduo de lábios grandes.

**Beijo-de-frade-** uma Balsamina, flor delicada de cores avermelhadas, róseas, brancas ou variegadas.

**Beijo-de-moça-** bala de ovo, enrolada em papel de seda recortado.

**Belisário-** antiga moeda de níquel de 50 réis, do tempo do ministro Belisário de Souza.

**Berlinda-** jogo de prendas em que indivíduo, isto é, se senta à parte e as outras pessoas dizem coisas a respeito dele; estar em evidência.

**Bessa-** em grande quantidade.

**Bestar, besta-** dizer ou fazer besteiras.

**Bibla-** indivíduo protestante que lê a Bíblia.

**Bicheiro, bichero-** vendedor do jogo do bicho.

**Biche-** indivíduo valente, hábil.

**Bife**- indivíduo inglês, comedor de bife.

**Bispo**- fumaça que entra na comida.

**Blefar**- fazer acreditar, fingimento ou manobra astuciosa, enganar um oponente.

**Bloco, broco**- grupo de carnavalescos.

**Bocó**- indivíduo tolo, bobo.

**Bodega**- coisa que não presta, podendo ser associada a um bar ou venda.

**Boia**- comida, feijão ralo de quartel.

**Boiar, boiá**- dançar mal a quadrilha, comer.

**Bola**- quantia com que se subornar um fiscal; não ter o juízo perfeito.

**Bolacha**- bofetada, levar um tapa de alguma pessoa.

**Bolada**- indivíduo que recebe uma alta quantia de dinheiro.

**Bolina**- indivíduo que no bonde desrespeita as mulheres.

**Bolinagem**- ato de assediar uma pessoa.

**Bolinar**- assediar uma pessoa sem o seu consentimento.

**Bomba-reprovação**; um doce com recheio de creme.

**Bom- boendo**- certo tipo de doce.

**Boneca, buneera**- pedaço de pano em que se amarra anil, cinza para tirar a cica do doce de cajú, etc.

**Borboleta, brabuleta**- certo fogo de salão.

**Borrachudo**- mosquito cuja picada é muito dolorosa e deixa um ponto vermelho.

**Borrador**- mau pintor de casas.

**Bota**- obra mal feita.

**Botar, botá**- pôr ovos.

**Bramar, bramá**- fazer um protesto em voz alta.

**Broca**- ter muita fome.

**Brochar, brochá**- dar pancada.

**Bronze**- dinheiro de cobre; dinheiro.

**Bucha-** certa planta utilizada para tomar banho, expressão utilizada para evitar uma furada.

**Bufar-** protestar.

**Buraca-** jogo infantil em que se cava um buraco no chão para se atirarem bolas, moedas, pedras.

**Burrada-** cometer uma besteira, tomar uma atitude ruim.

**Burro-** expressão para designar uma distância longe.

**Cabra-** homem valente.

**Cábula-** má sorte, indivíduo de má sorte.

**Cabungo-** indivíduo folgado.

**Caça-níqueis-** máquina para se jogar jogos de azares.

**Cacetada-** amolação.

**Cacete-** indivíduo massante.

**Cacetear, caceteá-** massar, amolar, bater em alguém.

**Cachorrada-** atitude deselegante.

**Cadáver-** indivíduo que faleceu.

**Cadeia-** prisão.

**Cafagestada-** ato de aproveitamento sobre uma mulher frágil.

**Cafageste-** vagabundo profissional, valentão.

**Cafundó-** expressão usada para designar uma distância

**Cagão-** medroso.

**Caga- sebo-** vendedor de livros velho.

**Caiar, caiá-** botar muito pó-de-arroz no rosto.

**Caipira-** roceiro.

**Caipora-** infeliz, azanada

**Caiporismo-** infelicidade.

**Caixa-de-fósforos, caixa-de-fosfro-** bonde pequeno.

**Caixa-d'óculos, caixa-doco-** indivíduo que usa óculos ou pince-nez.

**Cajú-** tolo.

**Calcante, careante-** no-, a pé.

**Calixto-** um pequeno cálice.

**Calombo-** inchaço.

**Calote-** não pagar a dívida, calotear, caloteiro.

**Camarada, camarado-** nome delicado de chamar o soldado.

**Camba- chilra, camba-chirra-** certo pássaro.

**Candongas, candonga-** termo de carinho.

**Candongueiro, candonguero-** coisa intrigante.

**Canequinha-** xícara pequena para café.

**Cangalhas, cangaia-** óculos.

**Cangote-** parte traseira do pescoço, nuca.

**Canhanha-** certo peixe.

**Canhão-** mulher feia.

**Caníço-** perna fina.

**Canja-** coisa fácil.

**Canjerê-** feitiçaria.

**Canjica-** doce de canjica.

**Canjiquinha-** iguaria brasileira do estado de Minas Gerais à base de milho triturado.

**Canoa-** grupo de policiais em diligência.

**Canudo-** óculos de alcance.

**Cão-** o diabo.

**Capacho-** indivíduo servil.

**Capado-** porco capado e gordo.

**Capadócio-** vagabundo profissional, tocador de violão, valentão, beberrão.

**Capanga-** guarda-costas de político.

**Capangada-** grupo de capangas.

**Capenga-** indivíduo que puxa da perna.

**Capeta-** o Diabo.

**Capitão-** gomos da laranja, capitão do quartel

**Capoeira, capuera-** indivíduo hábil no jogo de capoeira.

**Capoeiragem, capuerage-** jogo nacional de defesa, como a savate francesa, o box inglês, o jiu-jitsu japonês.

**Capote-** indivíduo que leva uma queda.

**Cara-** um sujeito, um indivíduo.

**Cara-dura-** bonde de bagagens e passageiros; indivíduo cínico.

**Caraminguá-** dinheiro.

**Carapieu-** partidário do clube carnavalesco dos Democráticos.

**Carapina-** carpinteiro.

**Caremano-** italiano.

**Careca, quereca-** indivíduo calvo.

**Carioca-** cidadão que nasce no estado do Rio de Janeiro.

**Carona-** indivíduo que não paga.

**Carrinho de mão-** carrinho de ferro com duas rodas e impelido por trás.

**Carroção-** peças do jogo de dominó com números iguais em ambas as pontas.

**Casinha-** banheiro pequeno com formato de uma casinha pequena para fazer as necessidades fisiológicas,

**Castiçal do inferno, catiçá do inferno-** pessoa baixa, mau carácter.

**Católico-** indivíduo embragado.

**Cavaquista-** indivíduo que se aborrece facilmente.

**Cavação-** obtenção das coisas de forma ilegal.

**Cavador-** indivíduo hábil em cavar.

**Cavalariano-** soldado de cavalaria.

**Cavar-** obter as coisas por meios pouco dignos.

**Caxerenguengue-** faca velha cheia de dentes.

**Caxumba-** parotidite, doença viral aguda que aumenta as glândulas salivares causando febre, inchaço e dor de cabeça.

**Cebola-** relógio grande.

**Cegonha-** indivíduo de perna comprida.

**Chaleira, chalera-** adulador.

**Chaleirar, chalerá-** adular.

**Chaminé, cheminé-** cartola.

**Chanfalho, chanfaio-** espada velha e sem corte.

**Charanga-** banda de música.

**Charuto-** indivíduo de cor preta.

**Chateau-** quarto.

**Cheiro-verde-** tempero para temperar comida.

**Cheta-** dinheiro.

**Chicote-queimado-** brinquedo infantil em que uma criança esconde um objeto para outras procurarem.

**Chilladró-** prisão na delegacia.

**Chilique-** ter um ataque de estresse, dar um chilique.

**Chimpar-** atirar.

**Chinfrim-** barulho.

**Chinfrim-** ordinário.

**Chispar, sispa-** sair correndo, mandar alguém embora depressa, dar ordem para um gato sair.

**Chique-** luxo.

**Chocolateira, chiculatera-** rosto.

**Chué-** ordinário.

**Chula-** certa dança.

**Chulipa-** uma espécie de pancada.

**Champado-** embriagado.



**Chuva-** embriaguez.

**Cigano-** grupo de pessoas que são nômades, (ciganagem) reunião de muitos ciganos.

**Cinema-** sala para assistir a filmes.

**Cinza-** sair, haver muito sangue derramado.

**Civil, elvi-** o guarda civil.

**Civilista-** partidário de Ruy Barbosa, contrário à eleição de militar.

**Clove-** down.

**Cobre-** o dinheiro.

**Cobreiro, cobrero-** é uma infecção causada pelo mesmo vírus da catapora.

**Cocada-** pancada dada no queixo de baixo para cima.

**Coche-** carro que conduz o caixão de defunto ao cemitério.

**Cochichar, cuchichá-** conversa baixa.

**Cochicho-** ato de cochichar, falar baixinho no ouvido de algum indivíduo.

**Cochilar, cuchilá-** dormir de leve, ter um sono de poucas horas.

**Cochilo, cuchilo-** ato de cochilar, descuido.

**Cocuruto-** alto da cabeça.

**Coló-** namorado; (coió sem sorte) enganado por uma mulher esperta.

**Coisíssima-** usado na locução adverbial popular coisíssima nenhuma: nada, absolutamente nada; de modo nenhum.

**Cola-** apontamentos ou indicações verbais que os estudantes usam durante as provas.

**Colar-** usar cola na prova, aceitar um jantar.

**Cola-tudo-** bisnaga de goma arábica.

**Coleiro-da-terra-** certo pássaro.

**Coleiro-do-reino-** idem.

**Comadre-** ourinol de doente.

**Comer-** ser subornado, entrar no esquema ilícito.

**Comes e bebes-** jantares, banquetes.

**Cometa-** caixeiro viajante.

**Compadre, cumpade-** protagonista de revista teatral.

**Comprometido, cumpremetido-** noivo.

**Condessa, condessa-** fruta parecida com a de conde.

**Conductor, cundito-** recebedor das passagens bonde.

**Contínuo, contino-** empregado superior ao servente nas repartições públicas.

**Contrabando-** mulher não legítima.

**Contra-vapor, contra-vapô-** movimento de recuo de uma máquina a vapor.

**Conventilho-** casa de prostituição.

**Convidado-** pessoa que recebeu um convite.

**Coque-** rolo de cabelo de mulher.

**Corcoroca-** um peixe.

**Corda-** dar ouvidos para alguém falar com intuito de investigação.

**Cordão-** grupo de carnavalescos que desfilam pelo meio da rua.

**Coroca-** velha desdentada e feia.

**Coronel, coroné-** um latifundiário com grandes posses, exercia funções políticas, econômicas no interior do Brasil.

**Correição, curreção-** certa formiga.

**Corta-jaca-** uma dança.

**Costeleta-** cabelo que desce para o queixo junto às orelhas.

**Cotado-** considerado, valorizando, probabilidades de triunfo.

**Cotó-** truncado, cortado.

**Cozido-** prato feito com carne de vaca, aipim, abóbora, couve, toucinho, linguiça, etc.

**Cravo-de-defunto-** flor amarela.

**Criação-** (de galinhas),

**Crioulo-** nome delicado de tratar as pessoas negras.

**Crismar-** apelidar.

**Cristão-** com o juízo inalterado por bebida.

**Cuea-** cozinheiro; alteração do inglês *cook*.

**Cuera-** hábil.

**Cujo-sujeito-** indivíduo.

**Cumbaea-** peixe de boca muito feia.

**Cumbuca-** fruto da sapucaia, em forma de cabaça vazia, larga no interior e com entrada estreita; macaco velho não mete a mão na cumbuca.

**Cunha-** empenho.

**Cupim-** formiga que danifica móveis, casas:

**Curandeiro-** indivíduo que cura por meio de plantas medicinais, rezas, etc.

**Curiosa-** parteira não diplomada.

**Cutuba-** de primeira ordem,

**Cutuear, cutuca-** outra forma de catucar.

**Danado-** terrível, ousado.

**Dandá-** modo carinhoso de ensinar as crianças a andar.

**Debiquista-** indivíduo que gosta de zombar.

**Decidido-** indivíduo determinado a fazer alguma coisa.

**Declaração-** declaração amorosa

**Deitar, deta-** ato de pôr a galinha ao choco.

**De.meia.cara-** de graça.

**De.meia.jota-** idem.

**Democrata-** partidário do clube carnavalesco dos Democráticos.

**Dependura-** má situação.

**Derreter-se-** pessoa que não consegue registrar aos encantos de alguém.

**Desabalado-** sem escrúpulos, não tem limites em suas ações.

**Desbagado-** sem dinheiro.

**Descalçadeira, descalçadera-** indivíduo que não se preocupa com a aparência.

**Desembestar, desimbestá-** correr desenfreadamente.

**Desmancha-prazer-** indivíduo que sobrevêm para aborrecer a outros que se estavam divertindo.

**Desmancho-** aborto.

**Despachado-** indivíduo sem cerimônias.

**Desvio-** indivíduo desempregado.

**Diabrete-** jogo em que se esconde uma carta e se emparelham as demais até se descobrir qual foi a escondida.

**Diligência, diligença-** antigo veículo para passageiros.

**Diplomacia, deplomacia-** ter delicadeza e o respeito com as opiniões diferentes.

**Disparar, dispará-** fugir.

**Disse-me-disse-** intriga.

**Distrito-**(*scilicet* policial).

**Divino-** o sagrado.

**Dodol-** termo infantil, estar doente.

**Droga-** termo para coisas que não prestam; entorpecente.

**Doutor, dotô-** urinol.

**Dunga-** carta de baralho, dois de ouros, de copas, etc.

**Eléctrico-** bacharel, indivíduo que se formava em pouco tempo fazendo dois ou três anos do curso.

**Embaçar, imbaçá-** enganar.

**Embatucar, imbatueá-** ficar perplexo.

**Embira, imbira-** estar em má situação.

**Embolar, imbolá-** agarrar-se a alguém para brigar.

**Embondo-** complicação.

**Embrulhar, embruiá-** enganar como um comerciante o pode fazer pondo dentro do embrulho um gênero deteriorado ou de pouco valor.

**Empada, impada-** indivíduo imprestável que fica ocupando lugar.

**Empata, impata-** indivíduo que coage alguém para tomar uma atitude escondida.

**Empelicado, impilicado-** nascer, ter sorte.

**Empistolar-** recomendar, proteger, favorecer.

**Empulhar, impuá-** impringir.

**Encadernação-** terno de roupa.

**Encafifar<sup>15</sup> -**

**Encalacrar, encalacrá-** endividar.

**Encalstrar, incalstrar-** ficar envergonhado.

**Encapotado, incapotado-** de asa caída (pinto).

**Encarangar, incarangá-** entrevado.

**Encarapitar, incarapitá-** subir no alto, trepar em alguma árvore.

**Encarregado-** pessoa que se atribui alguma tarefa.

**Encomendar, incumendá-** fazer feitiçaria contra um indivíduo.

**Encostado-** funcionário que está de licença médica.

**Encrenca, increncá-** pessoa que se encontra em uma situação difícil.

**Encrespar, increspá-** rebelar-se.

**Enfraquecido-** vestido de fraque.

**Engambelar, ingambelá-** adular.

**Engasga-gato-** peixe de espinhas miudinhas.

**Engraxate, ingraxate-** engraxador de sapatos.

**Engrolar-** dar explicações gaguejando.

**Emgrossador, ingrossadô-** indivíduo que engrossa.

**Engrossamento, ingrossamento-** ato de engrossar.

**Engrossar, ingrossá-** adular.

**Enguiçar, inguiçá-** não querer funcionar.

---

<sup>15</sup> Nota dos organizadores: no original sem significado.

**Enjoado, injundo-** indivíduo intediante.

**Enjuado-** parecido com um Judas.

**Enrascada, inraseada-** situação má.

**Entaladela, intaladela-** situação de difícil solução.

**Entanha, intanha-** sapo enorme.

**Entiear, inticá-** implicar.

**Entornar, intorná-** beber.

**Entusiasmado, intusiasmado-** estar cheio de alegria.

**Envenenar-** atribuir maus propósitos.

**Enxerido, inxirido-** metido onde não é chamado.

**Esbodegar, isbudegá-** destruir, deteriorar.

**Escafeder-se-** safar-se.

**Escamado, ixcamado-** estar-, ter experiência.

**Escurrapachar-se-** sentar-se abrindo as pernas.

**Escovadela, iscovadela-** repreensão, censura.

**Espalhar-se, s'ispaiá-** desafiar.

**Espandongado- desasado.**

**Espanhola, ispanhola-** epidemia de gripe que ocorreu na Espanha em 1918.

**Espanta coió-** peça pirotecnia utilizada na festa de São João.

**Especial, ispieciá-** bonde não público.

**Espiga, ispiga-** má aquisição.

**Espigado, ispigado-** sair, fazer má aquisição.

**Espinafrar-** retrucar com vantagem.

**Esponja-** ébrio, indivíduo que se embriaga.

**Esquentado-** alcoolizado.

**Esquerdo, isquerdo-** fazer-se de desentendido.

**Estralada, Istralada-** grande ruído.

**Estalagem, istalage-** habitações coletivas com que a Saúde Pública está aos poucos acabando.

**Estalo, Istalo-** bombinhas inofensivas que as crianças brincam jogando no chão.

**Estopada, istopada-** aborrecimento.

**Estourar, istorá-** usar bens de forma indevidamente, gastar tudo sem controle.

**Estranja, istranja-** o estrangeiro.

**Estrepar-se, s'istrepá-** sair-se mal.

**Estrepe-** indivíduo que não presta.

**Estrilar-** dar o estrilo, som estrídulo.

**Estrilo-** grito de protesto, raiva.

**Estuporar, istoporá-** apanhar vento (a queimadura).

**Explicar-se, si ixicá-** pagar.

**Extravagante, iextravagante-** indivíduo que gosta de esbanjar

**Facada-** pedido de dinheiro.

**Faceirar-se, si facerá-** apelintrar-se, ser elegante.

**Faceirice, facirise-** estar alegre.

**Faceiro, facero-** pelintra, elegante.

**Fachada-** o rosto.

**Falcatrua, facatrua-** esquema de fraude.

**Fandaguaçu-** grande fandango, baile.

**Faquista-** manejador de faca.

**Farofa-** jactancia, orgulho.

**Farofeiro, farofero-** indivíduo que faz Farofa.

**Farol-** anel brilhante.

**Farra-** orgia.

**Farrista-** frequentador de festas, farras.

**Fatiota-** trajes, roupas.

**Fava-** mandar alguém ir embora para não causar incômodos.

**Faxina-** trabalho grosseiro, refaxinar casa, o quartel etc.

**Fecha-fecha-** pânico que faz os negociantes fecharem suas casas por ocasião de barulhos, *meetings*, etc.

**Feijão-fejão-** sub-oficial comissário das Armadas.

**Ferrinhos, ferrinho-** instrumento musical, triangular, feito de ferro.

**Fezinha-** arriscar pouco, ter uma fé pequena.

**Figueira, figuera-** plantar uma, cair.

**Figuração-** forma, visual, ato, papel de figurante em uma peça.

**Figurante-** pessoa que dança a quadrilha de lado oposto ao marcante.

**Filar, fila-** pegar algo sem um aviso.

**Filé-** fazer também o seu, aproveitar-se também.

**Final-** Algarismos terminais dos bilhetes de loteria.

**Fingição-** pintura que finge granito ou mármore.

**Fingidor, fingido-** pintor faz fingição.

**Fita-** ostentação mentirosa,

**Fiteiro, fitero-** indivíduo que faz fitas.

**Flauta-** indivíduo preguiçoso.

**Flautear, flotiá-** não cumprir o prometido.

**Fluminense, fruminense-** natural do estado do Rio de Janeiro.

**Foguete-** repreensão.

**Folga-** passageiro cuja passagem não foi cobrada antes da chegada do fiscal do bonde.

**Fonógrafo-** indivíduo que repete as coisas inconscientemente.

**Fora-** retirar-se.

**Formigão-** seminarista.

**Formigueiro-** furmiguero- uma grande multidão.

**Forrobodó-** baile.



**Fosquinha-** mofa, escandaloso.

**Fração-** fracção de bilhete inteiro de loteria.

**Francês-** falso: falar-, pagar.

**Frege on frege-mosca-** casa de pasto de ínfima classe, restaurante chique.

**Frescata-** sem o uso de paletó ou vestir-se com roupas leves.

**Fronstipicio, frotispiço-** o rosto.

**Frouxo-** pouco enérgico, falta de coragem.

**Fruta-de-conde-** nome vulgar da anona (ata ou pinha em outros pontos do país.)

**Fuba-** farinha de milho, arroz, etc.

**Fuinha-** rosto fino.

**Fumar, fumá-** zangar-se.

**Função, fonção-** baile.

**Fungagá-** música.

**Fura-bolos, fura-bolo-** o dedo indicador.

**Furão-** indivíduo que sabe abrir caminho, arranjar coisas.

**Futicar, faticá-** coser mal e às pressas.

**Fuxicar, fuxicá-** intrigar.

**Fuxico-** intriga, falar pelas costas.

**Fuzilar, fuzilá-** estar com a maneira da saia aberta.

**Gaforinha-** cabelo em pé.

**Galego-** português.

**Galinheiro, galinhero-** as galerias do teatro.

**Galopante-** conhecido como tísica, doença que mata em pouco tempo.

**Gancho-** pequeno serviço remunerado.

**Ganhar, ganhá-** prêmio do jogo do bicho.

**Garapa-** caldo de cana, coisa fácil.

**Garganta-** indivíduo que não cumpre com o prometido ou que está contando uma mentira.

**Gari-** varredor de rua.

**Garibalde-** pão-de-ló enrolado e com marmelada.

**Gasguito-** indivíduo de voz esganiçada.

**Gasparinho-** bilhete de loteria.

**Gata-** amarrar a, tomar uma bebida.

**Gate-** partidário do clube carnavalesco dos Fenianos.

**Gato-pingade-** indivíduo sem importância.

**Gauderar, goderá-** ficar perto da pessoa que está comendo, para ver se ganha um pouco do que está sendo comido.

**Ganderio, goderó-** indivíduo larápio, ato de espionar alguém para abiscoitar algo do interesse.

**Gazeta-** deixar de ir à escola para ficar brincando pelas ruas.

**Gelar-** fazer uma canalhice.

**Gêneros-** produtos essenciais para a substância do homem, produtos para o consumo humano.

**Geral-** entrada mais barata nos teatros e circos.

**Geringonça-** coisa desajeitada.

**Gira-** adoidado.

**Girafa-** indivíduo alto.

**Goela-** indivíduo ambicioso.

**Gogó-** pomo de Adão, glândula em forma de borboleta na região abaixo do pescoço.

**Gota-** ataque epiléptico, mal de epilepsia,

**Gota-serena-** amaurose, perda da visão.

**Grades-** prisão policial.

**Gravanço-** hora da comida.

**Gravata-** laço que os ladrões atiram sobre o pescoço dos incautos que à noite passam perto de muros.

**Gravateiro, gravatero-** ladrão que atira gravatas.

**Grimpar, grimpá-** resistir a uma ordem, negar.

**Gringo**- pessoa que fala com sotaque espanholado.

**Gronga**- coisa.

**Grude**- comida.

**Gude**- jogo infantil com bolinhas de vidro.

**Guiné**- madeira de que se fazem figas, peças de madeiras.

**Guri**- menino.

**Gurizada**- meninada, crianças pequenas.

**Habilitar-se** - (*scilicet* para a sorte de S. João, de Natal, comprando bilhetes de loteria).

**Hóstia**- fatia fina de queijo.

**Igrejinha**- reunião de pessoas dispostas a se ajudarem, aplaudir, etc. mutuamente, igreja pequena.

**Impossível**- nada fácil, pessoa complicada de se lidar, situação difícil de aturar.

**Improvisado**- improvisado de momento.

**Inaúa**- frase para indicar algo que irá acontecer.

**Infernal**- pedra, o nitrato de prata.

**Intiaido**- alegre.

**Injecção**- aborrecimento.

**Injectar, injetá**- aborrecer, instalação elétrica.

**Istalação**- instalação.

**Interessante**- um estado, gravidez.

**Intrujão**- receptor de objetos roubados.

**Iscar**- mandar o cachorro morder alguém, dar ordens.

**Jaboticaba**- mulher de cor negra.

**Jaburu**- indivíduo tristonho.

**Jaca-** chapéu clássico.

**Jantarado-** almoço às quinze horas nos domingos.

**Jeca-** indivíduo que habita no meio rural.

**Jingar, jingá-** sacudir com o corpo.

**Jirau-** arrumação de madeira, estrutura.

**Joça-** coisa.

**Jongo-** dança de negros

**Judas, juda-** boneco de pano que as crianças queimam no sábado de aleluia. O indivíduo mal trajado.

**Juntar, junta-** amasiar-se, juntar-se com alguém sem vínculo com legalidade.

**Jaruru-** tristeza, melancolia.

**Ladainha-** recriminação longa, censurar.

**Lagalhé-** indivíduo sem importância.

**Lata-** término de um relacionamento.

**Letra-** fazer uma, fazer bonito.

**Ligar-** demonstrar importância.

**Lingua-de-sogra-** assovio carnavalesco que se desenrola com o ar.

**Linguiça-** encher, tomar tempo.

**Lombeira, lombera-** preguiça.

**Macacoa-** mal-estar, ter uma enfermidade.

**Macambúzio-** se sentir para baixo.

**Machumbomba-** antigo veículo para passageiros.

**Machucar, macuchá-** enraivecer, ficar furioso.

**Mafu-** pequeno parque com barraquinhas de jogo, música, etc.

**Malacafento-** raquítico, enfermiço, doente.

**Maldita, mardita-** uma febre.

**Malhar, matá-** dar uma surra no judas, bater em um dedo duro.

**Malícia-de-mulher, malice-de-muié-** mulher maliciosa que é sensitiva.

**Mamado-** estar bêbado.

**Mamata-** comida.

**Mamparrear, mamparriá-** indivíduo que é acomodado, não ter reação para as circunstâncias.

**Maná-** algo bom

**Mandingaria-** feitiçaria, azarar alguém.

**Maravilha, maravia-** um pastel.

**Marca- de-Judas-** indivíduo com atitudes baixas.

**Marchante-** indivíduo que marcha.

**Marchar, marchá-** aquele que dá dinheiro para outra pessoa.

**Maria mijona-** mulher que usa saia muito longa.

**Marimba-** mau piano.

**Marinheiro, marinhero-** arroz com casca.

**Mariola-** doce de goiaba ou banana, enrolado em folha de bananeira.

**Marmelada-** doce de marmelos

**Marombar, marombá-** atirar pedras, indivíduo que frequenta academia.

**Marosca-** esperteza.

**Maroteiro-** esperto.

**Marreco-** indivíduo ladino, ter esperteza.

**Marrequinha-** prostituta da rua das Marrecas.

**Mastigo-** comida.

**Mata-bicho-** aguardente.

**Mata-fome-** doce farinhento e grande.

**Mata-galego-** o dia 7 de Setembro.

**Mata-mosquito-** empregado da Saúde Pública, indivíduo que trabalha no combate de mosquitos transmissores de doenças

**Mata-piolhos, mata-piolo-** o dedo polegar.

**Matéria- pus,** a matéria da escola.

**Maxixe-** uma dança requebrada.

**Medalhão-** objeto que se usa no pescoço por ter algum significado, comida, medalha grande.

**Média-** valor que está entre dois valores extremos, estar no meio, média escolar.

**Meio-quilo-** indivíduo de tamanho pequeno, metade de um quilo.

**Melindrosa-** indivíduo que emocionalmente fica abalado por qualquer motivo.

**Mendubi-** o amendoim.

**Mexer, mexe-** implicância.

**Mexeriqueira, mixiriquera-** a tangerina, indivíduo que se intromete em assuntos alheios.

**Mimica-** expressão baseada em gestos e no movimento corporal.

**Mina-** coisa que se pode explorar, menina nova.

**Mindinho-** o dedo mínimo.

**Mingau-** comida feita à base de leite e amido de milho.

**Misto-** bonde que recebe passageiros e carga.

**Mitra-** o uropígio das galinhas que possui forma pentagonal.

**Mindos-** interior do boi.

**Mochila-** corcunda.

**Mocotó-** perna de vaca.

**Moer, muê-** enraivecer.

**Molhadura, moladura-** gratificação.

**Mondrongo-** português.

**Mordedor-** indivíduo que morde.

**Morder-** pedir dinheiro emprestado.

**Mortalha, mortaia-** papel de cigarro.

**Mosca-** indivíduo que fica importunando nas casas comerciais; comer, ser logrado.

**Mosca-morta-** moleirão, tapado.

**Moxinifada-** coisa desordenada.

**Muamba-feitiço-** contrabando.

**Muque-** músculo.

**Muxiba-** maminha pelancuda.

**Nariz-de-cera-** trecho que nada tem com o assunto que deve ser tratado (nas provas escritas de exame).

**Nenen-estar-** sem dinheiro.

**Nervoso-** nervosidade; estar com um.

**Nicolau-** moeda de níquel.

**Obra-** casa em construção.

**Off-side, of-sade-** (termo de futebol) excluído, fora.

**Olho-de-boi, ôio-de-boi-** um coquinho, olho grande.

**Olho-de-mosquito, bio-de-mosquito-** brilhante muito pequeno.

**Olho-de-Santa-Luzia-** berloque representando dois olhos arrancados.

**Onze-letras, onze-letra-** alcoviteiro (palavra que tem onze letras).

**Opa-** expressão utilizada para alegria, supressão.

**Orehata-indivíduo-** que usa roupa branca em dia de chuva.

**Ostra-** indivíduo que custa a largar de um lugar.

**Pachola-** elegante, ridículo.

**Pachorra-** paciência.

**Pachuchada-** bambochata.

**Pai-João-** fantasia carnavalesca de preto velho.

**Pamonha-** mingau de fubá de arroz, envolvido em folha de bananeira.

**Panela-** o foco do formigueiro, molar muito deteriorado.

**Panelinha-** igrejinha.

**Pangaré-** cavalo que corre mal.

**Panqueca-** pândega, coisa fácil, boa.

**Papa-** fina, coisa boa.

**Papa-golaba, papa-guaiaba-** natural de S. Gonçalo, lugar onde há muita goiaba.

**Papa-hóstia-** indivíduo que comunga frequentemente.

**Papa-mosca-** aranha que se alimenta de moscas.

**Parafusar, parafusá-** meditar.

**Parede-** greve, protesto.

**Paredro-** maioral (termo ressuscitado por Coelho Netto quando em 1910 propôs na Câmara uma saudação aos republicanos portugueses)

**Pataquero, pataquero-** empregado que nos circos acende as luzes, apronta os aparelhos, etc.

**Pau-** aborrecido.

**Pau-d'água-** alcoolizado.

**Pau-de-cabeleira-** indivíduo que auxilia um namoro

**Pan-de-virar-tripa-** indivíduo alto e magro.

**Pé-de-anjo-** pé grande.

**Pau-vestido-** indivíduo mal feito de corpo e deselegante embora bem vestido.

**Pé-de-alferes-** fazer seu-, fazer a côrte.

**Pé-de-cabra-** balavanca com que os ladrões arrombam as portas.

**Pé-de-moleque-** doce de açúcar com amendoim.

**Pé-de-pato-** o diabo.

**Pépé-** indivíduo que capenga.

**Peixão-** uma mulher belíssima, peixe de porte grande.

**Peixe-espada-** o sabre dos polícias.

**Pelega-** cédula de papel-moeda.

**Peneirar, penerá-** chover levemente como se fosse através de uma peneira.



**Penetra-** indivíduo que entra nas festas sem ser convidado.

**Pepineira, pepinera-** coisa que se explora.

**Pernambucana-** navalha.

**Pernóstico-** falador, tagalera.

**Peroba-** aborrecido.

**Peru-** indivíduo que rodeia os que jogam; trote em que os estudantes põem o paletó às avessas.

**Peruar-** ficar como peru.

**Pesado-** encaiporado

**Pescar-** aventura em exame.

**Peseta-** uma boa, indivíduo que não presta.

**Peta-** mentira.

**Pé-tem-** coisa em que a pessoa se pode afirmar, por exemplo, no jogo do dominó, pedras em que se baseiam cálculos de ganho.

**Picareta-** ferramenta, indivíduo mau-caratér.

**Pidão-** indivíduo que pede muito.

**Pifão-** bebedeira.

**Pileque-** idem.

**Pilha-** indivíduo irritável.

**Piloto-** indivíduo vesgo (porque os pilotos fecham um dos olhos quando fazem suas observações).

**Pindaiba-** falta de dinheiro.

**Pinga-** bebida

**Pingente-** apoio para os passageiros que andam no bonde.

**Pingo-d'água-** brilhante falso.

**Pinoia-** coisa que não presta.

**Pipi-** fazer-, urinar (infantil).

**Pique-** brincadeira infantil.

**Pirata-** indivíduo sem escrúpulos, tratante, enganador de moças.

**Pisa-mansinho-** indivíduo dissimulado.

**Pisca-pisca-** indivíduo que tem o mau hábito de piscar os olhos.

**Pistolão-** carta de empenho.

**Pivete-** menino de que os ladrões se utilizam para a passagem de frestas de portas ou janelas.

**Pixute-** esplêndido, elegante (do francês *schutt*).

**Planista-** indivíduo fértil em planos.

**Plataforma-** estrutura física de metal para a realização de *shows*, palanques políticos, podendo ser uma plataforma computacional.

**Poleiro, polero-** as arquibancadas do circo.

**Pomada-** comportamento que se manifesta a arrogância, o orgulho expressado por um indivíduo.

**Pomadista-** indivíduo mentiroso, avarento, presunçoso.

**Praga-** piolho de galinha.

**Prebenda-** algo que não presta.

**Preparação-** feitiço.

**Pressão-** colchete de pressão.

**Prestação-** vender objetos a prestações.

**Princês-** fantasia carnavalesca a Luís XV.

**Proa-** orgulho.

**Profeta-** acendedor de combustível de gás da rua.

**Prontidão-** falta de dinheiro.

**Pronto-** sem dinheiro.

**Prosa-** adj. jactancioso; subst. conversa, narração jactanciosa.

**Prosista-** indivíduo que gosta de contar prosas

**Punga-** indivíduo sem valor.

**Puxado-** construção ligeira anexa a um prédio.

**Puxa-puxa-** uma bala grudenta.

**Quebra-** além do que se compra.

**Quebradeira, quebradera-** falta de dinheiro.

**Quebrados-** dinheiro miúdo de troco.

**Quebradara-** hérnia.

**Queijo, quejo-** alimento, difícil produção; do reino calva.

**Queima, quema-** liquidação de lojas.

**Queimar, quemá-** vender por um preço mais acessível ao cliente.

**Quimbandeiro-** indivíduo que pratica a quimbanda, religião afro-brasileira.

**Quindins-** pessoa amada.

**Quiosque-** antigo botequim barato em pavilhões nas ruas e praças.

**Quitanda-** coisa que se traz arrumada.

**Quizila-** birra.

**Rabanada-** arremesso.

**Rabecão-** furgão que faz o transporte dos mortos.

**Rabicho-** namoro.

**Rabo-de-arraio-** certo passe de capoeira.

**Rancho-** grupo de carnavalescos.

**Ranzinza-** impertinente.

**Ranzinzar-** ficar ranzinza.

**Rasteira, rastera-** passe de pé para fazer a pessoa cair, cilada.

**Rato-** ladrão aduaneiro.

**Rebater, rebatê-** fazer descer o bolo alimentício.

**Rebocar, rebocá-** levar alguém para algum lugar.

**Reboque-** veículos que transportam automóveis.

**Reco-reco-** instrumento que faz um barulho que se traduz por estas duas sílabas.

**Recruta, reculuta-** inexperiente, neófito.

**Resolvido-** disposto a tudo.

**Rodízio-** certa manobra eleitoral para fazer vencer uma chapa completa.

**Rolo-** barulho, briga.

**Rótula-** porta e janela com veneziana.

**Roupa-velha, roupa-vela-** comida que se faz com os restos do cozido; doce que se faz com restos de outros.

**Roxo-** severo.

**Sabão-** repreensão.

**Saco-rôto-** indivíduo incapaz de guardar um segredo.

**Sala-de-baixo-** o que no norte se chama anágua.

**Saído-** assanhado.

**Salgado-** pagar um preço caro.

**Salseiro, sarsero-** barulho, briga.

**Samba-** baile

**Sambar, samba-** bailar.

**Sangrar-** ferir

**Sangria-** vinho com água e açúcar.

**Santa-Luzia-** a palmatória.

**Sapeca-** assanhada.

**Sapecar, sapecá-** falta de compostura.

**Sapo-** fiscal disfarçado.

**Sarilho-** barulho, briga.

**Sarna-** indivíduo desagradável.

**Seena-** demonstração espetaculosa.

**Seismar, selsmá-** antipatizar.

**Secreta-** agente da polícia secreta.

**Seguro-** indivíduo que não gosta de gastar dinheiro, avarento.

**Seresta-** serenata.

**Seresteiro, serestero-** indivíduo que faz serestas.

**Solar-** cozinhar mal.

**Solitário-** jarro comprido; anel com um brilhantão isolado.

**Sondar, sonda-** informar-se caladamente.

**Sopa-** coisa fácil.

**Suco-** coisa excelente.

**Suite-** retirar-se.

**Sujo-** o diabo.

**Tacho-** piano velho.

**Tapado-** estúpido.

**Tapear, tapia-** enganar alguém.

**Tascar, tasca-** rasgar, despedaçar alguma coisa.

**Taxi, taques-** transporte que possui um taxímetro para medir o valor da distância percorrida.

**Tebas, teba-** indivíduo hábil.

**Telefonada-** telefonema, fazer uma ligação.

**Tendinha-** botequim barato com antigos quiosques.

**Tesoura-** maldizente.

**Tesourar, tisora-** falar mal.

**Testamento-** carta grande, legitima o recebimento de bens materiais ao testamenteiro.

**Tia-** solteirona, será a última a casar.

**Ticho-** negra.

**Ticotico-** escola primária.

**Tinir, tini-** não ter dinheiro.

**Tio-** indivíduo de pele negra.

**Tira-teimas, tira-tema-** o revólver.

**Tiririca-** ficar aborrecido.

**Tiro-** grande êxito, dramalhão.

**Torcedor-** pessoa que torce.

**Toreer, trocê-** fazer votos pela vitória de alguma causa ou pessoa ou sociedade.

**Trabalhar, trabaiá-** roubar.

**Trabalho, trabalo-** feitiço.

**Tragar, traga-** engolir a fumaça do cigarro.

**Transação-** indivíduo que vive de expedientes.

**Traste-** indivíduo que não presta.

**Trempe-** grupinho de pessoas que andam sempre juntas.

**Trepa-moleque-** um produto pirotécnico.

**Tribote-** esperteza no jogo.

**Trinca-espinha-** valentão.

**Trinque-** moda.

**Troços-** objetos, móveis.

**Tromba-** cara amarrada.

**Trote-** brincadeira para envergonhar alguém (estudantes).

**Trouxa-** tolo, tonto.

**Turumbamba-** barulho, briga.

**Turuna-** indivíduo de valor.

**Tutu-** indivíduo de importância.

**Urso-** indivíduo insociável.

**Urucubaca-** *gettatura*<sup>16</sup>.

---

<sup>16</sup> Nota dos organizadores: na literatura, uma espécie de mau olhado.

**Vaca-** fazer coleta de dinheiro para comprar alguma coisa.

**Verbo-** fazer discurso.

**Vermelhinha-** jogo de cartas em que entre as de paus e espadas há uma de ouros e copas, que a pessoa deve mostrar para poder ganhar.

**Vigésimo-** fração de bilhete de loteria.

**Virgula-** palavra com que se reclama uma exceção ao que se está dizendo. Ex: Ontem vi sicrano, beltrano, indo no bar beber.

**Xaropada-** coisa desagradável.

**Xarope-** indivíduo cansativo.

**Xutar-** dar um chute.

**Xute-** pontapé inicial de uma partida de futebol.

**Zebra-** situação que não ocorreu como o esperado.

**Zé-Pereira-** gravidez.

**Zinho-** mocinho, namorado.

**Zona-** região urbana, área que se delimita.

# Posfácio

## Antenor Nascentes é pop<sup>17</sup>

**Raquel Meister Ko. Freitag**

### 1. O intelectual<sup>18</sup>

Definitivamente, Antenor Nascentes é um linguista popular e ia fazer muito sucesso hoje. Aliás, ele nem se considerava um linguista, se intitulava filólogo: “Não se considera gramático, senão filólogo” (Hampejs, 2003, p. 137). Mas, como Celso Cunha mostra, ele era mesmo um linguista, e dos bons: “Ser filólogo era, pois, de todos nós a maior aspiração. [...] Hoje talvez a denominação se aplique melhor a Sousa da Silveira. Leite de Vasconcelos e Antenor Nascentes seriam antes linguistas pelos temas idiomáticos de sua preferência e pelo modo de enfocá-los” (Cunha, 2003, p. 153).

Sua produção científica é impressionante: mesmo para os dias de hoje, 1166 produtos bibliográficos é um número expressivo.<sup>19</sup> Ainda mais num tempo que tudo era manuscrito e datilografado. Num tempo em que ser autor único era a regra. O alcance da sua produção

---

17 Este texto tenta responder ao desafio que me foi lançado por conta do *II Seminário Internacional de Estudos em Linguística Popular – SIELiPop. Homenagem a Mario de Andrade e Antenor Nascentes*: Antenor Nascentes, um (socio)linguista popular? Para tanto, contei com a valiosa coletânea organizada por Raimundo Barbadinho Neto, *Estudos Filológicos: volume dedicado à memória de Antenor Nascentes* (2003), com a tese de Ana Regina Torres Ferreira Teles, *Cartografia e Georreferenciamento na Geolinguística: revisão e atualização das regiões dialetais e da rede de pontos para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil formuladas por Antenor Nascentes* (2018), e com a dissertação de Ana Maria da Silva, *Itinerários da produção intelectual de Antenor de Veras Nascentes na comunicação científica* (2012).

18 Talvez se eu tivesse ouvido a citação que Cristina Altman apresentou na conclusão de sua exposição *Mulheres na Linguística*, eu não tivesse sequer aceitado a tarefa.

“Desempenhando o seu encargo, a Comissão fez uma tentativa em 1954, contratando o professor Sever Pop para dar um curso sobre o assunto, mas o curso do professor Pop não produziu os resultados esperados.

Houve grande desinteresse por parte do elemento masculino.

Só dois estudantes de Faculdade de Filosofia compareceram, sendo resto do auditório constituído por senhoras e senhoritas. Ora, para as tarefas de colheita de material, as mulheres são menos adequadas do que os homens, porque num país como o nosso teriam dificuldades de locomoção e de alojamento que elas muitas vezes não poderiam vencer. A razão deste desinteresse está na falta de ambiente preparado.” (Nascentes, 1958, p. 7).

Quero entender que a “falta de ambiente preparado” se refira às condições de vulnerabilidade e assédio que mulheres enfrentam, ainda hoje, nas suas atividades de pesquisa. Quero entender que seja uma preocupação sincera em colocar em campo mulheres para a realização de tarefas de coleta de dados, uma situação ainda hoje hostil em determinados contextos.

19 Silva (2012, p. 57-58), em estudo bibliométrico, identificou 1166 títulos nos acervos da Biblioteca e Centro de Estudos Linguísticos Antenor de Veras Nascentes, Núcleo de Documentação e Memória, e Laboratório de Digitalização do Acervo Histórico do Colégio Pedro Segundo, assim discriminados: “308 produções bibliográficas – títulos entre livros e capítulos de livros, artigos de periódicos, publicados no Brasil e exterior, trabalhos apresentados em eventos científicos de 1906-1971; 48 ‘crônicas e outros escritos’ (denominação do próprio Nascentes), de 1901 a 1969; 6 dicionários; 6 traduções, de 1908 a 1964; 97 títulos de literatura de viagem, de 1907 a 1940”.



também é expressivo. Antenor Nascentes frequentou vários eventos, no Brasil e no exterior. Mais precisamente, “Nascentes apresentou 42 trabalhos em eventos nacionais (Rio de Janeiro, São Paulo, Manaus, Salvador, Florianópolis, Pernambuco, Fortaleza e Porto Alegre), e internacionais (Chile, Portugal, Noruega, Japão, México, República Tcheca e Romênia)” (Silva, 2012, p. 76). Num tempo de evento físico, nada de participação remota.

Os tempos eram outros. Um tempo em que se estudava com fichas, organizadas em fichários; vem daí o nome “fichamento”. Em *Métodos de estudo e de pesquisa em matéria de Filologia Portuguesa* (2003 [1950]), Antenor Nascentes explica onde buscar bibliografia (a primeira dica é frequentar uma biblioteca, um hábito um tanto esquecido nos dias atuais) e como fazer um fichamento eficiente, lições que pesquisadores em formação precisam aprender hoje.

Quando é impossível adquirir um livro, por achar-se esgotado ou por outro motivo, nem por isso devemos deixar de nos apoderar do conteúdo dele. Vai-se à biblioteca e se faz dele um resumo, marcando as matérias que nos interessam e as respectivas páginas. Assim, na ausência do livro, poderemos mais tarde citá-lo com toda a segurança. (Nascentes, 2003 [1950], p. 237).

Nem todo mundo gostava da arte do fichamento. “Costuma-se fazer certa ironia com a chamada cultura de fichário, mas os que a fazem são no fundo uns despeitados, uns desorganizados a quem causa raiva o espírito metódico alheio”. Depois de mostrar as vantagens de um bom fichamento, Antenor Nascentes ainda lacra: “Enfim, só quem não tem um fichário desconhece a utilidade deste admirável instrumento de trabalho” (Nascentes, 2003 [1950], p. 240). Se ele fizesse um TikTok hoje das suas dicas de fichamento, ia bombar.

Antenor Nascentes adorava uma boa discussão, e de coisas importantes. Alfineta: “No Brasil, com tanto material para explorar [...] os nossos filólogos preferem entreter-se com estas questiúnculas frívolas sobre feminino de cupim, coletivo de peixes miúdos, colocações de pronomes” (Nascentes, 2003 [s/d], p. 268).

Num tempo em que não havia redes sociais para tratar, a discussão e o avanço da ciência ocorriam sobretudo no expediente da carta-resposta e artigo discutindo artigo. Muito antes do movimento Ciência Aberta, com avaliação aberta e publicação de pareceres, o modo como Antenor Nascentes discutia as críticas e comentários às suas publicações deveria ser modelar para autores responderem aos seus pareceres hoje, com elegância e com valorização do debate saudável e construtivo.

Por exemplo, na *Revista de História*, em 1955, respondeu às críticas que o professor José Lazzarini Jr. teceu em artigo anterior, em 1954, quanto ao modo de apropriação dos nomes gregos no seu *Dicionário Etimológico*.

Artigo de crítica construtiva, vazado numa linguagem serena e delicada, o que seja dito de passagem, não é muito comum em nosso meio, onde geralmente ou se leva aos píncaros um autor ou se ataca desabridamente, nada achando de bom, não podia ficar sem uma resposta de minha parte, sob pena de descortesia. (Nascentes, 2003 [1955], p. 499).

Mas não era qualquer um digno de receber uma resposta de Antenor Nascentes: “Sempre que na crítica encontro boa fé, acompanhada de um modo delicado e superior de tratar os assuntos, não me esquivo a responder e disso eu tenho dado provas mais de uma vez” (Nascentes, 2003 [1933], p. 639).

Àquela época Antenor Nascentes também se ressentia das críticas ácidas e comentários agressivos, embora hoje este tipo de comportamento seja encoberto pelo modelo de avaliação cega, e somente aqueles que participam do processo editorial. Por isso, não deixava de destacar: “A todos que leram a série de artigos impressionou agradavelmente a elevação e a maneira cortês pela qual os argumentos foram apresentados, fato não muito comum no nosso meio.” (Nascentes, 2003 [1933], p. 633).

O debate propiciava o acompanhamento de discussões de ampla repercussão por todo o público acadêmico, não só da época, mas também lega um registro de como um padrão explicativo tão bem aceito nos dias de hoje foi sendo lapidado. É o caso dos ditongos. No

debate com o professor José Oiticica, “Continua V. a achar que no ditongo há duas vogais, eu continuo a achar somente uma e hoje nem se admite mais a segunda como semivogal; o ditongo é uma vogal longa que muda de timbre no curso de sua emissão” (Nascentes, 2003 [1938], p. 380). Esta não é, no entanto, a palavra final: “Eu e você não dispomos de gabinete de fonética experimental e hoje em dia estas questões se resolvem de modo positivo com os aparelhos” (Nascentes, 2003 [1938], p. 380).

Não ter a palavra final, e sempre propondo a união de força, é o fechamento de quem pensa em uma ciência prospectiva, como pensava Antenor Nascentes. Ao professor José Oiticica, questiona: “Se nós, contrabalanceando nossas qualidades e defeitos, nos uníssemos, que não seríamos capazes de realizar?” (Nascentes, 2003 [1938], p. 391).

Estas foram as observações sistemáticas que o professor Lazzarini Júnior fez numa leitura não sistemática do segundo tomo do meu *Dicionário Etimológico*.

Imaginemos uma leitura sistemática.

Quantas observações tais não faria ele?

Sou-lhe muito grato por estas.

Além de ter concorrido para a melhoria do meu trabalho, proporcionou-me o ensejo de terçar armas com um jovem colega, de firme cultura grega, filho de uma Faculdade de Filosofia que muito admiro, que muito prezo. (Nascentes, 2003 [1955], p. 508).

E se a discussão não se desse no espaço público, deixando margem à intriga e semeando discórdia, fazia questão de deixar registrado no debate o apelo para manter o bom debate: “os amigos seus a quem V. confiou cópias da carta andaram por aí exibindo-a e lendo com comentários, de modo que é justo que os que tiveram conhecimento da carta, possam tê-lo da resposta.” (Nascentes, 2003 [1938], p. 390).

Como podemos ver, Antenor Nascentes já fazia àquela época o que hoje chamamos de Ciência Aberta. Além da expressiva produção, mesmo para os padrões atuais com todas as ferramentas de gerenciamento de informação que não lhe estavam disponíveis, Antenor Nascentes não só lia como respondia, considerava e incorporava os comentários de seus críticos aos seus trabalhos, em mais uma lição sobre o fazer científico. Quando perdemos esse salutar hábito?

Antenor Nascentes era tão *pop* e ousado que usava “a gente” em um texto escrito formal: “Quando se faz um dicionário etimológico, a gente tem muitas vezes de mudar a direção do espírito, de um verbete para outro” (Nascentes, 2003 [1955], p. 508, grifo nosso). Ok, era em uma carta, uma escrita um pouco mais flexível. Mas ainda assim, em um texto científico, publicado no n. 23 da *Revista de História*. Ainda assim, em 1955. Quantos “a gente” encontramos em textos acadêmicos nos dias de hoje?

Antenor Nascentes estava à frente do seu tempo. Antenor Nascentes não é só *pop*. Ele também é *top*. Mas eu sei que não é esse popular que querem que eu trate.

## 2. O etnógrafo do falar do povo

A ciência moderna se estruturou em um paradigma para deixar clara e bem definida a fronteira entre o conhecimento científico e o conhecimento do senso comum. O método científico, embasado em princípios de objetividade, racionalidade, sistematicidade e replicabilidade, se constitui um divisor entre o que é senso comum e o que é ciência. O verniz científico a campos da Linguística é bem evidente, com modos de fazer muito bem estruturados nos princípios da ciência e com protocolos reproduzidos, permitindo a comparação e a generalização.

Talvez a ciência cirúrgica e impessoal funcione bem para algumas áreas da Linguística. Em outras, definitivamente ela não funciona assim. Mas, por imposição dos paradigmas de ciência, acreditamos que é assim, apagando o componente do senso comum. Uma dessas áreas da Linguística é a Sociolinguística. E examinando a trajetória de Antenor Nascentes, vou mostrar o quanto o senso comum guia sociolinguistas inconscientemente no seu modo de fazer ciência, de modo que métodos sociolinguísticos até podem ser replicados, mas as fagulhas da inovação, do achado da ciência, advêm do conhecimento popular sobre a língua. Esse conhecimento popular demanda conhecer as diferentes realizações da língua *in loco*: da visita ao mercado à cerveja no boteco. E é essa vertente de conhecimento popular que se configurou como a base para a proposta mais profícua de divisão dialetal no Brasil.

Celso Cunha bem resume a contribuição de Antenor Nascentes:

Com *O Linguajar Carioca em 1922* começa sua campanha dialectológica pioneira e aliciadora, da qual a última contribuição de monta foram os dois fascículos das *Bases para a Elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*, obra por que, confessadamente, se orientou Nelson Rossi, na fixação do número de localidades que iriam ser objeto de estudo no seu *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. (Cunha, 2003, p. 155).

As observações de Antenor Nascentes, que dão suporte às ações de grande proporção para a caracterização do português brasileiro nos dias de hoje, estão bastante distantes daquele modelo de ciência reprodutível. São resultados de experiências únicas, não reproduzíveis. Daí vem a pergunta: seria Antenor Nascentes um sociolinguista popular?

No campo da sociolinguística, a Linguística Popular tem sido caracterizada como um campo que visa desvelar e descrever crenças e atitudes em relação a uma dada língua, a partir do exame de comentários abertos sobre essa dada língua por não linguistas (Niedzielski, Preston, 2010). No entanto, “o termo *linguista popular* é mais bem definido como um *não-linguista*; uma pessoa que não é especialista em linguística, mas que fala sobre temas linguísticos” (Albury, 2021, p. 51). Ora, Antenor Nascentes se considerava um filólogo, não um linguista; logo, ele seria um linguista popular.

Não, nos termos da definição, Antenor Nascentes não é um linguista popular. Mas é um linguista que se vale de evidências do que ele chama de “língua viva popular”. Ainda na treta dos ditongos, escreve para o Ministro da Educação Gustavo Capanema uma proposta de Vocabulário Ortográfico da Língua Nacional, em que defende sua proposta de que ditongos não são duas vogais (como defendia o professor José Oiticica), mas uma vogal que muda de realização no seu decurso, argumentando:

Se estas provas científicas, baseadas no que há de mais moderno em matéria de fonética, ainda não parecerem suficientes, apelo ainda para uma prova linguística, a prova da língua viva popular.

O povo inculto quando pronuncia palavras com a semiconsoante i, em regra a absorve, de modo que, por exemplo, socio, colegio, secretario, policia, soam como se fossem soço, colejo, secretaro, poliça, como verdadeiros paroxítonos, sentindo esta acentuação. (Nascentes, 2003 [1941], p. 659, grifo nosso).

“A língua é uma entidade viva e não pode obedecer a resoluções de gabinete por mais respeitáveis que sejam’, afirma numa entrevista. Apenas o uso é o ditador da linguagem, enquanto que o filólogo não pode mais do que dar a sua opinião ou o seu conselho.” (Hampejs, 2003, p. 137). Assim, sua prática demanda saber como as pessoas falam. E é isso que ele faz.

Em carta ao filólogo português Jorge Guimarães Daupiás, respondendo “ponto por ponto todas as questões ventiladas pela sua crítica profunda e cortês” (Nascentes, 2003 [1924], p. 613), Antenor Nascentes apresenta como argumento evidências do falar de cariocas: “Diz V. Exa. que só tem ouvido piadade aos motoreiros portugueses; promete reparar melhor. De fato, os portugueses dizem assim, mas os cariocas analfabetos também o dizem” (Nascentes, 2003 [1924], p. 617, grifo nosso).

A língua viva popular de Antenor Nascentes é, pois, “inculta”, “analfabeta”, e com força: na discussão com o professor Lazzarini quanto à apropriação de nomes gregos, Antenor Nascentes defendia o uso do povo: “Prosódia não se corrige. Não adianta o gramático ou o dicionarista consertarem tal ou qual prosódia. A força viva da língua, que foi quem determinou a alteração, não aceita a correção e continua a atuar.” (Nascentes, 2003 [1955], p. 501).

*Bolívar, nas placas de ruas em Petrópolis na Copacabana, apesar do acento agudo, é Bolivar na boca do povo, de acordo com a índole da nossa língua, na qual são numerosíssimos os vocábulos oxítonos em -ar, desinência de verbos de primeira conjugação, a mais rica.* (Nascentes, 2003 [1955], p. 502).

A língua viva popular tinha identidade, era carioca:

Confesso a V. Exa. que em matéria de pronúncia eu me guio por Gonçalves Viana (Exposição da Pronúncia Normal Portuguesa) e pelos patrícios de V. Exa. que, desde que me entendo, diariamente ouço. Não me recordo de jamais ter ouvido a algum dizer *tambãe*. Seja, porém, qual for a verdadeira pronúncia portuguesa, o fato que me interessa é que ela não aparece na boca dos cariocas, a isso me limitarei. (Nascentes, 2003 [1924], p. 616, grifo nosso).

Em uma obra intitulada *O Linguajar Carioca em 1922*, não se poderia esperar outra fonte de abonação senão o falar de cariocas. Mas essa expectativa não era compartilhada, por exemplo, com Jorge Guimarães Daupiás:

Acho interessante que V. Exa. não considere legítimos representantes da fala dum cidade as pessoas nela nascidas e criadas sem influências estranhas.

Se as pessoas nestas condições não representam o genuíno modo de falar das suas cidades, quem o representará então? As nascidas noutros lugares? As que receberam influências estranhas? (Nascentes, 2003 [1924], p. 614).

“O genuíno modo de falar” carioca é bastante diversificado: pode abranger desde as gírias dos morros cariocas – “uma das fontes da gíria carioca é o morro.” (Nascentes, 2003 [1967], p. 597) – passando pelas formas de tratamento e a apropriação do português por estrangeiros. As evidências anedóticas e o relato da experiência de ter ouvido as formas são as bases para dar sustentação aos seus pontos. Vejamos.

Antenor Nascentes foi precursor em um campo que hoje conhecemos por Sociolinguística de Contato (Savedra, Spinassé, 2021): “Aproveitando esta circunstância de possuir o nosso país grandes massas de estrangeiros, afugentados de suas terras pelas necessidades de vida e desejosos de aqui se radicarem, veio-me à ideia estudar o modo por que se exprimem estes prestimosos colaboradores do nosso progresso” (Nascentes, 2003 [1938], p. 342). Enquanto a Sociolinguística de Contato de hoje envolve um amplo processo de documentação linguística, aliado a uma etnografia da comunidade, Antenor Nascentes restringiu-se a reportar aquilo que estava no seu dia a dia na então capital do Brasil: “Minhas observações circunscrevem-se ao

Rio de Janeiro, onde os italianos exercem, entre outros misteres, os de engraxate e vendedor de jornais. São esses os italianos com quem lido e que, por conseguinte, pude observar” (Nascentes, 2003 [1938], p. 343).

Suas experiências anedóticas ilustram a descrição: “No último quartel do século passado, o Rio recebeu imigrantes chineses, alguns dos quais vendiam peixe pelas ruas. Lembro-me ainda do pregão: *Pêsse! Camalô!*” (Nascentes, 2003 [1938], p. 351).

Mesmo em situação de contato, a língua viva popular continuava se não inculta e analfabeta, ao menos classe baixa: “Hoje em dia o Rio ainda abriga chineses, existe até um centro chinês, que indica que eles devem ser numerosos. Trabalham em lavanderias, em restaurantes baratos espalhados por toda a cidade.” (Nascentes, 2003 [1938], p. 351, grifo nosso).

Antenor Nascentes foi consistente no método etnográfico, o ouvir empírico, como base para suas posições. Sobre chineses, diz: “Na fala deles naturalmente não devem aparecer os nossos fonemas inexistentes em chinês nem grupos consonânticos. Não convivendo com ele, nada posso assegurar”. (Nascentes, 2003 [1938], p. 351, grifo nosso). Quando seus dados não foram suficientes, valeu-se do expediente de usar a literatura como fonte de dados sociolinguísticos: “No estudo que acabo de fazer, preferi sempre, em vez de meus dados que possam ser acoimados de suspeitos, apelar para o testemunho de autores que, a sério ou humoristicamente, imitaram as falas dos estrangeiros.” (Nascentes, 2003 [1938], p. 351).

O campo dos tratamentos também foi objeto de sua curiosidade: “Os nossos tratamentos são na essência os portugueses, mas introduzimos algumas alterações, criamos novas fórmulas, de modo que se torna deveras curioso um estudo nesse sentido” (Nascentes, 2003 [1949/1950], p. 417). Mergulhado em etnografia, a contribuição à pragmática, com suas evidências anedóticas, aliada ao método do relato de ter ouvido empiricamente, nos permite conhecer um pouco do cotidiano carioca, ao mesmo tempo a importância da prosódia para o efeito de sentido pretendido:

Os tratamentos *menino*, *menina*, *rapaz* empregam-se habitualmente quando se conta com um facto julgado interessante; importam sempre uma elevação de tom que às vezes alcança uma sexta. Exemplos vivos explicam melhor.



Uma tarde, caiu no Rio inesperada chuva de verão. No dia seguinte era o assunto geral das conversas; cada um queria saber como os outros, desprevenidos também, se arranjaram. Ouvi então, num bonde, uma conversa de duas moças:

- *Menina* (dizia uma delas, levantando muito a voz na sílaba *ni*) *quando eu ontem passava por aqui, a chuva começou a cair e eu fui obrigada a continuar viagem.*

Outro caso, a propósito do jogo do Arsenal com o Vasco:

- *Rapaz* (levantando a voz na sílaba final), *você não sabe o que perdeu. O jogo estava da pontinha!* (Nascentes, 2003 [1949/1950], p. 425, grifo nosso).

Não é menina, é meniina, não é rapaz, é rapaaaaz. Formas cotidianas da fala informal nos dias de hoje, já descritas por Antenor Nascentes no fim da primeira metade do século passado.

Alguns pensam que a treta com o tratamento *doutor* é algo recente. Ledo engano. A vulgarização do termo *doutor* já naquela época era motivo de troça, muito antes dos memes de doutor é quem tem doutorado:

Qualquer homem bem-vestido, com uma pasta debaixo do braço, e principalmente se usar óculos, não deixará de ser tratado de *doutor* em toda a parte. Por lei, o título de doutor cabe aos alunos das faculdades de Medicina, aprovados no sexto ano e em defesa de teses, aos bacharéis em Direito, aprovados em defesa de teses, assim como aos docentes aprovados em concurso para catedráticos. Entretanto, barateia-se o título no trato social, concedendo-se a todo homem formado: bacharéis em direito, engenheiros, médicos que não defenderam teses, farmacêuticos, dentistas, veterinários, contadores, etc., todos são doutores. (Nascentes, 2003 [1949/1950], p. 431).

Antenor Nascentes foi aprovado em concurso para a cátedra de espanhol do Colégio Pedro II, em 1919, com a tese *Um ensaio de fonética Diferencial Luso-castelhano – Dos elementos gregos que se encontram no Espanhol*. Logo, era um doutor, nos termos da lei. No entanto, este título, na então capital do país, era banalizado:

Com a queda do Império acabaram-se os barões e os viscondes; com a reforma do exército feita pelo Marechal Hermes acabaram-se os coronéis da Guarda Nacional; era preciso encontrar outro meio de nobilitação. Esse meio foi o doutorado. Quem não é doutor, aspira a ser.

Como prova de minha afirmação cito uma caricatura notável de Raul Pederneiras, nas *Cenas da Vida Carioca*.

Primeiro quadro: uma rua. Muita gente vai passando. Na calçada um indivíduo se cansa de chamar alguém. *Psiu! Psiu!* Ninguém responde.

Segundo quadro: a mesma rua. O indivíduo que estava chamando troca o *psiu* por um *doutor!* Nesta hora todos se viram, até um cachorrinho que também ia passando. (Nascentes, 2003 [1949/1950], p. 432).

Não consegui encontrar a notável caricatura, no *Scenas da Vida Carioca – Caricaturas de Raul*, segundo álbum, não se encontra. A treta continua atual...

Ainda sobre seu método do ouvir dizer, nem sempre a evidência é de primeira ordem. Além do testemunho em fontes literárias, como ilustrado com os falares de estrangeiros, o relato indireto também fez parte do repertório de ferramentas de Antenor Nascentes:

O tratamento de *irmão* usa-se entre maçons, segundo ouço dizer. Nunca o ouvi. O tratamento de *cunhado* usa-se entre os tapuios da Amazônia; corresponde a *companheiro*, *amigo*. Ouvi dizer que se dá ou se dava em Viena aos cocheiros de praça.

O tratamento de parente também se usa entre os tapuios da Amazônia. Usou-se também no Rio de Janeiro, durante o carnaval, entre palhaços que se encontravam e começavam a dizer graçolas uns para os outros, gozadas pelo público. Ouvi-o por volta de 1900. (Nascentes, 2003 [1949/1950], p. 426, grifo nosso).

Mas nem sempre o ouvir, seja por si ou seja pelo ouvido de outros, no relato ou na representação literária, foi o suficiente. A sua própria consciência sobre o que é e o que não é fato da língua se faz presente. Sobre motivos para a escolha de algumas palavras, em resposta à crítica do filólogo Jorge Guimarães Daupiás, confidencia: “Confesso que para escolha de tais palavras consultei apenas o meu critério próprio” (Nascentes, 2003 [1924], p. 621).

Celso Cunha levanta a questão sobre o tal distanciamento entre o empírico método do ouvir dizer e o autoetnográfico. Como evidência, ele reporta a posição que Antenor Nascentes assume na primeira edição de *O Linguajar Carioca em 1922*:

Que requisitos deve preencher quem se proponha a estudar uma variedade?

Em nossa opinião, deve ser ou uma pessoa inteiramente alheia à variedade que vai ser estudada, ou uma pessoa inteiramente alheia às demais variedades do subdialeto.

Filho de pais cariocas, nascido e criado no Distrito Federal, de onde nunca nos retiramos por prazo excedente a um mês, achamo-nos por conseguinte na segunda hipótese e nos cremos legítimo representante da fala genuinamente carioca. (Nascentes, 2003 [1922], p. 155, grifo nosso).

O legítimo estudioso de uma variedade seria, então, aquele que é nativo nesta variedade. Como veremos a seguir, Antenor Nascentes mudou de opinião (vale dizer que o seu próprio material, *O Linguajar Carioca em 1922*, foi reescrito e revisado por ele mesmo, em um processo constante de desenvolvimento). Ainda na carta resposta à Jorge Guimarães Daupiás, é possível verificar pista deste processo, em específico quanto aos ditongos: “Não me parece que o carioca pronuncie *rapáiz, vocêis, arrôiz, lúiz*. Repetindo experiências feitas antes da publicação do *Linguajar*, cheguei de novo à conclusão de que o z final carioca é puramente chiado e não se encontra absolutamente aquela pronúncia que Amadeu Amaral encontrou no dialeto caipira (az = ais, ez = eis, etc.).” (Nascentes, 2003 [1924], p. 614). A sua percepção quanto à necessidade de método empírico, experimental, era latente: “Só por meio de uma experiência poderia eu provar a V. Exa. que tenho razão, mas como efetua-la?” (Nascentes, 2003 [1924], p. 617).

Daí sua ânsia em ter um laboratório de fonética: “Eu ponderei que não valia a pena tratar de fonética enquanto não houver um laboratório de fonética instrumental no Brasil.” (Nascentes, 2003 [s/d], p. 354). “Ao contrário de outros colegas que se contentavam de narcisisticamente descrever a própria fala como se fosse a norma idiomática geral, Nascentes sentia necessidade de melhores instrumentos de trabalho em uma língua em que quase tudo estava e ainda está por fazer” (Cunha, 2003, p. 165).

A sistematicidade de seu trabalho não se compara ao conhecimento de senso comum do linguista popular. De vez em quando, porém, algumas caneladas escapam: “O tratamento íntimo entre iguais é o de *você*, em todo o Brasil, com exceção do Rio Grande do Sul, onde se usa o *tu*. [...] O brasileiro acha abrupto o tratamento de *tu*; dói-lhe no ouvido, talvez por causa do *u*.” (Nascentes, 2003 [1949/1950], p. 424, grifo nosso). Estudos sociolinguísticos posteriores evidenciaram que não só no Rio Grande do Sul se usava *tu*, como a explicação de “doer o ouvido” não se sustenta na empiria. Outra canelada de linguista popular: “Na gíria carioca atual há duas criações destas que me parecem extraordinárias. Uma é *fofoca* no sentido de ‘mexerico, intriga’. Aquela sequência de efes me dá uma impressão de um cochicho próprio de intrigantes. Chegou a formar derivados: *fofocar, fofoqueiro*.” (Nascentes, 2003 [1967], p. 597, grifo nosso).

Em que pese as caneladas, definitivamente, Antenor Nascentes não era um linguista popular. Era antes de tudo um etnógrafo, com sistematicidade de método, reportando apenas o que atestava empiricamente ou que tivesse evidência indireta. Seu espírito etnógrafo é uma das fontes para a contribuição empírica mais robusta de sua obra, a base de divisão dialetal brasileira. Mais ainda, a sua contribuição é também teórico-metodológica, é precursor do que hoje chamamos de dialetologia perceptual.

### 3. Propostas de divisão dialetal e a proposta de Antenor Nascentes

A relação entre língua e território é muito bem assentada no imaginário popular: quem é da França fala francês, quem é da Espanha fala espanhol, quem é da Itália fala italiano. Este é um conhecimento do senso comum que contrasta com resultados de estudos de cunho sociolinguístico ou dialetológico.

Hoje, no Brasil, um país de dimensões continentais onde se fala português (e não brasileiro, contrariando a lógica do senso comum de território e língua), facilmente podemos identificar que o português não é único, que há diferenças. Hoje, essas diferenças são explicadas como diferenças dialetais (na perspectiva da dialetologia), ou diferenças entre variedades (na perspectiva da sociolinguística). Mas assim não era no tempo de Antenor Nascentes.

Se hoje zapeando pelas redes é possível conhecer um pouco de cada canto do Brasil, se hoje rádio e televisão têm amplo alcance, permitindo intercâmbio, e se hoje viajar de um lugar a outro no Brasil é relativamente acessível, no tempo de Antenor Nascentes nada disso era possível. Aliás, com realidade virtual, nem viajar é mais preciso para conhecer um pouco de uma dada região. Já no tempo de Antenor Nascentes, só sabia como se vivia em uma dada região, e, mais especificamente, como se falava, quem tivesse o contato corpo a corpo, visitando fisicamente, viajando.

E viajar, mais do que uma paixão, foi uma atividade regular na vida de Antenor Nascentes. Era funcionário público de carreira, primeiro dos Correios, e depois do Ministério da Justiça e Negócios Interiores, como 3º Oficial, o que por decerto lhe demandaria viagens pelo Brasil.

O bom observador Antenor Nascentes revela-se também em seus dois livros de viagem e numerosos artigos de turismo que publicou. É interessante que este notável homem de ciência, que deu a lume tantas obras (e, entre elas, várias de grande fôlego), não se enclausurou no seu gabinete, senão, pelo contrário, sempre demonstrou interesse pelos problemas do seu tempo e pelas belezas de sua terra e outros países. (Hampejs, 2003, p. 145).

“O aspecto de Nascentes turista, pronto para pôr em relevo as particularidades culturais, sociais e físicas das regiões por ele visitadas” (Bechara, 2003, p. 4), rendeu-lhe uma ampla literatura de viagem, com artigos chamados de ‘Impressões’, em que “faz referência a locais que visitava, tanto a trabalho quanto por lazer, descrevendo principalmente os aspectos: históricos, estéticos, geográficos, políticos e sociais” (Silva, 2012, p. 65), e também linguísticos.

Assim, Antenor Nascentes, “com base nas observações colhidas em suas viagens pelo Brasil, procura estabelecer as fronteiras dos subfalares: dois ao Norte (o amazonense e o nordestino) e quatro ao Sul (o baiano, o fluminense, o mineiro, e o sulista).” (Cunha, 2003, p. 157-158). Foi, portanto, de maneira impressionística e baseada na experiência vivenciada a base para a proposta de divisão dialetal do Brasil.

Dentro do campo da linguística popular, é denominado de Dialetologia Perceptual o estudo de como as pessoas não linguistas percebem e processam a variação linguística, seja entre variedades de uma mesma língua, seja na fronteira entre línguas (Preston, 1999, 2021). Enquanto a Dialetologia, clássica ou multidimensional, elege traços do sistema linguístico para observar o comportamento e a partir dos padrões identificados delinear isoglossas, na Dialetologia Perceptual, o caminho é o contrário, as isoglossas são definidas (pelos não linguistas) com base nas suas experiências, crenças e atitudes em relação às variedades. Isso significa explorar a visão holística da variação, todo o conjunto de traços e associações, simultaneamente percebidos e indexados a grupos ou regiões, permitindo a delimitação das isoglossas: “O valor sociolinguístico da dialetologia popular pode ser óbvio, uma vez que ele diz respeito à adoção de fronteiras percebidas da língua” (Albury, 2021, p. 46).

Hoje, colocar em mapa as diferenças percebidas quanto à língua pode ser até piada ou brincadeira. É famosa a treta bolacha vs. biscoito, com diversos mapas circulando nas redes. Alguns baseados em enquetes, outros baseados nas experiências próprias. Mas sempre a partir de uma percepção holística.

No mundo real, as coisas devem funcionar assim.<sup>20</sup> No mundo da ciência, no entanto, ainda não dispomos do pleno controle de como todas as coisas funcionam juntas. Então, para conferir objetividade, racionalidade, sistematicidade e replicabilidade, as abordagens científicas recortam um traço específico por vez para observar o comportamento e definir o padrão. De preferência com base em uma amostragem padronizada e robusta. Mas, mesmo hoje, ainda não temos amostragens padronizadas e robustas para todo o português brasileiro (Freitag *et al.*, 2021, Machado-Vieira *et al.*, 2021). Menos ainda no tempo de Antenor Nascentes (que, visionariamente, identificou este problema e capitaneou as “Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil”).

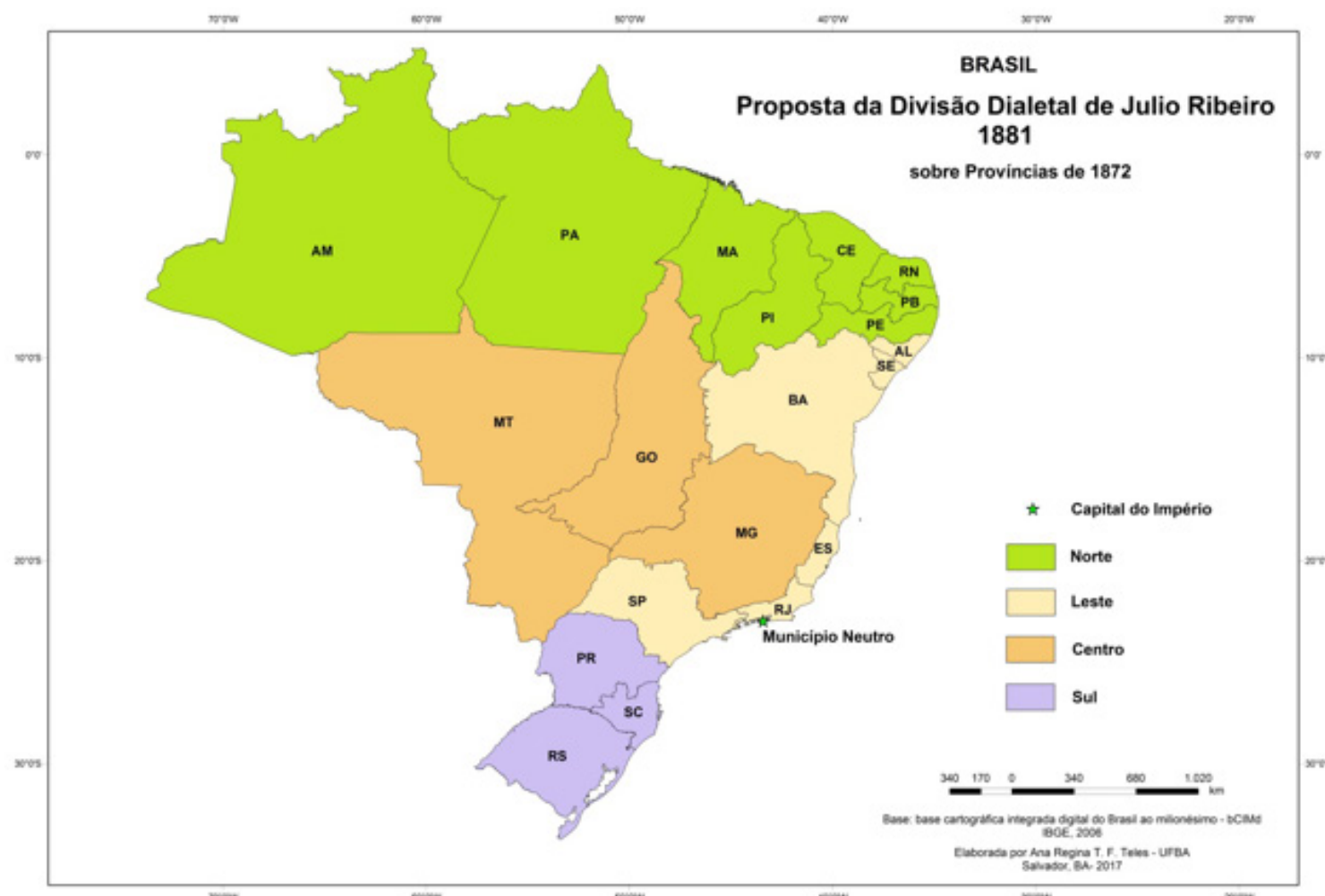
---

<sup>20</sup> Embora o método da sociolinguística variacionista envolva a seleção de um único traço a que são correlacionados condicionantes sociais, linguísticos e cognitivos, a restrição dá-se, unicamente, por restrição metodológica, e não por premissa da teoria (Young, Bayley, 1996).

Antes de Antenor Nascentes, outras propostas para a divisão dialetal do Brasil já haviam sido apresentadas. Todas elas, como advertia Serafim da Silva Neto, esbarravam em dificuldades para se delimitar as isoglossas.

Em sua *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil*, o professor Serafim da Silva Neto já tinha salientado que a divisão do nosso país em áreas linguísticas esbarrava diante de uma grande dificuldade: a falta de determinação das isoglossas.

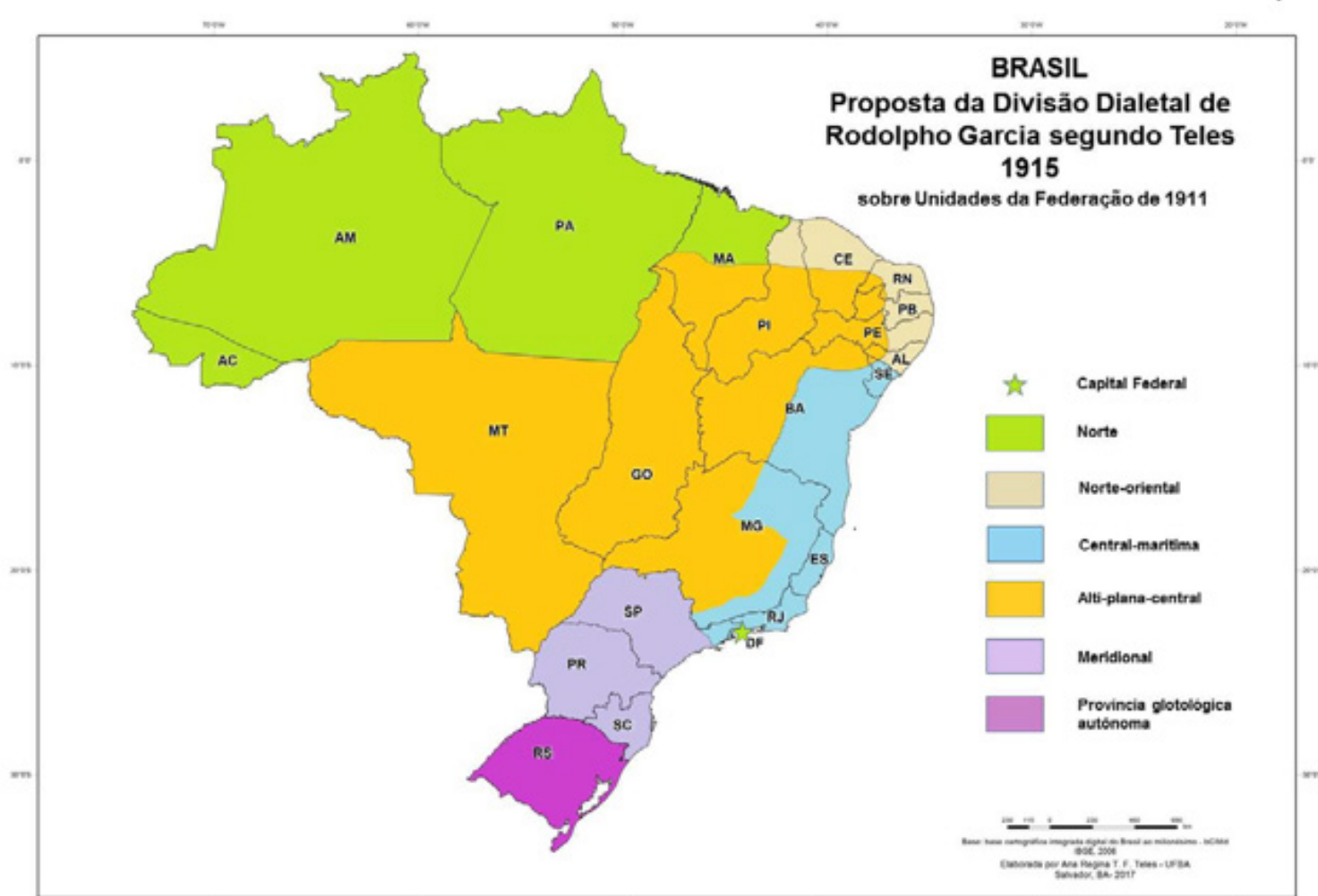
Essa divisão foi tentada por Júlio Ribeiro, Maximino Maciel, Rodolfo Garcia e pelo autor deste trabalho. (Nascentes, 2003 [1955], p. 691)



Teles, 2018, p. 84



Teles, 2018, p. 87



Teles, 2018, p. 90

Tanto Júlio Ribeiro, como Maximino Maciel (sergipanos, diga-se), estabeleceram critérios geográficos. João Ribeiro (outro sergipano) estabeleceu um critério histórico. Rodolfo Garcia, por seu turno, tenta articular critérios históricos e geográficos. Tanto o critério histórico quanto o critério geográfico centram-se nos princípios de objetividade, racionalidade, sistematicidade e replicabilidade da ciência. A preferência por parâmetros relativamente estabelecidos ou consensuados, como os critérios geográficos e históricos, por outro lado, revela a profunda carência de materiais descritivos da língua no Brasil. Não seria por gramáticas (e Maximino Maciel, Júlio Ribeiro e João Ribeiro escreveram gramáticas) que as isoglossas das variedades do português no Brasil poderiam ser traçadas. A combinação de critérios geográficos e históricos pode ser amparada no conhecimento pré-existente sobre geografia e história, mas nada ou pouco dizia sobre critérios linguísticos, ou como a língua se configurava nestas fronteiras.<sup>21</sup>

Se as isoglossas precisavam de língua, a sua experiência de viajante poderia auxiliar, tal como na dialetologia perceptual, a definir regiões. Hoje, colocar em mapa as diferenças percebidas quanto à língua é relativamente simples, tanto que circula como piada ou brincadeira. É famosa a treta bolacha vs. biscoito, com diversos mapas circulando nas redes. Alguns baseados em enquetes, outros baseados nas experiências próprias. Mas em geral os aspectos linguísticos que são manipulados conscientemente são aqueles no plano do significado. Antenor Nascentes bem sabia a diferença entre um linguista popular que acessa conscientemente o nível do significado da língua e um dialetólogo ou sociolinguista. Enquanto o senso comum maximiza as diferenças mais perceptíveis no nível do léxico, o conhecimento científico tem base na distinção fonológica:

Toda gente repara que *tangerina* no Rio Grande é *bergamota*, que *aipim* no Nordeste é *macaxeira*, que *abóbora* no Nordeste é *jerimum*, etc. etc.

Isso está ao alcance de qualquer leigo.

É o aspecto que mais tem impressionado os que amadorescamente se metem a dialectólogos.

Mas não é aí que se acha a maior diferenciação, a característica dos falares brasileiros.

---

21 Teles (2018, p. 91-92) apresenta outras propostas de divisão dialetal, como a de Renato Mendonça (1936), baseada em evidências indiretas (monografias dialetológicas e glossários), além do perfil étnico e histórico do povoamento de cada região: I – amazônica: Acre, Amazonas, Pará; II – cearense: Ceará e parte oriental do Piauí; III – nordestina: Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas; IV – baiana: Baía até o São Francisco, Sergipe; V – fluminense: estado do Rio, Distrito Federal e Espírito Santo; VI – caipira: São Paulo e zona fronteira de Minas Gerais; VII – mineira: zona do capiau em Minas Gerais e Baía, além do S. Francisco; VIII – gaúcha: Rio Grande do Sul e sul de Santa Catarina; IX – sertaneja: Goiás e Mato Grosso. Interessante é a proposta de divisão de Eugenio de Castro (1941), que considera três dimensões geográficas: gado (nordeste, sertões mineiros e goianos), bandeiras paulistas e a da canoa, do Maranhão à Amazônia (Teles, 2018, p. 80).



Essa diferenciação está na fonologia, no plano da expressão.

A fala brasileira se distingue nitidamente em duas zonas.

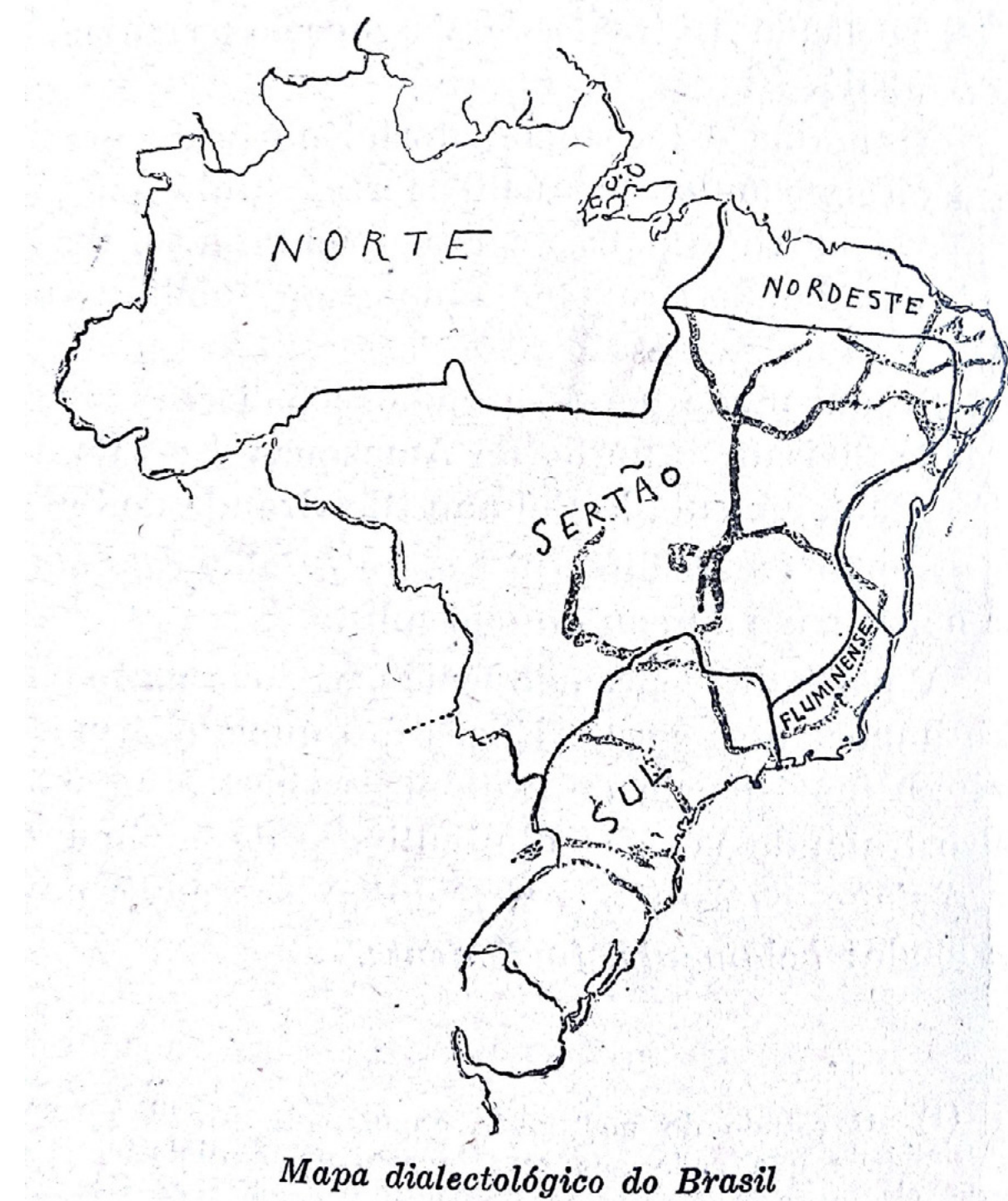
Uma que abre as protônicas e tem uma entoação especial e outra que não abre senão em determinados casos e tem uma entoação especial.

Uma ao Norte, outra ao Sul. (Nascentes, 2003 [1967], p. 319).

A chegada até este ponto de generalização demandou um longo percurso, não só de viagens, mas de estudo e debate (comentários aos seus textos foram refletidos e incorporados), e também de militância pela ciência, e resulta em quatro versões do seu mapa dialetal. A primeira, publicada na primeira edição de *O Linguajar Carioca em 1922*; a segunda, apresentada em *O Idioma Nacional* (1933), e a terceira na segunda edição de *O Linguajar Carioca* (1953). O próprio Antenor Nascentes faz o percurso de sua proposta, em *A Divisão Dialectológica do Território Brasileiro* (1955), publicado na *Revista Brasileira de Geografia*.



Teles, 2018, p. 103



Nascentes, 1933, p. 244



Nascentes, 1953, p. 18



Nascentes, 1955, p. 218

Na primeira edição de *O Linguajar Carioca em 1922*, Antenor Nascentes explica que a proposta de divisão dialetal se ampara nos sucessores, combinando critérios geográficos e históricos que resultam em quatro falares: Nortista, Fluminense, Sertanejo, Sulista. Posto à prova e discussão, como de seu costume aberto ao debate salutar, Antenor Nascentes incorporou na sua nova versão as críticas. Questionou Lindolfo Gomes: “Como é que toda a Minas poderá com o sertão da Bahia, Goiás e Mato Grosso, constituir o subdialeto central ou sertanejo? A mata mineira não haverá que pertencer de preferência ao grupo fluminense e capixaba, e isso mesmo quanto a limitadas zonas do Espírito Santo e do Estado do Rio?” (Nascentes, 2003 [1955], p. 698-699).

O viajante revela que, mais do que critérios geográficos, foram considerados os dados recolhidos na sua experiência, tipo dialetologia perceptual.

Quando fizemos aquela divisão, havíamos percorrido pequena parte do nosso território. Conhecíamos Minas Gerais, Espírito Santo, estado do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Recife e Salvador.

Atendendo às justas ponderações de Lindolfo Gomes, alteramos em 1933 a divisão de 1922 quando fizemos o mapa dialectológico constante da página 244 do quarto tomo da série *O Idioma Nacional*. (Nascentes, 2003 [1955], p. 699).

Outro ponto para discussão foi oferecido por Renato Mendonça, que apontou “certos equívocos como fazer entrar no subdialeto sulista regiões dialectologicamente diversas, como São Paulo e Rio Grande do Sul. A língua da Amazônia oferece numerosas características que a distinguem nitidamente de Pernambuco e da Bahia, todos enfeixados no dialeto nortista.” (Nascentes, 2003 [1955], p. 699), ao que Antenor Nascentes replica:

Só a segunda crítica é procedente.

A primeira, não. O subfalar do Rio Grande do Sul, com que Rodolfo Garcia quase constituiu uma zona à parte, é muito típico, por vários motivos, mas não a ponto de destacar-se das linhas fundamentais do subfalar sulista.

Por conseguinte, está muito bem, junto com São Paulo. (Nascentes, 2003 [1955], p. 699).

Nascentes observa ainda que a separação da Amazônia já tinha sido sanada na versão do mapa dialetal publicado em 1933, que fora citado por Renato Mendonça.

A versão de 1955, amplamente difundida e que subsidia as *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil* (1958), é resultado de muita viagem e de atenção aos critérios linguísticos. Como ele próprio adverte: não é a definitiva, mas o mais próximo da “verdade”.

Hoje que já realizamos nosso ardente desejo de ter conhecimento lés a lés, do Oiapoque ao Chuí, de Recife a Cuiabá, fizemos nova divisão que nem consideramos nem pudéramos considerar definitiva, mas sim um tanto próximo da verdade.

Dividimos então o falar brasileiro em seis subfalares, que reunimos em dois grupos a que chamamos do norte e do sul.

O que caracteriza estes dois grupos é a cadência e a existência de protônicas abertas em vocábulos que não sejam diminutivos nem advérbios em -mente.

Basta uma singela frase, ou mesmo uma simples palavra, para caracterizar as pessoas pertencentes a cada um destes grupos. (Nascentes, 2003 [1955], p. 701).

Não só não definitiva, como também não consensual. Nascentes reporta que sua proposta de divisão dialetal fora rejeitada por Silveira Bueno: “Nossa divisão dialetal foi rejeitada pelo

Professor Silveira Bueno em seu livro *A Formação Histórica da Língua Portuguesa*, p. 312.” (Nascentes, 2003 [1955], p. 702). E, ele próprio, a partir das suas experiências, foi adicionando parâmetros, tal como o parâmetro da palatalização:

E agora, dialetalmente, temos a oposição, a palatalização do *d* e do *t*. Nós dizemos, por exemplo, *Minha tia, bom-dia*, palatalizando o *d* e o *t*. Aliás, é um fenômeno não geral em todo o Brasil. Eu estive no Ceará há dois anos e fui informado que há uma região ali perto do Cariri em que absolutamente não se dá tal palatalização. É uma região em que o *d* e o *t* não se palatalizam. (Nascentes, 2003 [1962], p. 281).

O seu percurso de construção do mapa da divisão dialetal permitiu refletir sobre um aspecto que os estudos descritivos em larga escala posteriores evidenciam, que as diferenças entre as variedades, ou entre as isoglossas não são tão grandes quanto podem parecer no nível perceptual: “Releva notar que no Brasil, apesar de sua enorme extensão territorial, as diferenças são pequenas em toda parte.” (Nascentes, 2003 [1955], p. 703). Muito consciente das suas limitações e cumprindo seu papel ativista na ciência brasileira, Antenor Nascentes profetiza: “Nosso trabalho, repetimos, não é e nem podia ser definitivo. Aguardemos o Atlas Linguístico do Brasil (até quando?), para um trabalho definitivo.” (Nascentes, 2003 [1955], p. 704).

A proposta do Atlas Linguístico do Brasil tinha provisão legal, o decreto 30.643/1952, que criou a Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa, que tinha Antenor Nascentes como um dos integrantes. Hoje, o Atlas Linguístico do Brasil (Cardoso, Mota, 2012) é o projeto de documentação linguística com maior capilaridade no Brasil.

Antenor Nascentes lutou por uma ciência estruturada. Propunha a criação de um instituto de Filologia. Lutava por financiamento e apontava as limitações para a pesquisa: “Eu ponderei que não valia a pena tratar de fonética enquanto não houver um laboratório de fonética instrumental no Brasil. Não convinha também tratar de dialectologia porque neste assunto só se pode escrever com segurança depois de observações *in loco*” (Nascentes, 2003 [s/d], p. 354). As dificuldades eram muitas: “Para se fazer um estudo de caráter dialetal, tem-se de andar catando pulgas aqui e ali.” (Nascentes, 2003 [1955], p. 703).<sup>22</sup>

<sup>22</sup> Antenor Nascentes é também precursor do que hoje se tem chamado de pluricentrismo sem uma variedade dominante. Estudos sociolinguísticos vêm apontando a configuração do português brasileiro como pluricêntrico (Freitag, Savedra, 2023). Castilho (2010) advoga em favor do caráter pluricêntrico do português brasileiro, e atribui a Nelson Rossi a proposta.

## 4. Afinal, Antenor Nascentes é um sociolinguista popular?

Antenor Nascentes é um sociolinguista popular, como qualquer sociolinguista deveria ser. Um pouco de dialetologia perceptual é crucial para abrir os ouvidos, como Antenor Nascentes turstando por aí, ou se mudando (Freitag, 2016) como eu...

Mais: Antenor Nascentes é um cientista como qualquer cientista deveria ser: engajado, atento e colaborativo.<sup>23</sup>

Antenor Nascentes é *pop* e *top*!

---

Com a Independência e a ascensão dos brasileiros a cargos governamentais, configurou-se outra variedade de prestígio, e com isso o português culto do Rio de Janeiro, capital da Colônia, e depois do Império e da República, foi considerado como um novo padrão, passando a ser utilizado nos materiais didáticos e mesmo em congressos científicos como a modalidade a ser adotada por quem quer que buscasse prestígio linguístico em sua comunidade. Bem, isso é o que se diz, pois nunca se comprovou por pesquisas empíricas que os brasileiros cultos das diferentes regiões brasileiras falam, ou falaram, de fato como os cariocas.

Com a mudança da capital para Brasília e o desenvolvimento de outras regiões, passou a ocorrer no Brasil uma situação de policentrismo cultural, claramente prevista por Rossi (1968/1969). Hoje é uma tarefa inútil buscar na fala do Rio, de São Paulo ou de qualquer outra região um padrão válido para todo o país. Ao longo desta gramática, tenho repetido que dispomos de diversos padrões linguísticos, cujo prestígio vale para as regiões em que são praticados (Castilho, 2010, p. 205-206).

Antes de Nelson Rossi, Antenor Nascentes já sinalizava para este cenário. Celso Cunha (2003, p. 160) sumariza:

Quanto a essa questão ainda muito controversa do status linguístico do português do Brasil, força é admitirmos que, se Nascentes nunca chegou a uma conceituação que o satisfizesse plenamente, sempre sentiu e proclamou que as variantes nacionais de nosso idioma deviam consideradas em nível de norma de forma paritária [...].

Apesar do reconhecimento da não distinção, também levanta questões sobre a difusão da norma: “A gíria carioca tem força centrífuga. Espalha-se por todo o Brasil graças ao rádio, à televisão, às revistas teatrais, às canções carnavalescas, de modo que é fácil encontrá-la por todo o País.” (Nascentes, 2003 [1967], p. 598).

23 Não fui contemporânea de Antenor Nascentes. Por receio de ter deixado passar alguma besteira, pedi para alguém que teve a oportunidade de conviver com ele para ler este texto. Como essas histórias precisam passar adiante, tomo a liberdade de incluir o relato de Ataliba Castilho:

Conheci o prof. Nascentes pessoalmente. Participamos do simpósio sobre o português contemporâneo, organizado em Coimbra. Depois, por duas vezes o convidei a falar aos meus alunos em Marília, no interior do estado de São Paulo.

Ele fazia suas refeições em casa, preparadas por minha então jovem esposa, Célia. Ali, ele contava muitas coisas de sua vida. Teve uma origem modestíssima. Lecionou e escreveu, e quando construiu sua primeira casa teve a ideia de pintar de preto um dos tijolos do alicerce. Tempos depois, ao fazer uma casa maior, retirou aquele tijolo e o colocou no alicerce da casa nova.

Contava como trabalhava, sempre fichando suas leituras e recolhendo as fichas em caixas de sapato. Foi assim que ele escreveu o primeiro dicionário etimológico da língua portuguesa.

Era um encanto de pessoa.

Um dia, em Marília, ele me segurou pelo braço e foi dizendo:

– Vamos inverter as coisas hoje. Vou assistir à sua aula.

Sentou-se lá no fundo. Era uma aula sobre história externa da língua portuguesa. Suei frio. Ao final, ele me disse que não conhecia ninguém no Rio que desse uma aula tão atualizada sobre aquele tópico. Sempre me ajudou muito. Célia e eu guardamos dele as melhores lembranças.

# Referências

ALBURY, Nathan. Uma introdução sobre a linguística popular da política de línguas (An introduction to the popular linguistics of language policy). **Estudos da Língua (gem)**, v. 19, n. 2, p. 43-65, 2021.

BARBADINHO NETO, Raimundo. **Estudos filológicos**: volume dedicado à memória de Antenor Nascentes. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2003. v. 1, p. 748.

CARDOSO, Suzana Alice; MOTA, Jacyra Andrade. Projeto Atlas Linguístico do Brasil: antecedentes e estágio atual. **Alfa: Revista de Linguística**, v. 56, p. 855-870, 2012.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

FREITAG, Raquel Meister Ko. *et al.* Desafios da gestão de dados linguísticos e a Ciência Aberta. **Cadernos de linguística**, v. 2, n. 1, p. 1-19, 2021.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Sociolinguística no/do Brasil. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 58, n. 3, p. 445-460, 2016.

FREITAG, Raquel Meister Ko.; SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães. Contatos, Mobilidades e Línguas no Brasil. *In*: FREITAG, Raquel Meister Ko.; SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães (org.). **Mobilidades e Contatos Linguísticos no Brasil**. São Paulo: Blucher, 2023. p. 13-26.

MACHADO-VIEIRA, Marcia dos Santos *et al.* Acervos de dados abertos à sociedade. **Cadernos de Linguística**, v. 2, n. 1, p. e607-e607, 2021.

NASCENTES, Antenor. **Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1958.

NIEDZIELSKI, Nancy A.; PRESTON, Dennis R. **Folk linguistics**. Walter de Gruyter, 2010.

PRESTON, Dennis R. Handbook of perceptual dialectology. **Handbook of Perceptual Dialectology**. John Benjamins, 1999.

PRESTON, Dennis R. Métodos em Linguística Popular (aplicada): o que pensa o povo? (Methods in (applied) folk linguistics: getting into the minds of the folk). **Estudos da Língua(gem)**, v. 19, n. 2, p. 9-42, 2021.

SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães; SPINASSÉ, Karen Pupp. Estudos de contato no GT de Sociolinguística. **Revista da Anpoll**, v. 52, n. esp, p. 103-117, 2021.

SILVA, Ana Maria da. **Itinerários da produção intelectual de Antenor de Veras Nascentes na comunicação científica**. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro / Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 2012.

TELES, Ana Regina Torres Ferreira. **Cartografia e georreferenciamento na geolinguística**: revisão e atualização das regiões dialetais e da rede de pontos para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil formuladas por Antenor Nascentes. 2018. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) - Universidade Federal da Bahia, 2018.

YOUNG, Richard, BAYLEY, Robert. **Appendix: VARBRUL Analysis for Second Language Acquisition Research**. 1996. Disponível em: <https://doi.org/10.1075/sibil.10.11you>.

Publique com a gente e  
compartilhe o conhecimento

 **Letraria**<sup>®</sup>

[www.lettraria.net](http://www.lettraria.net)



